

**FERNANDO
NOGUEIRA DA
COSTA**

LEITURAS
DE CABECEIRA

BIOGRAFIA E FUTEBOL

CIDADANIA & CULTURA

fernandonogueiracosta.wordpress.com

© Blog Cultura & Cidadania – 2019

Fernando Nogueira da Costa

COSTA, Fernando Nogueira da
Leituras de Cabeceira: Biografia e Futebol.
Campinas, SP: Blog Cultura & Cidadania, 2019.
105p.

1 Biografia. 2. Futebol.
3. Resenha. I. Título.

330
C837I

Sumário

PREFÁCIO	4
Parte I - BIOGRAFIAS	8
<i>Autobiografia de Federico Sánchez</i>	9
<i>A Noite do Meu Bem: A História e as Histórias do Samba-Canção</i>	13
Dick Farney e a Americanização da Música Popular Brasileira: Cantor de Jazz + Samba = Samba-Canção.....	16
Rio Baby-Boom	19
Quase Todos os Brasileiros Querem se Mudar Para Um Novo País, Mais Democrático, Sob Nova Administração.....	24
<i>Chatô: O Rei do Brasil</i>	30
<i>Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo</i>	33
<i>Revolucionário e gay - A vida extraordinária de Herbert Daniel</i>	39
<i>Longa Caminhada Até A Liberdade - Autobiografia de Nelson Mandela</i>	52
Luta contra Segregação Racial: Legado da Vida de Mandela	55
Os Caminhos de Mandela: Lições de Vida, Amor e Coragem	59
<i>Steve Jobs - A Biografia</i>	66
<i>Vida de Keith Richards</i>	71
Parte II - FUTEBOL	74
<i>Como o Futebol explica o Mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização</i>	75
<i>Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol</i>	79
Tragédia do Futebol Brasileiro: Derrota dos 7 a 1 Não Foi Por Acaso	81
Comparação Tática entre o Futebol Europeu e o Brasileiro.....	83
Queda de Qualidade do Futebol Brasileiro	86
Papel dos Técnicos no Futebol.....	88
Violência, Troca de Favores, Jogo de Interesses, Torcidas Organizadas, Avanço Tecnológico: Sociedade do Espetáculo do Futebol	90
<i>Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia - e até mesmo o Iraque - podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo.</i>	93
Soccernomics: O Pior Negócio do Mundo: Porque os Clubes de Futebol Não Ganham Dinheiro (e Não Deveriam Ganhar) Dinheiro.	94
Soccernomics: Como o Clube escolhe o Técnico de Futebol	96
Futebol e o Acaso	97
<i>Os Números do Jogo: Por que tudo o que você sabe sobre futebol está errado</i>	100
Futebol: Sorte ou Talento?	102
Lei dos Grandes Números: Jogar na Espera do Erro Alheio	103
<i>A Dança dos Deuses - Futebol, Sociedade, Cultura</i>	106
<i>Futebol: o Brasil em Campo</i>	109
<i>Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil</i>	112
BIBLIOGRAFIA.....	113
SOBRE O COMPILADOR.....	115

PREFÁCIO

A leitura revela traços de personalidade? E se a leitura for plural, múltipla, diversa em termos de assuntos e ideologia? Expressa falta de personalidade ou pensamento múltiplo e tolerante com a diversidade?

Necessitamos ter empatia com outras pessoas - e os livros nos permite isso. Ao nos colocarmos no lugar dos outros imaginamos como eles se sentem naquela posição. Essa postura é favorável, seja à solidariedade e à cooperação, seja para fazer negócio com uma proposta boa para ambos: o comprador e o vendedor.

Cada qual tem suas preferências pessoais, mas se há critérios subjetivos para avaliar um livro, quando ele entra na memória afetiva e jamais sai, há também critérios objetivos para fazer uma resenha de um livro.

O método para escrever resenhas, aprendido com um mestre e transmitido para meus alunos, tem quatro passos:

- Primeiro, contextualize o livro dentro de algum debate, mostrando qual é o “estado-da-arte”.
- Segundo, resuma o dito por o(s) autor(es) em suas próprias palavras, sem nenhum adjetivo.
- Terceiro, confronte a segunda parte com a primeira, isto é, mostre o avanço do autor em relação ao debate.
- Quarto e último, conclua avaliando o que ele poderia ter avançado e não o fez. Desse modo, o autor da resenha apresenta sua contribuição original ao debate. Só!

Ao se aproximar a data do nono aniversário do meu blog pessoal, surpreendentemente, constatei ter publicado trezentos e trinta artigos-resenhas. Ele me incentivou a leitura e o compartilhamento de minhas impressões a respeito de livros. Estes dividem com a música e o cinema minhas preferências de lazer. Sim, há tempos descobri o modo profissional de fazer o que faria de graça (ler) e ainda me pagarem por isso!

Misturo *fazer* e *lazer*: gosto de compartilhar tudo apreciado por mim. Vou aprendendo com a vida - e as leituras - e devolvo à sociedade, isto é, para quem quiser ler, o aprendido a partir de ensino público gratuito.

O blog se tornou um grande banco de dados e informações. Uso-o para organizar aulas e palestras. E, agora, livros. Podem ser úteis para alguém estudar.

Receio perder a memória... Por isso registro por escrito meus comentários sobre os livros lidos. Seu compartilhamento é um trabalho de voluntariado social.

Resolvi fazer coletâneas com as diversas resenhas postadas. Nomeei "Leituras de Cabeceira" pelo meu hábito de ler sempre antes de dormir. "Cabeceira" é um substantivo feminino sugestivo de metáforas válidas para o sentido da coletânea:

1. *em sentido lato, lado, parte ou extremidade de algo que corresponde à cabeça, a frente, a dianteira*
2. *p.ext. topo, extremidade ou parte mais alta*
 - 2.1. *extremidade de uma mesa retangular ou oval*
 - 2.2. *posição ou lugar de maior destaque, junto à mesa de uma refeição ou reunião, ou o que é ocupado pela(s) pessoa(s) mais importante(s)*
3. (1546) *parte da cama em que se repousa a cabeça, ao deitar-se*
4. *travesseiro, almofada para apoiar a cabeça*
 - 4.1. *p.ext. qualquer outro objeto feito ou us. para apoiar a cabeça durante o sono*
5. *parte do local da sepultura correspondente ao lado para o qual está voltada a cabeça do morto*
6. *p.ext. lápide colocada, ger. em posição vertical, nesse lugar, contendo inscrições acerca do defunto*
7. *início, ou os primeiros itens, de uma lista, rol ou relação*
8. *arq local no interior de uma igreja, ger. de forma semicircular e mais elevado que os outros recintos, situado na extremidade da nave principal, onde se encontra o altar-mor*
9. *enc m.q. cabeçada (no sentido de 'cordão ou debrum')*
10. *gráf m.q. cabeça (no sentido de 'as primeiras linhas')*
11. (1710) *B nascente de um rio, riacho; local em que está situada ou a região circunvizinha (mais us. no pl.) <o rio é pequeno e seca nas suas c.>*
12. *B conjunto das melhores reses, mais crescidas ou desenvolvidas, de uma boiada (mais us. no pl.)*

13. B *numa boiada, tropa ou rebanho, os animais que seguem à frente*
14. PA (Marajó) *parte do campo onde pasta o gado, distante do prédio principal da fazenda*
15. etn; MA *no bumba meu boi, toada ou cantiga executada pelo amo*
16. MT *trecho de mata coberto com buritis e onde há nascente(s) de rio(s) ou córrego(s)*

Como substantivo masculino (1557):
17. *chefe, líder, comandante, dirigente; cabeça*
18. B (reg.) *vaqueiro que segue à frente da boiada ou ao lado da parte dianteira desta, logo atrás do guia e tange os animais*

O “livro de cabeceira” é aquele de leitura inesquecível ou memorável. Renovaremos sempre o interesse antes vivenciado com uma releitura de seu conteúdo através de uma breve resenha. Aqui, além das minhas, compilarei resumos e artigos-resenhas de outros autores, publicados na imprensa, e adequados ao uso didático.

Essa coletânea, um guia/amostra de sugestões de leituras dos originais, é composta pelos seguintes volumes por ordem alfabética:

- Arte de Comunicar
- Arte do Roteiro
- Biografia e Futebol
- Ciência e Filosofia da Mente
- Economia
- Economia Mundial
- Finanças
- História do Brasil
- História dos Povos
- História Geral
- Política
- Sociologia e Comportamentos

Em *Leituras de Cabeceira*, o ensinamento básico a ser lembrado estará sempre à mão, no *iPad* ou *tablet*, para consultas e leituras oportunas. Quem quiser baixá-lo, clique em: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/obras-quase-completas/>

Seus leitores terão a oportunidade de trocar impressões com outras pessoas, incentivando ao interlocutor o avaliar. Se essa leitura for realizada com inteligência e maturidade, devido à seleção de autores produtores de reflexões sábias, a pessoa será incentivada a ser melhor - e mais culta.

Então, indicar leituras de certos livros tem papel educativo. O mundo será melhor com maior escolarização da população e formação de leitores.

Este é o propósito de organizar essa série de coletâneas com as resenhas publicadas no blog *Cidadania & Cultura*: colaborar para a formação de cidadãos completos, conscientes tanto de seus direitos civis, políticos, sociais e econômicos, quanto da necessidade do cumprimento de seus deveres éticos e democráticos. Aliás, *estudar não é um direito a ser exercido ou não, mas é sim uma obrigação de todo cidadão!*

Eu me apresento aqui como quem compila. O compilador enfeixa, em uma única obra, textos, documentos e extratos provenientes de origens diversas. Em sentido pejorativo, acusa-se o compilador de ser um indivíduo cuja tarefa é meramente estruturar um texto sem interesse por se tratar de mero empréstimo de ideias ou passagens de outros autores ou de outras obras. Parodiando Lavoisier, “no processador de texto nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. No entanto, graças a esses sistemáticos estudos de obras de outros autores, ao longo de minha vida, pude escrever com criatividade alguma reflexão própria.

Parte I - BIOGRAFIAS

Autobiografia de Federico Sánchez

Duarte Pereira, 72 anos, é jornalista e escritor. Escreveu belo obituário sobre a morte de Jorge Semprún, publicado no dia 10 de Junho de 2011 no Correio da Cidadania. Como ele e seu companheiro de militância, Fernando Claudin, foram autores importante na minha formação política anti-stalinista nos anos 70, transcrevo seu texto abaixo como introdução de uma citação de Jorge Semprun.

“Jorge Semprún, militante destacado do Partido Comunista Espanhol durante os anos difíceis do franquismo e escritor de grande talento, faleceu em Paris na terça-feira, 7 de junho, aos 87 anos. Sofria, há alguns meses, de um tumor no cérebro.

De Semprún pode ser lida em português sua famosa *Autobiografia de Federico Sánchez* (tradução de Olga Savary, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979). O livro ultrapassa as reminiscências de sua militância no Partido Comunista Espanhol e da resistência democrática e popular ao regime franquista.

Como destaca Semprún no primeiro capítulo do livro, "o tema das relações do intelectual com o partido, e mais amplamente com o movimento operário em geral, é um dos assuntos principais deste ensaio de reflexão autobiográfica" (p. 18).

E acrescenta com precisa ironia, verberando os preconceitos obreiristas difundidos nos partidos comunistas da época: "Isso de 'intelectual' na verdade é faca de dois gumes. Serve como um elogio ou como um anátema" (Ibidem). Mas não falta às memórias do militante e escritor espanhol a coragem também da autocrítica: "Eu tenho sido um intelectual stalinizado. É bom saber que eu o fui e explicar porque o fui" (p. 21).

Jorge Semprún nasceu em Madri, capital da Espanha, em 1923. Filho de um ministro do governo republicano, ele e sua família foram obrigados a exilar-se após a derrota da Frente Popular na guerra civil e a instalação do regime fascista sob o comando do general Franco em 1939. Passaram pela Suíça e pela Holanda, fixando-se finalmente em Paris, na França, onde o jovem espanhol aderiu ao Partido Comunista em 1941 e, logo em seguida, à Resistência francesa.

Preso pela Gestapo em 1943, foi deportado para o campo de concentração de Buchenwald num trem abarrotado de prisioneiros. Essas experiências, apesar de penosas, não o abateram e inspirariam mais tarde seu primeiro romance, *A grande viagem*.

Com a libertação da França e a derrota do nazismo, regressou a Paris, de onde viajava com frequência e identidade falsa para a Espanha, a serviço do Partido Comunista Espanhol, vindo a integrar o Comitê Executivo do Comitê Central do partido de 1956 a 1964. Assumindo posições contrárias ao stalinismo cada vez mais incisivas, e divergindo da orientação seguida pelo partido sob a liderança de Santiago Carrillo, acabou sendo excluído da organização, passando a dedicar-se à literatura e ao cinema.

Escreveu romances em língua espanhola ou francesa, vários premiados, como o livro já referido, que ganhou o Prêmio Planeta de 1977, *A grande viagem*, de 1963, ou *A segunda morte de Ramón Mercader*, de 1969. Foi autor também de roteiros cinematográficos muito elogiados, como o do belo filme *A guerra acabou*, de 1966, dirigido por Alain Resnais e interpretado por Yves Montand, ou os dos consagrados filmes de Costa-Gavras, *Z*, de 1968, e *A confissão*, de 1970.

Com a derrocada do regime franquista, retornou à Espanha, ocupando o cargo de ministro da Cultura de 1988 a 1991, no governo social-democrático de Felipe Gonzalez. Nos últimos anos, tornou-se ardoroso partidário da unificação europeia.

Não é preciso concordar inteiramente com um militante e intelectual para respeitar sua trajetória, admirar sua obra e aprender com suas experiências e reflexões. O século XX, com seus abalos, avanços e retrocessos, não foi fácil ou retilíneo, nem para as lutas sociais, nem para as biografias de seus protagonistas.

Jorge Semprún, um desses protagonistas como comunista ou como democrata, como ativista ou como escritor, merece, apesar das divergências que se possa ter com algumas de suas posições e escolhas, o reconhecimento de todos os militantes proletários e intelectuais críticos que não desistiram de lutar por sociedades autenticamente democráticas e socialistas”.

Autobiografia de Federico Sánchez é, na verdade, a autobiografia de Jorge Semprún datada de 1977. Sua ironia cortante resulta em terapêutica curativa dos seus traumas recalcados dos tempos passados no seio do Partido Comunista Espanhol (PCE), em 11 anos de dura clandestinidade [1953/1964] na ditadura de Franco.

Como era comum o expurgo de militantes comunistas, acabou expulso em 1964 como um “dissidente”, juntamente com Fernando Claudin, por discrepância com a linha oficial de Dolores Ibárruri, “La Passonária”, e Santiago Carrillo. Em história real, contada sem temor do que seria considerado politicamente correto pela esquerda stalinista, dissecou com fatos vívidos o mau caráter de ícones espanhóis do comunismo internacional.

Cito passagem, na página 143, onde ele critica *o culto à personalidade típica da tradição stalinista*:

“O Partido resume tudo. Nele se sintetizam os sonhos de todos os revolucionários ao longo de nossa história; nele se concretizam as idéias, os princípios e a força da revolução; nele desaparecem nossos individualismos e aprendemos a pensar em termos de coletividade; ele é nosso educador, nosso mestre, nosso guia e nossa consciência vigilante, quando nós mesmos não formos capazes de ver nossos erros, nossos defeitos e nossas limitações; nele nos tornamos um todo e nos tornamos, cada um de nós, um soldado espartano da mais justa das causas e, todos juntos, um gigante invencível; nele, as idéias, as experiências, o legado dos mártires, a continuidade da obra, os interesses do povo, o futuro da pátria, e os laços indestrutíveis com os construtores proletários de um mundo novo em todos rincões da Terra estão garantidos”.

São palavras de Fidel Castro, Primeiro Secretário do PCC, Primeiro Ministro, Comandante em Chefe dos Exércitos de Terra, Mar e Ar, Primeiro Jogador de Basquetebol, Primeiro Especialistas de Vaca Leiteira, Primeiro Agricultor e Machetero, no Primeiro Congresso do PC de Cuba.

São palavras significativas, duplamente significativas. Primeiro, porque resumem luminosamente com gotas de retórica castelhana, que ressaltam a solenidade quase religiosa do parágrafo, toda a tradição do partido stalianiano, cujas características foram codificadas na época do Komintern. E, em segundo lugar, porque são pronunciadas por Fidel Castro, caudilho popular e populista, combatente valoroso que não procede precisamente dessa tradição, porém que acabou tomando-a para si, fantasmaticamente, à medida que a Revolução Cubana perdia sua substância originária, se afastava de seus fins libertadores, para se converter em outro regime burocrático de capitalismo de Estado, com seus traços específicos, claro, mas essencialmente ajustado ao modelo social da União Soviética e dos países do Leste Europeu.

Naturalmente, ao sintetizar liricamente o que é o Partido (a maiúscula é de Castro: também nisto se ajusta à tradição), ao glorificá-lo e deificá-lo, Fidel Castro silencia sobre um aspecto essencial de semelhante concepção da vanguarda comunista: a necessidade de se ter na cúpula da organização um Chefe Máximo, um Grande Timoneiros, um Generalíssimo, um Primeiro Secretário. Na realidade, todas as virtudes que Fidel Castro atribui ao Partido são suas próprias virtudes pessoais - reais ou supostas, porém consubstanciadas a este tipo de dirigente carismático da revolução - são as suas próprias virtudes teologais. Quando se está falando do Partido, Fidel Castro está fazendo seu auto-retrato imaginário: o partido é seu ego e seu

super-ego. O Partido resume-o todo e Ele resume o Partido e nele o Partido se consome, ou seja, é consumido e consumado”.

A Noite do Meu Bem: A História e as Histórias do Samba-Canção

Depois de reconstituir o mundo da bossa nova no já clássico *Chega de Saudade: a história e as histórias da bossa nova*, Ruy Castro mergulha no universo do samba-canção e das boates cariocas dos anos 1940, 50 e 60 no livro *A noite do meu bem: a história e as histórias do samba-canção* (São Paulo: Companhia das Letras; 2015).

Até 1946, quando o presidente Eurico Gaspar Dutra proibiu os jogos de azar no Brasil, a noite carioca girava em torno dos grandes cassinos: o da Urca, o do Copacabana Palace, o Atlântico, ou mesmo, subindo a serra, o Quitandinha, em Petrópolis. Eram verdadeiros impérios da boemia, onde a roleta e o pano verde serviam de pretexto para espetáculos luxuosos, atrações internacionais e muito champanhe.

A canetada presidencial gerou uma legião de desempregados - músicos, cantores, dançarinas, coristas, barmen, crupiês - e um contingente ainda maior de notívagos carentes. Os cassinos fecharam para sempre, mas os indestrutíveis profissionais da noite, sem falar nos boêmios de plantão, logo encontraram um novo habitat: as boates de Copacabana.

Eram casas em tudo diversas dos cassinos. Em vez das apresentações grandiosas, dos espaçosos salões de baile e das orquestras em formação completa - que estimulavam uma noite ruidosa -, as boates, com seus pianos e candelabros, favoreciam a penumbra e a conversa a dois.

Isso não quer dizer que tenham deixado de ser o centro da vida social. Ao contrário, não havia lugar melhor para saber, em primeira mão, da queda de um ministro, de um choque na cotação do café ou de um escândalo financeiro do que nas principais boates, como o mítico Vogue, frequentado por exuberantes luminares da República e por grã-finos discretos e atentos.

Mas a noite era outra: assim como o ambiente, a música baixou de tom. Os instrumentistas e cantores voltaram aos palcos em formações menores, andamento médio e volume baixo, quase um sussurro. Tomava corpo um novo gênero, um samba suavizado pela canção, que encontrou nas boates o lugar ideal para se desenvolver plenamente.

Essa nova música, com seus compositores, letristas e cantores; as boates, com seus criadores, funcionários e frequentadores, e o excitante contexto social e histórico - quando o otimismo com o futuro do Brasil ainda predominava - que fez tudo isso possível são o tema do novo livro de Ruy Castro.

Definir o *samba-canção* é tão difícil quanto explicar o significado de *saudade*.

Ao longo das quase 500 páginas de “A noite do meu bem: a história e as histórias do samba-canção”, o escritor Ruy Castro procura a definição perfeita para o gênero musical focalizado pela obra. “É o samba lento, confessional, com frases musicais longas e licorosas, perfeito para ser dançado de rosto colado”, explica a certa altura; “é a continuação natural de uma tradição romântica da música brasileira, filho ou sobrinho das modinhas, valsas, serestas, marcha-ranchos”, defende mais à frente; “é o samba de mão no ombro”, resume em outro trecho, tomando emprestada uma expressão usada pelo compositor Mário Lago em 1952.

Quase ao final do livro, Ruy encontra as palavras exatas: “É a música a que duas pessoas apaixonadas sempre poderão recorrer quando sentirem o seu amor em perigo”.

Não eram “sambas de sambista”, como se definiam os sambas rasgados e sincopados de Assis Valente, Wilson Baptista ou Geraldo Pereira. Eram sambas, sem dúvida – o ritmo, apesar de mais lento, era inconfundível –, só que românticos, intimistas e confessionais, com frases musicais longas e licorosas, perfeitos para ser dançados como sambas, mas devagarinho, com o rosto e o corpo colados.

O samba fora para a cama com a canção, numa romântica noite de bruma, e resultara neles, os sambas-canção, com suas letras narrativas, que contavam uma história – e esta, com frequência, se referia a um caso de amor desfeito, como de praxe nas músicas românticas em qualquer língua.

Naquele imediato pós-guerra, o samba-canção era a grande novidade no mercado musical. Todos os compositores e letristas do primeiro time começaram a produzi-lo e, com a implantação das boates no Rio, ele ganhara um habitat perfeito. Um passeio ao passado remoto mostraria, no entanto, que o samba-canção era a continuação natural de uma tradição romântica da música brasileira que começara no século XIX – filho ou sobrinho das canções, modinhas, valsas, serestas, dos foxes e marchas-rancho praticados desde os primórdios por Chiquinha Gonzaga, Anacleto de Medeiros, Ernesto Nazareth, Pixinguinha, (...) e, a partir de 1930, por Orestes Barbosa (em parceria com Francisco Alves ou Silvio Caldas), Lamartine Babo, (...) e muitos outros.

Mas, para que houvesse o samba-canção, foi preciso que houvesse o samba. E este só se estratificou na segunda metade dos anos 1920, quando Ismael Silva e seus amigos do bairro do Estácio apresentaram a primeira leva de composições do gênero – “Me faz carinhos”, “Nem é bom falar”, “Se você jurar” –, que sepultou os maxixes da praça Onze. E, assim como já havia o

choro-canção, o tango-canção e a valsa-canção, o surgimento do samba-canção era inevitável.

Um fator importante para esse amaciamento geral da música popular foi o surgimento, em 1925, nos Estados Unidos, da gravação elétrica, com microfone, aposentando a gravação mecânica, em que eram a força dos pulmões e o volume dos instrumentos que imprimiam a música na cera. A música americana foi a primeira a acusar os benefícios dessa transformação, com o fox-trot – pesado, sincopado e dançante, como o maxixe – dando origem ao fox-canção, como o praticado por todos os compositores americanos, de Irving Berlin a Stephen Sondheim, dos primeiros sessenta anos do século XX.

Do samba do Estácio ao samba-canção, foi apenas um passo. E este passo foi dado pelo maestro e pianista Henrique Vogeler, ao compor para o teatro a melodia de “Linda flor” – uma canção que podia ser dançada como um samba ou um samba suavizado pela canção. “Linda flor” ganhou uma letra de Marques Porto e outra, esta definitiva, de Luiz Peixoto: “*Ai, ioiô/ Eu nasci pra sofrer/ Fui olhar para você/ Meus zoinho fechou...*”. Lançada por Aracy Cortes em 1929, com o título de “laiá”, tornou-se popularmente “*Ai, ioiô*”, e assim ficou. Nascia um gênero.

Ary Barroso foi fundamental para a consolidação desse gênero ao compor grandes sucessos – e todos, grandes sambas-canção, mas quem os classificava como tais? O próprio Noel Rosa, tão admirado como sambista, não era o autor daquelas maravilhas que Aracy de Almeida iria cantar no Vogue anos depois?

Mas, no selo dos discos daquela época, muitos e legítimos sambas-canção eram rotulados apenas como sambas. Isso pode ter adiado o seu reconhecimento como uma forma musical específica, embora não impedisse que se firmasse. O fato é que, desde que o samba é samba, fizeram-se sambas-canção. O público é que não sabia que se chamavam assim.

Ary e Noel foram apenas alguns dos que prepararam o terreno para que, nos anos 40, surgissem compositores que, em breve, seriam especialistas do samba-canção: Herivelto Martins (“Ave-Maria no morro”, 1942), Lupicínio Rodrigues (“Brasa”, com Felisberto Martins, 1945) e Dorival Caymmi (“Dora”, 1945).

É preciso notar que, enquanto esses sambas-canção estavam sendo compostos, gravados e ouvidos por uma enorme população, mal se falava em bolero no Brasil – e o gênero nem era tão conhecido fora dos cabarés de Havana e da Cidade do México. Donde a apressada teoria, sempre repetida, de que o samba-canção é o bolero brasileiro nunca se justificou.

Como o nome diz, ele é um samba em forma de canção – suave, moderada. Ou uma canção em ritmo de samba – este também suave, moderado. É irmão de todas as canções românticas do mundo, como as canções francesas de Charles Trenet e Edith Piaf, os foxes-canção americanos de Cole Porter e Irving Berlin, e, por que não?, os boleros do mexicano Agustín Lara ou do cubano Ernesto Lecuona.

A prova disso é que muitos desses boleros, foxes e canções francesas faziam parte do repertório dos pianistas das boates cariocas – em ritmo de samba-canção.

Dick Farney e a Americanização da Música Popular Brasileira: Cantor de Jazz + Samba = Samba-Canção

Ruy Castro quis escrever o livro *A noite do meu bem: a história e as histórias do samba-canção* para suprir uma falta sempre sentida por ele. Nunca entendeu por que o samba-canção foi tão desprezado pela historiografia da música brasileira. É como se fosse um pecado o samba ter sido produzido e apreciado também em ambientes sofisticados.

Extremamente sofisticados, é preciso que se diga. Apesar de um dos primeiros sambas com características de canção ter sido feito ainda em 1929 (“Amizade”, de Ary Barroso, lançado por Francisco Alves), foi nas luxuosas boates que infestaram a noite de Copacabana no fim dos anos 1940 que o gênero viveu sua era de ouro.

Esta nova música, cuja gestação vinha de longe, tomou aos poucos espaços como a boite Vogue ou o Golden Room do Copacabana Palace, com seus compositores e cantores de quem não se sabia onde terminava a arte e começava a vida. Eram lugares onde se podia chegar a qualquer hora da noite, sem hora certa para fechar, para beber, jantar, ouvir boa música, dançar e se informar.

Era onde negócios eram fechados e os casos românticos fervilhavam. Ruy Castro leu muitas memórias de embaixadores, diplomatas, políticos para reconstituir essa vida privada dos ricos, dos poderosos e as farras do Clube dos Cafajestes, grupo famoso de playboys filhinhos-do-papai rico.

Após Dick Farney gravar “Copacabana”, na Continental, a música brasileira nunca mais seria a mesma. Como não se considerava capaz de interpretar sambas, Dick parecia condenado a perpetrar perfeitas imitações de Bing Crosby cantando música americana com o conjunto Milionários do Ritmo – e a não chegar a lugar algum.

A primeira providência era quebrar sua resistência e fazê-lo cantar em português. Assim, Braguinha deu-lhe “Copacabana”, e o resultado foi estrondoso. Para Dick, esse 78 representou uma nova carreira e, conscientemente ou não, introduziu ali um novo jeito de cantar: delicado, quase feminino, como Orlando Silva, mas natural e sem afetação, como o mesmo Bing. E, ao contrário do que depois diriam os puristas, as grandes massas não se ofenderam com isso – porque “Copacabana” ficou nas paradas pelo ano e meio seguinte.

Além disso, Crosby era uma influência quase inevitável – afinal, inventara o canto popular moderno. Era imitado pelos cantores americanos, ingleses, franceses, cubanos e de onde mais houvesse música popular. Dez anos antes, o próprio Orlando Silva acusara essa influência ao surgir cantando para o microfone – como Bing –, e não contra ele, como a maioria de seus colegas.

Com sambas românticos, mais adequados ao seu estilo, Dick seria uma sensação. “Copacabana” era mais do que adequado. Era uma revolução. Sua letra representava a saída da música brasileira para o mar – até então, exceto pelas primeiras marinhas de Caymmi, ignorado como inspiração e temática. Era também o primeiro samba-canção da era das boates, e parecia feito de encomenda para elas – poético, reflexivo, perfeito para as madrugadas à meia-luz. O acompanhamento dispensava os tradicionais flauta, cavaquinho e pandeiro, e mesmo as cordas de Radamés Gnattali poderiam ser substituídas por um piano.

O recado das rádios e das lojas foi entendido pelos demais compositores e cantores. O samba agora era uma canção. Poucos meses depois, no começo de 1947, Dorival Caymmi compôs “Marina” – *“Marina, morena Marina/ Você se pintou/ Marina, você faça tudo/ Mas faça o favor...”* –, e entregou-o a Francisco Alves.

A Continental deu a Dick tratamento de luxo: sua enorme orquestra, regida por José Maria de Abreu, e arranjos de Radamés. Bem diferente de sua gravação de “Marina”, em que ele próprio se acompanhava ao piano e mais nada. Foi este o formato – cantor e piano – que, a convite do barão Stuckart, Dick levou para o Vogue no começo do segundo semestre de 1948, roubando por algumas semanas as atenções que estavam sendo despejadas sobre Aracy de Almeida e Linda Baptista.

Foi sua estreia como atração principal em uma boate e o começo de uma longa história de amor entre ele e a plateia. À razão de duas entradas por noite, à meia-noite e às duas da manhã – garantia de casa cheia para o

barão, antes e depois –, Dick tinha agora um repertório que, por si, já justificava o advento do samba-canção. E, além da música, havia ele próprio.

Para os grã-finos que formavam o público do Vogue, Linda e Aracy eram grossas mas deliciosas, porque autênticas. Já Dick era de outra extração – atraente, bem-nascido (o pai, pianista clássico; a mãe, cantora lírica), ex-aluno do São Bento e do São José, atencioso com as senhoras, levantava-se de um salto à aproximação de uma delas.

Se não estivesse ao microfone, poderia, talvez, estar com esses mesmos grã-finos à mesa, tomando White Horse, fumando Chesterfield e discutindo sobre a superioridade desta ou daquela marca de raquete de tênis ou taco de golfe. E, ao cantar, mesmo que suas letras falassem de amores fracassados, o intérprete mantinha o jeito galante, a fleuma, a compostura. Ou seja, seu samba-canção era sem desespero.

Mas não era essa a regra entre os muitos cantores e compositores que, a partir de 1947, se atiraram apaixonadamente ao samba-canção. A beleza das melodias e a dramaticidade das letras eram para ser exploradas até o último soluço.

Enquanto não surgiam outras revelações além de Dick Farney, os cantores veteranos, com toda a solenidade e impostação que traziam do passado, continuaram a ser os mais procurados – e, entre eles, ninguém mais que Francisco Alves. Somente naquele ano, ele lançou três pesos pesados do novo gênero.

Uma história por trás de “Nervos de aço” correu os bastidores das rádios e das boates cariocas e é contada por Ruy Castro no livro “*A noite do meu bem*”. Na Porto Alegre dos anos 30, o garoto Lupicínio era noivo da mulata Inah e, apesar de apaixonado por ela, hesitava em trocar a boemia pelo casamento. Inah esperou três anos. Quando se convenceu de que Lupicínio não tomaria uma atitude, foi à luta. Dias depois, ele a viu na rua da Praia, pendurada no braço de um homem – com quem se casaria.

Lupicínio desesperou-se, teve ganas de matar ou morrer. Mas acalmou-se, apelou para seus “nervos de aço” e fez do sofrimento um samba-canção. A partir daí, por seu suposto histórico de amores desastrosos, criou-se a lenda – estimulada por ele – de que todos os entrecos que cantava tinham-lhe acontecido. O que não era verdade, e só servia para reduzir Lupicínio a uma espécie de cronista da cornitude, quando o que importava era o seu poder, quase insuperável, de penetrar no coração masculino.

Rio Baby-Boom

Nasci em Belo Horizonte, mas morei no Rio de Janeiro na primeira fase de minha infância (1952-1953) e depois retornei na primeira fase de minha vida profissional (1978-1985). Pelas inúmeras férias passadas lá - e, principalmente, pelo grupo de amigos cariocas que até hoje tenho a felicidade de ter -, eu me sinto mais ambientado lá do que na minha cidade-natal.

Eu me pego cantarolando o Xote de Copacabana, música de Jackson do Pandeiro:

Eu vou voltar que não aguento

O Rio de Janeiro não me sai do pensamento

Eu vou voltar que não aguento

O Rio de Janeiro não me sai do pensamento

Ainda me lembro que eu fui à Copacabana

E passei mais de uma semana sem poder me controlar

Com ar de doido que parecia estar vendo

Aquelas moças correndo

de maiô à beira-mar

As mulheres na areia

Se deitam de todo o jeito

Que o coração do sujeito

Chega a mudar a pancada

E muitas delas vestem

Um tal de biquini

Se o cabra não se previne

Dá uma confusão danada

O Rio de Janeiro é central na História do Brasil. Agradou-me conhecer o contexto de minha infância passada lá em meados do século passado... mesmo sendo passado.

Ruy Castro descreve, no livro *A noite do meu bem: a história e as histórias do samba-canção*, o que era o Rio de Janeiro otimista do pós-guerra, da geração *baby-boom*, do samba-canção.

“Em 1950, 68% da população brasileira vivia no campo, dormia cedo, criava galinhas, raramente ia ao dentista e, por não ir ao cinema nem ler jornal, nunca tinha ouvido falar em Hedy Lamarr ou Lourdes Catão. Apenas 32% viviam nas cidades. Destas, o Rio tinha 2,4 milhões de habitantes, São Paulo, 2,2 milhões, e todas as outras, menos – bem menos – de 500 mil. Se Copacabana fosse uma cidade, seus 130 mil habitantes fariam dela a décima maior do Brasil em população, à frente de capitais como Manaus, Maceió, São Luís, João Pessoa e Natal. A maioria das cidades brasileiras limitava-se a uma igreja, uma farmácia e uma estação rodoviária cercadas por uma triste e adormecida zona rural. O Rio, diante delas, era algo das mil e uma noites.

No Rio ficavam o presidente da República – dito assim, parecia importante, embora fosse apenas o Dutra –, os ministérios, as autarquias, o Congresso, o Supremo Tribunal Federal, o corpo diplomático, a presidência dos bancos, a matriz das seguradoras, a indústria editorial, pelo menos quinze jornais diários e inúmeras revistas, quase todos de circulação nacional, treze estações de rádio, as agências de propaganda, a Praia de Copacabana, o Pão de Açúcar, o Copacabana Palace, a Confeitaria Colombo, a Cinelândia, o Fla-Flu, o sorvete Kibon. Os destinos do país se decidiam nos escritórios das avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, com uma ou duas horas para almoço na sede do Jockey Club, ao lado do Theatro Municipal. Mas a noite pertencia a Copacabana, cujo coração ficava no Vogue, e os demais órgãos se espalhavam por – a essa altura – dezenas de boates.

Era onde aconteciam coisas como: juntos e sorridentes, o marido, a mulher e o cunhado entravam no Vogue, e sabia-se que os três formavam um feliz casal. Era romântico. Ou: uma das dez mais elegantes foi provar um vestido na costureira Iracema; quando Iracema se afastou para buscar a roupa, a mulher viu, casualmente, sob um cinzeiro na mesinha, um cheque de seu marido pagando o vestido de outra das dez mais – e apenas se admirou com a casualidade. Ou ainda: o marido de um casal perfeito, momentaneamente sem fundos, apostou a mulher no strip-pôquer – nunca foi tão exata a expressão “pagar para ver”. E muitas outras histórias do gênero, dignas da Belle Époque vienense, como se extraídas dos contos de Arthur Schnitzler – só que reais, verdadeiras, passadas no Rio de 1950.

Enquanto esses pecadilhos se dessem dentro do grupo a que todos pertenciam, não havia lugar para cenas de ciúme ou desgosto. Eles se entendiam. Era um jogo de sedução e de espelhos, em que os protagonistas – adultos, ricos e bonitos – não faziam mais que sua “obrigação ao se desejarem. Mas, se iam à prática, era com compostura e respeito. Raros os casos de flagras e constrangimentos, como o do banqueiro que, por distração, chegou antes da hora à casa em Petrópolis, obrigando sua mulher a esconder o amante no armário – e, mais raro ainda, a se separar do marido para se casar com o amante. Separações e desquites não eram de bom-tom, além de ser antieconômicos em casamentos com comunhão de bens. Grande parte desse balé altamente civilizado se dava no Vogue, [boate] onde o *meneur de jeu* era, veja só, um vienense.

A suas mesas sentavam-se os grandes sobrenomes cariocas, cada qual comportando vários membros e compreendendo pelo menos duas gerações.”

[Esta “nobreza” é uma reminiscência da antiga corte imperial - e Distrito Federal. No Rio de Janeiro me chamam de Fernando Costa, sempre destacando o último sobrenome. No estado de São Paulo sou conhecido como “Fernando Mineiro”. Se tivesse vida profissional em Minas Gerais, provavelmente seria Fernando Nogueira... Curioso, né?]

“Jacinto de Thormes revolucionou o colunismo social brasileiro, até então escravizado ao estilo que se limitava a descrever os pratos de banquetes e listar os presentes – embaixadores, ministros, comendadores – nos salões da velha sociedade carioca. Ele fez diferente. Anteviu que o Vogue esvaziaria esses salões. Pigarreou britanicamente, instalou-se em um canto da boate e esperou pela chegada de seus personagens – todos, como ele, com menos de trinta anos. E eles não faltaram.

Para defini-los, começou a usar a expressão “café-society”, inventada pelo esperto publicista de Nova York, autor do livro *Cafe Society Register*, de 1941. A diferença é que lá era composto de mil nomes, era eclético demais: admitia artistas de cinema, boxeadores, coristas, assessores de imprensa, jornalistas e até gigolôs, de mistura com, estes, sim, os proprietários de grandes empresas, senhoras da alta-roda e jovens debutantes.

No Brasil, onde a sociedade era esnobe e elitista – o colunista-social bem o sabia –, o café-society seria apenas sua parte mais visível e divertida, mas ainda consideravelmente exclusiva. E teria os seus códigos respeitados. Em 1950, a palavra “empresário”, por exemplo, não se aplicava aos investidores, industriais e comerciantes de alto porte. Empresário era o sujeito que vendia jogadores brasileiros para o futebol português ou espanhol – uma espécie de agente, provavelmente com caspa no colarinho – ou um

promotor de espetáculos noturnos. Não se confundiam com os investidores, industriais e comerciantes ricos.

Não que Jacinto de Thormes não fosse a favor de uma certa mistura. Em uma coluna de 1948, ele exortava os visitantes de outros estados: “Compareçam ao Vogue e reparem nos narizes, nos olhos, nos vestidos, nas pernocas, na educação, no silêncio, na matraca, e dancem com música e bebam com água e gelo, e participem do café-society. Se não puderem com o society, pelo menos com o café”. Ele dava a entender que não levava o leitor muito a sério.

Naquele círculo, os “homens de salão” brasileiros, como Jacinto os definiu, sentiam-se como em suas casas — até então isso nunca acontecera no Rio em tão alta escala. E novos códigos foram criados. Ninguém era obrigado a ser rico, mas não se aceitava o descuidado. Os sapatos tinham de ser engraxados diariamente; a barba, feita duas vezes por dia; e o cabelo, cortado a cada quinzena. A partir de certo nível social, um homem deveria ter pelo menos dez ternos de casimira e um ou dois smokings no armário. E os exageros eram criticados, como o do empreiteiro Santos Vahlis, que todos consideravam inconveniente e sem classe — fazia-se ver e ouvir no Vogue como se fosse uma estrela — e se gabava de ter duas mil gravatas.

Ou mesmo o do industrial Dirceu Fontoura, que, de uma só vez, mandou fazer trinta ternos no De Cicco. Não pelo dinheiro que isso custou, mas pela falta de sentido. Dirceu e seu irmão Olavo, fabricantes do Detefon e do Biotônico Fontoura, eram sócios dos Laboratórios Fontoura-Wyeth, fornecedores de antibióticos para todos os hospitais federais do país. O surpreendente é que, com esse cacife, Dirceu não tenha mandado fazer logo sessenta ternos. Mas, se ele fosse de fato elegante, e não apenas rico — diziam os amigos —, teria comprado meia dúzia de ternos no Charvet, na Place Vendôme, em Paris, e estaria mais bem servido.

Quanto às mulheres, algumas só iam mesmo às compras em Paris — e era em Paris que mandavam lavar a roupa —, mas havia uma luxuosíssima alternativa nacional: a Canadá de Luxe. Para todos os efeitos, era uma filial brasileira, em plena esquina de Assembleia com Rio Branco, das *maisons* Dior, Schiaparelli, Chanel, Patou. Foi a Canadá que trouxe para o Rio os vestidos de alças, os de frente única e os tomara que caia, os boleros de fustão, as saias rodadas, as meias com fio preto.

Uma semana depois de lançados lá fora, réplicas absolutamente iguais e autorizadas já estavam disponíveis aqui — os originais eram descosturados para se saber como tinham sido feitos e reproduzidos nos menores detalhes. Acima do salão de alta-costura, onde se davam os desfiles, a Canadá tinha

três andares de ateliê, onde um exército de costureiras passava o dia falando em tules, tafetás, tarlatanas, camurças, feltros, forros, saias godês.

Sua clientela era a chamada *haute gomme*, mas a prova de que parecer rico custava caro é que muitas grã-finas mantinham uma espécie de crediário na Canadá, pagando mensalidades que permitiam um fluxo permanente de novas aquisições. E elas próprias se encarregavam de estender esse fluxo: um vestido que custara o equivalente ao salário de um ministro de Estado, mas que já estava conhecido no Rio, podia ser vendido para uma grã-fina de São Paulo, onde ele ainda era inédito, e de lá seguia carreira nas praças menores. Em alguma dessas praças, uma costureira local o reformava e ele renascia, pronto para novas e inesquecíveis noites.

A clientela existia e era fiel, porque a Canadá funcionava praticamente *full time*. A qualquer hora que se entrasse em suas dependências, em dois minutos haveria cinco modelos desfilando, todas com 1,72 metro de altura (sem sapato) e manequim 42 – entre as quais, naquele período, Ilka Soares, Vera Barreto Leite e Georgia Quental.

Algumas das melhores clientes de Mena e Cândida eram as primeiras-damas dos outros estados, que vinham ao Rio para renovar o guarda-roupa e, certamente com o dinheiro do erário, faziam o serviço completo: lingerie, chapéus, tailleurs, bolsas, capas, estolas, luvas, sapatos, meias, calças compridas e moda praia. À noite, iam estrear as compras nas boates, escoltadas por seus secretários ou por um carioca avulso e atencioso.

Os tempos eram enriquecidos por uma atmosfera permanente de conquista. Muitos maridos mantinham o que, na gíria da época, se chamava a “casa militar” – composta de amante vaidosa e exigente, *garçonnière* em Copacabana, uísque, vitrola, lençóis de seda e, às vezes, carro (para ela) – em contraposição à “casa civil”: esposa, filhos, cachorro, apartamento no Flamengo e estação de águas em Caxambu.

Os mais fogosos costumavam ter duas amantes: a amante propriamente dita – uma mulher de classe, quase sempre esposa de um amigo – e uma vedete do Night and Day ou do Casablanca, para os dias de chuva. Os milionários paulistas tinham amantes permanentes no Rio e, sem que eles soubessem, suas esposas, também – sempre que possível, elas vinham “visitar os parentes”.

Num Rio ainda sem hotéis e em que os melhores hotéis não se abriam para encontros espúrios, as *garçonnières* eram uma necessidade. Os menos abonados as alugavam no centro da cidade, e uma razoável concentração delas ficava na insuspeita praça da Cruz Vermelha, atrás da Lapa. Já os amantes de primeira linha não abriam mão da avenida Atlântica e da vista

para o mar. Nos dois casos, quem cuidava para que a *garçonnière* conservasse uma certa ordem – cama arrumada, cinzeiros limpos, garrafas no lixo – era a mulher do porteiro do prédio, paga por semana.

Esse universo de transgressão e prazer era o cenário das comédias inspiradas nesse pessoal – histórias de trocas involuntárias de casal, esposas e amantes encontrando-se acidentalmente na mesma *garçonnière* e separações que nunca chegavam a se consumar. Esse universo era levado para os grandes espetáculos das boates e para seus shows de humor em pé – *stand-up comedy* –, pioneiros no Brasil.

Essas situações equívocas eram mais plausíveis de acontecer por causa das condições da época. Mesmo que não se fizesse nada, era difícil passar despercebido na rua. Em 1950, o Rio tinha cerca de 50 mil automóveis, todos importados, vistosos e com placas fáceis de decorar.

Não era muito para uma cidade de menos de 2,5 milhões de habitantes, e alguns eram modelos exclusivos, daí reconhecíveis. O Packard azul conversível era de Didu Souza Campos. O Cadillac Coupé de Ville amarelo, de Heleno de Freitas. A Mercedes branca, do barão Stuckart. O inconfundível Cadillac 60 Special, de 1938, de Mariozinho de Oliveira. Ismael Netto, líder dos Cariocas, o radialista Manuel Barcellos e Humberto Teixeira, o inventor do baião, tinham, cada um, um Jaguar. E Victor Costa, diretor da Rádio Nacional, não podia fazer por menos: tinha um Rolls-Royce. Seria quase impossível aos donos de carros tão conspícuos ir a algum lugar e ficar incógnitos.

Por sorte, em fim de governo, o presidente Dutra passou uma lei esdrúxula, facilitando a importação de automóveis a quem passasse algum tempo – qualquer tempo – fora do país. As pessoas começaram a viajar para os Estados Unidos para comprar um carro americano novo; despachavam-no de navio para o Brasil e seguiam viagem. Na volta, vendiam o carro; esse dinheiro pagava o que haviam gastado com passagens e hotéis, e ainda sobrava troco. A cidade foi inundada de Cadillacs e outras marcas famosas. Com isso, alguns carros ficaram menos marcantes, e as pessoas puderam circular a salvo de olhos enxeridos.”

[Quase Todos os Brasileiros Querem se Mudar Para Um Novo País, Mais Democrático, Sob Nova Administração](#)

Ruy Castro se pergunta, no livro *A noite do meu bem: a história e as histórias do samba-canção*: alguém seria capaz de associar Antônio Maria, secretamente comido com os olhos pelas mulheres nas boates, com o homem que escreveu “*Ninguém me ama/ Ninguém me quer/ Ninguém me chama/ De meu amor*”? E que, no mesmo samba-canção, ao se queixar da “*Velhice*

chegando/ E eu chegando ao fim...” tinha apenas... 31 anos quando escreveu aquilo?

O próprio Fernando Lobo, conhecido pelo ocasional espírito de porco – dizia-se que seria capaz de brigar até com Nelson Nobre, o rei Momo oficial e o símbolo do Carnaval –, estava longe de ser um deprimido. É verdade que ele fora o autor de *“Podemos ser amigos simplesmente/ Coisas do amor, nunca mais...”*, mas também fazia rir ao contar que Dorival Caymmi encomendara sua cabeleira gris na mesma loja em que Silvio Caldas comprara a dele. E não podia haver maior profissional do humor do que o homem que fizera Nora Ney pedir: *“Garçom, apague esta luz/ Que eu quero ficar sozinha...”* – Haroldo Barbosa.

Haroldo não se contentava em usar o rádio, o jornal, a boate e, pioneiramente, a televisão para fazer rir. Escrevia até para o teatro de revista. E foi também o maior estimulador de talentos na área do humor: descobriu Chico Anysio como comediante, revelou Antônio Maria e Sergio Porto como humoristas e estimulou a veia cômica de um respeitado cardiologista e diretor de hospital, de quem se tornaria parceiro para sempre: Max Nunes.

De passagem, Haroldo foi o criador da palavra “barnabé”, para designar o funcionário público humilde e mal pago, uma realidade dos anos 40. Fez isso na marchinha “Barnabé”, dele e de Antonio Almeida, que Emilinha Borba gravou para o Carnaval de 1948 – o Aurélio registra a expressão e dá crédito à dupla. A letra dizia: *“Barnabé, o funcionário/ Quadro extranumerário/ Ganha só o necessário/ Pro cigarro e pro café// Quando acaba seu dinheiro/ Sempre apela pro bicheiro/ Pega o grupo do carneiro/ Já desfaz do jacaré// O dinheiro adiantado/ Todo mês é descontado/ Vive sempre pendurado/ Não sai desse tereré// Todo mundo fala, fala/ Do salário do operário/ Ninguém lembra o solitário/ Funcionário Barnabé// Ai, ai, Barnabé/ Ai, ai, funcionário letra E/ Ai, ai, Barnabé/ Todo mundo anda de bonde/ Só você anda a pé”*.

Por que esses homens tão críticos, criativos e espirituosos pareciam mergulhar nos abismos da alma humana quando se sentavam para compor um samba-canção? Um dia, os estudiosos criariam a esdrúxula teoria de que eles faziam isso porque eram assim na vida real – tristes, melancólicos, abandonados –, mas dificilmente Antônio Maria e Dolores Duran seriam os parâmetros desse sofrimento crônico. Se isso fosse verdade, como explicar os sacudidos frevos que, às vezes, Maria também compunha, e o enorme repertório de baiões, alguns hilariantes, cultivado por Dolores como cantora? E as marchinhas que quase todos também faziam para o Carnaval?

A resposta é simples: Antonio Maria, Fernando Lobo e Haroldo Barbosa, assim como Evaldo Ruy, Elano de Paula, Americo Seixas, Dorival Caymmi, Paulo Soledade, Aталpho Alves, Peterpan, Hianto de Almeida, David Nasser, Ary Barroso, a própria Dolores Duran e todos que escreviam e cantavam aqueles sambas-canção tão românticos e doloridos faziam desse jeito porque se tratava de... sambas-canção. Era a música da época, a música a ser feita.

Antes de perguntar por que havia tanta gente compondo e cantando sambas-canção, o certo seria investigar por que havia ainda mais gente – milhões de brasileiros – escutando-os dia e noite no rádio, nos discos e nas boates. E, também nesse caso, a resposta será simples: porque eram canções com grande música e letra.

Infelizmente, em meados de 1954, exigia-se outro tipo de música – mais grave, pesada e sombria – como trilha sonora para o que se maquinava nos porões do Palácio do Catete.

Era um tempo de confusão política – nada era o que parecia. Na manhã do dia 5 de agosto, poucas horas depois do episódio da rua Tonelero - atentado contra Carlos Lacerda - que parecia ferir Getúlio de morte, o jornal Imprensa Popular, do clandestino Partido Comunista Brasileiro, dirigido por Pedro Motta Lima, saiu às ruas com um editorial – escrito e impresso de véspera – em que denunciava “as famosas roubalheiras da Última Hora”, acusava o governo Vargas de ser “um governo de traição nacional”, “de latifundiários e grandes capitalistas” e de “completa submissão ao governo dos Estados Unidos”; classificava Getúlio como “sanguinário”, “entreguista” e “aliado dos trustes norte-americanos”; e pregava sua “derrubada definitiva”.

A Tribuna da Imprensa, de Lacerda, não faria melhor, mas essas diatribes contra Getúlio não eram novidade na Imprensa Popular – saíam todos os dias na primeira página do jornal desde a posse do presidente e, com típica falta de imaginação, quase sempre com as mesmas palavras. A diferença era que, se os comunistas realmente desejavam a “derrubada definitiva” de Getúlio, dessa vez não teriam de esperar muito.

O público elitizado do Vogue também já desistira de Getúlio. Meses antes, em fins de fevereiro, correram rumores de que o presidente iria acatar a sugestão do seu ministro do Trabalho, João Goulart, e aumentar o salário mínimo em 100% no dia 1o. de maio. Um manifesto do Exército, alertando para a submissão do governo às pressões sindicais, fizera com que Getúlio, para estancar a crise, demitisse o ministro.

O Vogue aplaudiu, já que Jango – ministro do Trabalho, da Indústria e do Comércio –, por mais simpático que fosse socialmente, durante o dia só queria saber de tratar com sindicalistas e deixava de lado as outras duas

atribuições de seu cargo. E elas eram justamente as que diziam respeito aos industriais e donos de redes de lojas que frequentavam a boate.

No dia 1o de maio, viu-se que a queda de Jango tinha sido apenas uma manobra de Getúlio – “demitira” o conterrâneo para acalmar os militares, mas dobrou o salário mínimo do mesmo jeito, de 1200 para 2400 cruzeiros. Os assuntos no Vogue [boate onde todas as noites os políticos profissionais se confraternizavam com a elite econômica do Distrito Federal] foram a turbulência que isso provocaria nas folhas de pagamento e a ameaça de ondas de falência e de demissões – que acabaram não se concretizando.

Na noite anterior ao dia 24 de agosto de 1954, o Vogue, como quase todo mundo, era a favor da queda do presidente. De manhã, com o suicídio já do conhecimento dos que ainda estavam por ali, entre as mesas e cadeiras, Getúlio se tornara objeto de admiração unânime.

As bancas que acabavam de receber O Globo, a Tribuna da Imprensa e outros jornais anti-Getúlio estavam sendo incendiadas e os jornaleros, agredidos. Os matutinos, como o Correio da Manhã, o Diário de Notícias e O Jornal, que também foram atacados, teriam de se superar na edição do dia seguinte, 25, o que fizeram.

Com a morte de Getúlio e a subida do vice-presidente Café Filho, houve mudanças em todas as estruturas do governo, entre as quais a Rádio Nacional. O que não mudou foi a adoração que muitos artistas tinham por Getúlio.

Outra conspiração se deu no primeiro semestre de 1954. Sacha - então um dos pianistas do Vogue - não seria apenas o pianista titular, mas a estrela da casa aberta por Carlos Machado, a grande isca, a começar pelo nome da boate: Sacha's, piscando do lado de fora na avenida Atlântica. Machado ofereceu-lhe sociedade sem que ele precisasse entrar com dinheiro – confiava apenas em que, com seu prestígio, Sacha arrastasse para a nova boate o público que fizera a glória do Vogue: os grã-finos, os políticos, as personalidades nacionais e estrangeiras e os jornalistas.

Mas Machado ponderou que, no caso dos grã-finos, a presença de Sacha talvez não fosse suficiente. Precisavam também do homem para quem até os ricos olhavam com respeito e cautela: Luiz, o maître. Era uma aquisição cara, mas com a vantagem de que, se Luiz aceitasse deixar Stuckart, com ele marchariam para o Sacha's outros maîtres e garçons altamente treinados do Vogue. E Luiz aceitou. Para completar a ousadia da operação, o Sacha's ficaria na esquina da rua Padre Antonio Vieira com a praia – a um minuto, a pé, do Vogue.

Tinha sido no Vogue que Jorge Veiga lançou naquele ano o samba “Café-society”, de Miguel Gustavo – “... Enquanto a plebe rude na cidade dorme/ Eu ando com Jacinto, que é também de Thormes/ Terezas e Dolores falam bem de mim/ Eu sou até citado na coluna do Ibrahim// E quando alguém pergunta, ‘Como é que pode?’/ Papai de black-tie jantando com Didu/ Eu peço outro uísque, embora esteja pronto/ Como é que pode?/ Depois eu conto...”.

Por causa disso, Jorge Veiga, insuperável cantor de sambas de breque, passou a ser convidado para as reuniões dos grã-finos, em que, como se esperava, tinha de cantar o samba. Na sua ingenuidade, acreditou que estava ingressando de verdade no society – cantava de graça e ainda se sentia lisonjeado. Em pouco tempo, os grã-finos se cansaram da brincadeira, esqueceram-no e ele nunca entendeu por quê.

Uma colunista americana, Betty Beale, do Washington Star, escreveu que os homens de negócios do Rio deviam ser “os mais resistentes do mundo”. Trabalhavam o dia inteiro em seus escritórios e fábricas, encontravam-se nas casas uns dos outros para uma “champanhota”, saíam para jantar e depois “enveredavam pelas boates” – Casablanca, Béguin, Meia-Noite –, e terminavam a noitada no Vogue, “de onde só saíam às seis da manhã”.

Com o rival Sacha’s às suas portas, sugando-lhe cada cliente, o Vogue não teria como suportar tal afronta. O Vogue estava vazio. Os ricos estavam sumidos. Até os playboys, que tinham mesa cativa, haviam desaparecido. Todos pareciam ter migrado para o Sacha’s.

Por que o Rio em peso trocara o Vogue pelo Sacha’s? Não podia ser apenas um capricho do café-society, por mais fútil e volátil que este fosse. E nem seria pelo peso de Sacha ao piano e de Luiz como maître. Era outra coisa.

Durante todo o segundo semestre de 1954, enquanto o Sacha’s ameaçava estrear e as ruas do Leme discutiam a batalha das boates, o Rio e o Brasil se contorciam com a crise política – o atentado a Lacerda na rua Tonelero, a morte do major Vaz, a “República do Galeão”, o “mar de lama”, as denúncias envolvendo as entranhas do Catete e, finalmente, a morte de Getúlio. Um país acabara ali. O Vogue representava esse país. Agora era a vez do Sacha’s – era como se todos quisessem se mudar para um novo país, mais arejado, sob nova administração.

Será que tal fenômeno ocorrerá após a eleição de 2018? O país, exausto pelos escândalos de financiamento corrupto de eleições, saberá desta vez escolher não só o presidente e o programa governamental mais próximo dos

interesses coletivos em conjunto com uma bancada governista que lhe dê maioria para governar? Será ultrapassada esta triste página de nossa história?

Chatô: O Rei do Brasil

Atuante como está o PIG (Partido da Imprensa Golpista), vale a pena tirar da estante e reler a biografia de seu fundador: Assis Chateaubriand. O livro de Fernando Morais (autor também de "A Ilha" e "Olga") traz a história da vida de um dos brasileiros mais poderosos e controvertidos do século XX.

Dono de um império de quase cem jornais, revistas, estações de rádio e televisão - os Diários Associados - e fundador do MASP, Assis Chateaubriand, ou apenas Chatô, sempre atuou na política, nos negócios e nas artes como se fosse "cidadão acima do bem e do mal". Mais temido em lugar de ser amado, sua complexa e muitas vezes divertida trajetória está associada de modo indissolúvel à vida cultural e política do país entre as décadas de 1910 e 1960, reapresentada neste *Chatô, o Rei do Brasil* por Fernando Morais (São Paulo: Companhia das Letras, 1994).

O livro é a biografia de jornalista inovador, literalmente, dentro da história da imprensa no Brasil. Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu em Umbuzeiro na Paraíba em 1892. Além de "feio, raquítico, amarelo e opilado", o menino era gago e só aprendeu a ler e escrever aos nove anos de idade. O que não o impediu de fazer a faculdade de Direito em Recife e aprender alemão e francês.

Nesta época, ele conseguiu um emprego em jornal da cidade. Mas ninguém imaginava ele ir tão longe. Ao final de sua vida ele possuía império formado por dezenas de jornais, emissoras de rádio e TV, agência de notícias, fazendas e empresas. A palavra era sua arma. Através de seus jornais ele atacava seus inimigos e reverenciava seus amigos. Assim conseguiu muitas coisas, seja para o mal, seja para o bem.

Ajudou Getúlio Vargas, do qual era amigo, a chegar ao poder na Revolução de 30. Fundou a primeira emissora de TV da América Latina: a TV Tupi. Fundou o MASP (Museu de Arte de São Paulo). Casou-se, oficialmente, três vezes e teve três filhos (Fernando, Gilberto e Teresa). Mas seus casamentos não duraram muito. Boêmio, infiel e mulherengo, ele vivia cercado de mulheres, muitas mulheres. Era amigo de ricos industriais, banqueiros e políticos influentes.

No exterior, ficou conhecido como o "Cidadão Kane" brasileiro, em alusão ao famoso filme homônimo de Orson Welles. Na política, Chateaubriand chegou a ser senador e, depois, embaixador do Brasil na Inglaterra, onde presenteou a Rainha Elizabeth com um lindo colar de

diamantes e consagrou Sir William Churchil “cavaleiro da Ordem do Jagunço”, ordem fictícia com a qual ele homenageava seus amigos.

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, o Chatô, não nasceu nobre, mas durante sua vida virou “rei do Brasil”. Uma República onde a Monarquia tinha se encerrado em 1889.

Assis Chateaubriand constituiu nome temido, construiu um dos maiores impérios da comunicação em meio a falcatruas financeiras, firmando tradição no meio jornalístico brasileiro. Influuiu no destino do país com o poder da imprensa nas mãos. Provou: *para ser alguém importante neste país é preciso ter coragem e relações com o dinheiro*. “Acender uma vela para cada santo e, assim, garantir ao seu império, sempre com uma porta aberta em cada lado”, dizia ele.

O desconhecido menino de Umbuzeiro, na Paraíba, desde cedo sonhava grande. Já afirmava ele a um colega com quem trabalhava em loja de tecidos cortando panos: “*Ser prudente é antes de tudo ser medíocre*.”.

Em emprego tradicional nunca iria ser notado, então, pediu as contas e foi para o sul, onde estava o poder. Chegou em 1911 ao Rio de Janeiro, a antiga Capital Federal, logo criando polêmica e trazendo o prestígio em relações com gente influente.

Dos seus contatos com VIPs do dinheiro, como banqueiros e grandes empresários, Chateaubriand arrecadava fundos para a realização de seu sonho. Ele se consolidava aos poucos. Primeiro a aquisição do jornal carioca *O Jornal*. Depois vieram outros em São Paulo, Porto Alegre, Minas até formar uma cadeia nacional: os Diários Associados. O grupo é existente até hoje, mesmo depois da morte do Chatô, destacando-se o Estado de Minas e o Correio Brasiliense como os jornais mais lidos, respectivamente, em Belo Horizonte e Brasília. Completou, em 2010, 86 anos contendo 12 diários, 14 emissoras de rádio e 6 de TV, uma agência de notícias, entre outras atividades.

Com o poder da imprensa nas mãos, “o homem com o diabo no corpo”, como era conhecido pelos censores da ditadura Vargas, destruía e levantava pessoas e empresas, conforme o convinha. Francisco Matarazzo, rico imigrante italiano e industrial paulista, foi um de seus alvos. O antigo amigo o ajudara a comprar *O Jornal*, mas se tornou mira de bombardeios diários do jornalista, simplesmente por não querer anunciar no seu veículo de comunicação.

Sua língua ferina o tornou um dos homens mais ameaçadores e poderosos do Brasil, provando aos demais jornalistas brasileiros ser possível

derrubar reputações pessoais sem maiores consequências... Sem muita ética, com bons contatos, mas é possível.

“Desde que começara a conspirar contra Jango, nos primeiros meses de 1963, até a eclosão do golpe, em abril de 1964, foram raros os artigos escritos por Chateaubriand que não tratassem de política nacional. Quando não estava açoitando a reforma agrária, a UNE, o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) ou o poder dos sindicatos, o jornalista costumava dedicar-se a cândidas reminiscências da infância, da adolescência ou do período em que vivera na Europa, na virada dos anos 10” (p. 646).

“O Chateaubriand dos primeiros meses de 1964 estava empenhado em uma verdadeira cruzada para ‘salvar a ordem capitalista ameaçada pela corja vermelha que ocupa o Palácio do Planalto’. [...] No dia 13 de março, quando o presidente João Goulart realizava o célebre ‘comício das reformas’ no Rio de Janeiro, Chateaubriand oferecia na Casa Amarela um grande almoço ao banqueiro Amador Aguiar, dono do Bradesco - na verdade, apenas mais um pretexto para juntar os conspiradores. Como aperitivo, o jornalista pediu a Lima Duarte, ‘o único locutor da Tupi com voz de barítono verdiano’, que lesse seu discurso do dia - uma verdadeira conclamação ao levante popular -, que, como todos os anteriores, seria publicado no dia seguinte como artigo nos jornais Associados” (p. 647).

Lendo essa biografia, constata-se: o PIG (Partido da Imprensa Golpista) é um dos partidos mais tradicionais (e certamente o mais conservador) do nosso País.

Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo

O jornalista Mário Magalhães passou nove anos estudando a história de Carlos Marighella, dos quais cinco anos e nove meses em dedicação exclusiva. Ele escreveu o livro *“Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo”* (São Paulo, Companhia das Letras, 2012; 732 páginas). Ele traz revelações inéditas e detalhadas sobre a história brasileira da oposição de esquerda à ditadura do Estado Novo, nos anos 30, até a ditadura do Regime Militar, no final dos anos 60.

Magalhães conta ter feito 256 entrevistas, lido 600 livros e visitado 32 arquivos públicos e privado para reconstituir a vida desse personagem polêmico da história recente do Brasil. Ele foi morto em 1969, depois de lutar contra essas duas ditaduras.

Um comentário esquerdista diria a seu respeito: “Este livro repõe a figura exemplar desse combatente pelos direitos sociais das camadas populares. E manteve-se íntegro o tempo inteiro de sua vida dedicada à causa da revolução, integridade que inclui o jeitão caloroso com que se relacionava com os outros, companheiros ou não de uma jornada marcada pelas adversidades, mas também por alegrias que sabia compartilhar com aqueles que se beneficiavam de sua amizade. E, o trazer essa face oculta, porque deliberadamente ocultada pela visão distorcida da vida na clandestinidade, esta visão preconceituosa, profundamente contrária ao seu espírito franco e generoso, o autor desfaz a imagem do político profissional como alguém destituído de sensibilidade para com os seus semelhantes. A ternura de que falava Che a propósito das tarefas de um revolucionário está plenamente presente nas atitudes de vida desse belo personagem tão bem biografado neste livro.”

Uma resenha de direita, escrita por Augusto Nunes, e naturalmente publicada na edição impressa de *Veja*, diz: “Marighella é quase irretocável como biografia. Mas nem que fosse perfeito o livro poderia elucidar o porquê de dedicar tanto trabalho, e tantas páginas, a esse personagem. Repórter obstinado, pesquisador competente e escritor talentoso, o jornalista Mário Magalhães dedicou-se nos últimos nove anos ao resgate da história de Carlos Marighella (1911-1969), militante comunista na juventude, deputado constituinte com menos de 40 anos e fundador, já cinquentão, da Ação Libertadora Nacional (ALN), a mais conhecida das siglas que afundaram na opção pela luta armada contra a ditadura militar. (...) As estantes ganhariam uma biografia exemplar se o biógrafo tivesse tratado Marighella sem tanta brandura. O baiano jovial que fazia versos e gracejava com parceiros de

aventuras poderia ter doado alguns dos numerosos parágrafos que ocupa ao devoto de Stalin que celebrava “a beleza que há em matar com naturalidade”.

E a presença do guerrilheiro urbano é tão opressiva que não sobra espaço para a aparição do terrorista confesso. No *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, publicado em 1969, o biografado reserva um capítulo inteiro ao terrorismo, ‘uma arma que o revolucionário não pode abandonar’. Se essa face escura ganhasse a atenção devida, a figura desenhada não pareceria inverossímil. Ainda assim, seguiria sem resposta a única interrogação de bom tamanho que o autor não conseguiu remover: com tantos protagonistas da história do Brasil à espera de um bom biógrafo, por que consumir tantos anos de investigação e tantas centenas de páginas na exumação de um coadjuvante vocacional?”

Percebe-se a visão censora da direita? Quer retirar da história brasileira suas mazelas.

O direitista prossegue sua ladainha. “O guerrilheiro que incendiou o mundo - um título que nem os admiradores de Che Guevara ousaram reivindicar - só existiu no título do livro. O que emerge da leitura é um homem de ação com coragem de sobra e juízo de menos, e que só desempenhou papel de número 1 na organização clandestina que, de 1967 a 1969, comandou com uma arma na mão e nenhuma ideia sensata na cabeça. (...) Num raro surto de lucidez, Marighella compreendeu que o sequestro de um embaixador dos Estados Unidos provocaria retaliações extraordinariamente superiores, em intensidade e violência, ao poder de fogo da minúscula tropa empenhada na perseguição do paraíso socialista. Capturado em 4 de setembro de 1969, Elbrick foi solto dois dias mais tarde em troca da libertação de quinze presos políticos. Em 4 de novembro, Marighella foi fuzilado numa rua de São Paulo por um grupo de policiais chefiado pelo delegado Sérgio Fleury. Até sucumbir à emboscada, ele passara dois anos sonhando na cidade com a guerrilha rural sempre adiada por um assalto a banco, um atentado a bomba ou a execução de um empresário. O guerrilheiro urbano que se imaginava incendiando os campos do Brasil jamais entrou em combate contra tropas regulares (sic) do Exército. (!) Só enfrentou a polícia política. Como em todas as batalhas anteriores, perdeu.”

Entre o maniqueísmo da extrema esquerda e de seu igual e oposto, a extrema direita, não é recomendável adotar qualquer visão do mundo simplória a dividi-lo em poderes opostos e incompatíveis. Esse dualismo quase-religioso basicamente acredita na existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal).

Na verdade, o culto à personalidade, estratégia de propaganda política baseada na exaltação das virtudes - reais e/ou supostas - de um líder, bem como da divulgação positivista de sua figura, foi criticado por parte da esquerda, mas não foi abandonado por toda ela. Padece ainda de um “Quem é Quem”, de adotar uma *nomenclatura*.

Um culto da personalidade é semelhante à apoteose, exceto ele ser criado especificamente para os líderes políticos. O culto inclui constante louvação da imagem do líder, constante bajulação, e muitas vezes perseguição aos dissidentes do mesmo.

Nem sempre Mário Magalhães explicita nas linhas o que está implícito nas entrelinhas. Por exemplo, reconhece que “o sequestro de Elbrick foi a façanha mais espetacular da guerrilha, talvez a que tenha merecido mais simpatia popular. Constituiu a humilhação suprema da ditadura e a propaganda armada mais vigorosa contra a censura”.

Depois de enaltecer, contrapõe a crítica de um membro da ALN: “o grande erro”, “vitória de Pirro” com “trágicas consequências”. O foco da crítica realizada por Marighella foi “a temeridade de atirar a ditadura na iminência do parto da guerrilha rural”.

Mas antes, ele louvava a ação e desdenhava a discussão. O incentivo ao voluntarismo era patente em seus escritos e entrevistas. Sentenciou: “O Brasil se tornará um novo Vietnã, dezenas de vezes maior”.

Em seu *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, concluído em junho de 1969, coletânea de dicas para a luta nas cidades com “meios não convencionais”, compartilhava o aprendizado do Grupo Tático Armado da ALN. Nele, renovou a apologia do terrorismo como “arma a que jamais o revolucionário pode renunciar”. Dava uma conotação positiva ao termo “terrorismo de esquerda”.

Entretanto, ao contrário de alguns adeptos do *Minimanual*, Marighella vetava ataques a alvos não alinhados ao governo ditatorial. Inspirava-se no terrorismo argelino na guerra pela independência face à França, perenizado no filme *A Batalha de Argel*, e o combate ao colonialismo britânico na Palestina dos anos 1940. Por sua vez, o guerrilheiro e terrorista Marighella deu a volta ao mundo nas asas do *Minimanual*.

Em meados de setembro de 1969, a ALN vivia o seu apogeu. Na entrevista à revista *Front*, Marighella vendeu uma “situação de guerra revolucionária” no país. Fantasiou o Brasil respirar “um clima semelhante ao de Cuba, nos meses finais da ditadura de Fulgêncio Batista”. Antes, ele diagnosticara: “O ambiente na área urbana é de rebelião social”.

Em outro texto, denunciou: “poucas famílias brasileiras existem que não tenham passado o vexame de ver o seu lar invadido pela polícia e que não tenham a lamentar a prisão ou assassinato de um de seus filhos”. As quedas não afetavam a tropa da ALN, tripudiou o *Minimanual*, pois os candidatos a guerrilheiros “afluem quase que diariamente”. Afinal, como se gabou Marighella em setembro de 1969, “as fontes de recrutamento dos grupos revolucionários são inesgotáveis, a começar pelos estudantes”.

Se ele acreditava mesmo nisso, embaçara a visão. Em alguns meses, a ALN beiraria apenas 150 guerrilheiros. Marighella calculava em 300 mil os efetivos das Forças Armadas sob controle da ditadura. Jogo duro: 2 mil por um.

Um veterano da organização cravou em 120 os guerrilheiros da ALN: “Teria que ter outros 120 para substituí-los”, já que poucos passavam de um ano na ativa, e “não podíamos garantir o fluxo”. As redes de apoio de simpatizantes reuniam mais gente: cerca de 5 mil pessoas, na estimativa delirante de Marighella. A maioria era jovem: 53% não superavam os 25 anos, e menos de 18% alcançavam 36 anos ou mais.

Marighella planejava o deslocamento da guerrilha do campo, para repetir a experiência chinesa ou cubana. Animava-o a esperança de o respaldo político compensar a inferioridade militar. Porém, uma coisa era torcer pela guerrilha, quando capturara o embaixador dos Estados Unidos, outra se dispor a enfiar um trabuco na cintura para tirotear com meganhas.

Outro obstáculo para Marighella era o contraste com o cenário imaginário de se reeditar: o Vietnã. Sua catilinária contra o “imperialismo norte-americano” carecia da voltagem da pregação dos guerrilheiros de Ho Chi Minh. Embora ditassem os rumos do Brasil, os Estados Unidos não haviam invadido o país, como no país da Ásia. Nada, porém, acabrunhava Marighella e seu triunfalismo. Proclamou no *Minimanual*: “A organização é uma rede indestrutível”.

Logo, no mês de outubro de 1969, a OBAN e o DOPS arrasaram a principal estrutura armada urbana da organização político-militar, embrião da coluna do campo. Em vez de se prostrar com o abalo, Marighella acelerou os ultimatos para a guerrilha rural e realinhou suas hostes na cidade de São Paulo, inclusive se dirigindo para lá.

O general Emílio Garrastazu Médici tomou posse da Presidência da República no dia 30 de outubro de 1969. Era o ditador talhado para o momento, egresso do SNI - Serviço Nacional de Informações, íntimo da espionagem contra a oposição, em geral, e da guerra à luta armada, em particular. A repressão já encurralara a esquerda armada.

No dia 4 de novembro de 1969, completava dois meses o sequestro do embaixador norte-americano, prenúncio da corrosão da esquerda armada. Um mês antes de completar 58 anos de vida, um a mais que a expectativa de vida dos homens brasileiros nascidos à época, Marighella foi trucidado em tocaia armada pelo delegado do DOPS, Sérgio Paranhos Fleury, depois de arrancada confissão à base de tortura em dois frades dominicanos apoiadores da ALN.

O “fogo amigo” dos policiais foi tanto a ponto de atingir um delegado, fulminar um alemão protético, passante na rua, e uma policial. Evidentemente, foi armada outra versão oficial para a mídia divulgar. Mário Magalhães reconstituiu a verdade dos fatos.

A OBAN divulgaria um balanço do período de setembro de 1969, mês da queda do GTA - Grupo Tático Armado da ALN, a janeiro de 1970: 320 militantes encarcerados em São Paulo, na maioria da ALN; 66 aparelhos vasculhados; 33 metralhadoras e 70 fuzis apreendidos.

Em clima inquisitorial, a ALN apurou as “responsabilidades” na tragédia de Marighella. Houve quem aventasse a hipótese de matar Ivo e Fernando, baseado na “delação dos frades”. Escreveu, sabiamente, Mário Magalhães: “Quem delata é delator, substantivo associado a dedo-duro. Outros companheiros ‘abriram’ pistas que resultaram em quedas, mas não foram ‘condenados’ por seus pares. Afinal, o que se fala na tortura é obra do torturador, não do torturado. A regra não valeu na morte de Marighella. ‘Em 99% dos casos, as pessoas falaram’ (...). Na disputa fratricida da ALN, procuraram vilões entre vítimas. Quem matou Marighella foi a ditadura”.

A ditadura saiu de cena em 1985, 21 anos depois do golpe de Estado militar, quando foi instaurada. Além de cometer outras atrocidades contra a democracia e os direitos humanos, deixou o saldo de ao menos 396 mortos de “desaparecidos” por motivos políticos. A ditadura matou 73 integrantes da ALN, incluindo 18 da dissidência Movimento de Libertação Popular - Molipo. Mais três perderam a vida em acidentes e outros três foram executados pelos companheiros. Um oficial do Exército atribuiu à conjuração marighellista 144 assaltos e 25 atentados à bomba.

Nascido na primeira semana de abril de 1964, a do golpe de Estado, Mário Magalhães se coloca, ao final, a questão: por que biografar quem fora fuzilado em novembro de 1969, quando sua lembrança mais remota é a da comemoração da Copa do Mundo de 1970?

“Eu desejava contar uma história fascinante, sem as amarras de tempo e espaço, característica das emergências de uma redação de jornal; para um repórter, poucos desafios equivalem a descobrir e narrar a epopeia de quem quase sempre se viu obrigado a pelejar nas sombras: Marighella me permitiu

mergulhar em quatro décadas conturbadas do Brasil e do mundo do século XX”.

Salienta: “Esse livro não é uma hagiografia, promovendo o personagem principal, ou um libelo de oposição a ele. É sim uma reportagem que escrutina seus triunfos e tropeços, grandezas e pequenas, os altos e baixos próprios da espécie humana. Ninguém precisa amar ou odiar Marighella. Mas é difícil ficar indiferente ao seu épico”.

Será isso responder ao autor direitista da resenha da Veja? É extraordinário mérito o de Mário Magalhães, de geração posterior à da luta armada, reconstituir a verdadeira história do País, informando sobre erros a não serem repetidos. É um livro longo (pelo detalhamento) e duro (pela descrição das violentas torturas), mas fundamental para quem se interessa pelo aqui passado - e desconhecido em seus detalhes.

Revolucionário e gay – A vida extraordinária de Herbert Daniel

A biografia *“Revolucionário e gay - A vida extraordinária de Herbert Daniel: Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão”* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018. 378 p.), escrita por James Green, dá elementos para entender mais uma decisão crucial em sua vida: a opção pela luta armada. É necessário situá-la no contexto. Retração no bem-estar social em período de recessão (crise da estabilização 1964-1967) gera expansão na repressão policial, minimalismo governamental provoca maximalismo penal. Mas não é só o contexto econômico o que importa. O debate político o influencia.

Eram “guias espirituais” o sucesso da Revolução Cubana e as ideias de Régis Debray, um jornalista francês marxista, sobre estratégias de guerrilha, isso sem referir à A Frente Nacional para a Libertação do Vietnã, cujos combatentes eram também chamados vietcongues. Foi um exército formado por norte-vietnamitas para lutar na Guerra do Vietnã junto ao exército do Vietnã do Norte contra a coalizão formada pelos Estados Unidos e pelo governo do Vietnã do Sul. Era composto principalmente por milícias aptas para táticas de guerrilha, embora contasse também com unidades militares perenes.

A Revolução Cultural Chinesa também era parte daquele contexto. Foi uma profunda campanha político-ideológica levada a cabo a partir de 1966 na República Popular da China, pelo então líder do Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-tung. Acompanhada por vários episódios de violência, instigada principalmente pela Guarda Vermelha, grupos de jovens organizados nos chamados “comitês revolucionários” atacavam aqueles suspeitos de deslealdade política ao regime, à figura de Mao e ao Maoísmo, a fim de consolidar (ou restabelecer) o poder do líder onde fosse necessário.

Grupos de trotskistas como a Polop [Organização Revolucionária Marxista - Política Operária] também expressavam uma crítica à transformação do leninismo em ortodoxia, durante o período stalinista, quando o termo marxismo-leninismo acabou por substituir leninismo. A denominação “marxista-leninista” passou a designar a doutrina oficial da União Soviética, bem como dos partidos membros da Internacional comunista como o PCB [Partido Comunista Brasileiro] do qual a Polop discordava ou possuía dissidentes. De fato, o termo refere-se à interpretação stalinista do pensamento de Lenin. Tal interpretação seria alçada à condição de única possível e verdadeira, sendo qualquer outra, como a dos trotskistas, portanto, estigmatizada como herética.

Segundo as crenças marxistas de Lenin, a sociedade russa não podia se transformar diretamente do seu estado atual de capitalismo tardio para o comunismo, mas deveria primeiro entrar em um período de transição socialista. Para isso, Lenin acreditava uma ditadura do proletariado ser necessária para reprimir a burguesia e desenvolver uma economia socialista. Para Lenin, a democracia representativa dos países capitalistas tinha sido usada para dar uma ilusão enquanto mantinha a ditadura da burguesia.

A interpretação de Lenin do socialismo era centralizada, planejada e estatista, com a produção e a distribuição estritamente controladas. Seus apelos ao “controle operário” dos meios de produção não se referiam ao controle direto das empresas por seus trabalhadores, mas ao funcionamento de todas as empresas sob o controle de um “Estado operário”, dominado pela vanguarda ou nomenclatura do partido único. Isso resultou em dois temas conflitantes no pensamento de esquerda: o controle dos trabalhadores populares e um aparato estatal centralizado, hierárquico e coercivo.

Sua crença em um Estado forte excludente da burguesia entrava em conflito com as opiniões de marxistas europeus socialdemocratas. Defendiam um governo parlamentar democrático em que o proletariado detivesse a maioria. Além disso, Lenin foi o primeiro líder marxista a elevar o papel da violência como instrumento revolucionário.

Debray, preso na Bolívia após entrevistar Che Guevara, um argentino ex-estudante de Medicina, embora tenha sido morto em 8 de outubro de 1967, forneceu uma estratégia de luta armada a ser adotada pelos membros da Polop para derrotar o regime militar brasileiro. Baseados no sucesso de Fidel Castro e seus guerrilheiros em Cuba, os escritos de Debray sistematizavam a teoria do foquismo: um pequeno grupo de revolucionários poderia criar “focos” e estabelecer bases rurais para desmoralizar um regime ditatorial, inspirar as massas camponesas a se levantar e, em última instância, derrubar o governo reacionário. A frase-resumo era: “o pequeno motor [a guerrilha] ativa um maior [as massas]”.

Com todo esse caldo de cultura política superficial de esquerda os insurgentes rebeldes dos anos 60 imaginavam se tornar a voz de uma frente unida de trabalhadores da cidade e do campo, preparados para tomar o poder. A doutrina marxista da luta de classes turvava mentes e corações não possibilitando enxergar o predominante no Brasil: o sindicalismo pelego (exceto pelas duas greves de Contagem e Osasco devido ao arrocho salarial) e a ausência de camponeses possuidores de terra, dada a inexistência de qualquer reforma agrária na história brasileira. Trabalhadores rurais já começavam a ser expulsos para as cidades.

O ritmo da revolução e o imediatismo da luta armada polarizaram os trinta dirigentes representantes de pequenos grupos de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro reunidos para o IV Congresso Nacional da Polop. Para aprovação de um documento com a reafirmação da possibilidade de uma “revolução socialista” semelhante à de Cuba no Brasil se dividiram em uma votação 16 contra 14. Por um voto, houve uma cisão na O.

Foi a primeira de uma série de dissidências e cisões em diversas organizações trotskistas. A crítica à “imobilidade” da liderança da Polop refletia o sentimento dominante entre os estudantes radicais no Brasil e no mundo em 1967-68. Clamavam: “a revolução está ao alcance; as condições são favoráveis; a hora é agora; não se pode perder o bonde-da-história”. O movimento estudantil estava nas ruas contra a censura, a política educacional e a natureza repressiva do regime militar. A situação econômica era vista como uma crise geral do capitalismo. Não se enxergavam e nem ao País. Em 1970, o recenseamento indicava 93.139.037 habitantes.

“No início de 1968, a O. provavelmente tinha cerca de 50 integrantes, com número equivalente de simpatizantes assíduos dispersos pelos movimentos estudantis e trabalhistas em Belo Horizonte. Além disso, tinha contatos e aliados espalhados em diversas cidades de Minas Gerais e um aglomerado de revolucionários com ideias afins no Rio” (p. 75).

Recrutadas do movimento estudantil uniam-se à organização. Alguns ex-operários eram vistos com prova do “apoio da classe operária”. Um ex-sargento expulso da Força Aérea em 1964, assim como o ex-capitão Carlos Lamarca, ambos eram vistos como capazes de fomentar a organização entre soldados rasos, embora nos anos anteriores o ex-sargento havia unido forças com outros ex-membros do Exército em uma tentativa fracassada de organizar uma insurreição armada.

Estado policial é uma organização estatal fortemente baseada no controle da população (e, principalmente, de opositores e dissidentes) por meio da polícia política, das forças armadas e outros órgãos de controle ideológico e repressão política. Historicamente, é um tipo de Estado em que a autoridade é isenta de qualquer limite formal ou controle jurisdicional.

No Estado policial, uma evolução do típico estado absolutista monárquico, o bem-estar dos súditos, a prosperidade estatal e a ordem pública não seriam assegurados pela dinâmica das forças sociais, mas por um rigoroso controle administrativo de caráter autoritário, vertical e paternalista. A extensão dos poderes do Estado seria moralmente justificável por sua finalidade: a de trazer bem-estar e felicidade aos habitantes do país. Só o Estado absoluto poderia dispor do poder e dos meios necessários,

inclusive a coação física, à realização de tal finalidade, por não estar sujeito às suas próprias leis. Tal concepção resulta em uma confusão entre fins (a felicidade dos súditos) e meios (o poder do Estado). Desta forma, ao Estado Policial sucede o Estado de Direito.

No contexto contemporâneo, o conceito assume uma conotação negativa: como um Estado marcado pelo uso intenso das forças da ordem ou de polícia secreta. A ideia de Estado Policial aparece, então, ligada à ideologia do totalitarismo.

Totalitarismo (ou regime totalitário) é um sistema político no qual o Estado, normalmente sob o controle de uma única pessoa, político, facção ou classe social, não reconhece limites à sua autoridade e se esforça para regulamentar todos os aspectos da vida pública e privada. Ele é caracterizado pela coincidência do autoritarismo, onde os cidadãos comuns não têm participação significativa na tomada de decisão do Estado, e da ideologia de coesão: um esquema generalizado de valores promulgado por meios institucionais para orientar a maioria, senão todos os aspectos da vida pública e privada.

A ideia de totalitarismo como poder político “total” através do Estado foi formulada em 1923 como uma crítica ao fascismo italiano, compreendendo-o como um sistema fundamentalmente diferente das ditaduras convencionais. O termo depois ganhou conotações positivas nos escritos do principal teórico do fascismo. Ele usou o termo “totalitário” para se referir à estrutura e metas do novo Estado fascista. “Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado.”

Na verdade, conceito de totalitarismo surgiu nos anos 1920 e 1930. A visão de ele ter sido elaborado somente depois de 1945 é empregada como parte da propaganda antissoviética durante a guerra fria.

Ao lutar aqui contra um Estado Policial, os trotskistas brasileiros se viam como parte do trotskismo internacional. Este defendia sua leitura do marxismo contra a burocratização do Estado Operário e a política nacionalista em vez da Internacional, a partir da ascensão de Josef Stálin ao poder em 1924 na União Soviética. Trotsky desenvolve a ideia de Revolução Permanente e da Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado. Segundo Trotsky, quanto mais atrasado ou tardio fosse o capitalismo industrial em um país, mais conservadora seria a burguesia local, porque o medo ao proletariado seria mais forte se comparado à sua oposição à casta dos oligarcas governantes ou à casta dos militares.

Além disso, já não existia no século XX uma classe de pequenos e médios artesãos para fornecer a mão-de-obra para uma revolução burguesa.

Devido à modernização industrial, a única força de trabalho disponível nas cidades é constituída pelo proletariado. Daí a Revolução Permanente: a burguesia já não é capaz de fazer sua “revolução burguesa”, logo, tem de ser a classe operária a encarregar-se das tarefas democráticas.

Ela não se contentará com o programa “liberal-burguês” e irá logo começar a pôr em prática o “programa socialista”. Assim, a revolução será “permanente”, porque, pela sua própria dinâmica, tenderá a evoluir para posições cada vez mais radicais.

O que acontece se a revolução ocorrer em país com condições económicas ainda não maduras para o socialismo? Em um caso desses, a revolução só se manterá se tiver a ajuda de revoluções socialistas vitoriosas em países desenvolvidos. Assim, a revolução deve ser “permanente”, não só no aspecto do aprofundamento, mas também do alargamento internacional. Se uma revolução socialista acontecer em um país subdesenvolvido e não se expandir a países desenvolvidos, para o apoiar, tenderá a “degenerar”.

Em um país subdesenvolvido, o desenvolvimento cultural do proletariado será muito diminuto. Por isso, no “Estado Operário” irão surgir os “burocratas” da nomenclatura, tal como surgiram também nos sindicatos e partidos operários. O risco é a burocratização do Estado levá-lo a se tornar um Estado Policial e/ou Totalitário.

A rebeldia no final dos anos 60 no Brasil contra o Estado Policial chama atenção por seu caráter juvenil, sendo os guerrilheiros principalmente jovens estudantes universitários “urbanoides”, e sua brevidade. Começa em 1967/68 e em 1970 quase todos já tinham sido presos, torturados e assassinados, fora os exilados por força da violência brutal repressiva da polícia política e das Forças Armadas.

Quantos eram os guerrilheiros da luta armada contra essa força do Estado brasileiro? Impossível saber por seu caráter clandestino e por razão de segurança nem os próprios militantes conheciam os demais a não por encontros em “pontos” para troca de informações e/ou documentos da organização. James Green afirma: “embora os militantes da VPR considerassem o recrutamento de Lamarca um sinal de seu sucesso político e da crescente força do movimento revolucionário, vale lembrar que provavelmente não havia mais de 5.000 militantes nem centenas de outros apoiadores nos cerca de dez grupos envolvidos na luta armada que operavam no Brasil nos anos 1960 e o início dos anos 1970” (p. 119).

Depois de dois anos e sete meses de trabalho, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) confirmou, em seu relatório final, 434 mortes e

desaparecimentos de vítimas da ditadura militar no país. Entre essas pessoas, 210 são desaparecidas. Foram mortos cerca de 10% dos guerrilheiros.

O limite das relações humanas é determinado pela biologia. O ser humano tem capacidade de manter uma rede de amizade composta por, em média, 150 pessoas. Conhecido como “número de Dunbar”, ele foi estipulado, na década de 90, pelo antropólogo inglês Robin Dunbar. O professor da Universidade de Oxford, é um dos mais importantes estudiosos da Psicologia Evolutiva. Segundo ele, esse número se mantém estável desde os primórdios da humanidade e não mudou com a popularização das redes sociais digitais. Considerando o recrutamento apenas na vanguarda do movimento estudantil (e a dupla contagem), a rede de relacionamentos não devia ser muito extensa, se comparada à dimensão do território e da população brasileira na época - cerca de 90 milhões de habitantes.

O fracionamento dissidente - antes das tentativas desesperadas de fusões por questão de sobrevivência - também era visível. Por exemplo, “como o Colina [Comandos de Libertação Nacional], a VPR [Vanguarda Popular Revolucionária] fora fundada em parte por dissidentes da Polop em São Paulo, que haviam rompido com a organização no fim de 1967. Em janeiro de 1968, um grupo de ex-membros das Forças Armadas uniu-se ao Movimento Nacional Revolucionário (MNR), que era, em grande parte, composto por antigos soldados e marinheiros que apoiaram as reformas de Goulart e tornaram-se mais radicais após terem sido expulsos do Exército em 1964” (p. 117).

O corpo de participantes com experiência militar, evidentemente, era muito reduzido. Mas contribuiu para levar os valores morais da casta dos guerreiros para os guerrilheiros urbanos inspirados por guerrilha rural em Cuba e Bolívia: fama, glória, coragem e honra. O culto à personalidade, tradicional na esquerda, era mantido com o destaque dado não só a Lamarca como a alguns poucos trabalhadores-estudantes ou líderes sindicais das greves de Contagem e Osasco em reação ao arrocho salarial do regime militar.

Por fim, chama a atenção as mulheres como uma minoria. “Marcelo Ridenti [“O Fantasma da Revolução Brasileira”. São Paulo: Unesp/Fapesp; 1995] calculou que 15% a 20% dos participantes das organizações da luta armada eram mulheres, embora um número muito menor ocupasse posições de liderança. Quase todos os líderes estudantis cujo movimento abalara o país no ano anterior eram homens e, portanto, ainda era novidade ver mulheres como ativistas proeminentes em 1968 e 1969” (p. 99). E gays muito menos...

Em 1959, ao tomar o poder em Cuba, Fidel declarou que “um homossexual não pode ser um revolucionário”. Data de 1971 a infeliz resolução do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de Cuba

onde se decretou: “os desvios homossexuais representam uma patologia antissocial, não admitindo de forma alguma suas manifestações, nem sua propagação, estabelecendo como medidas preventivas o afastamento de reconhecidos homossexuais artistas e intelectuais do convívio com a juventude, impedindo gays, lésbicas e travestis de representarem artisticamente Cuba em festivais no exterior.” Foram então estabelecidas penas severas para “depravados reincidentes e elementos antissociais incorrigíveis”.

Em que fontes a esquerda bebeu para a mudança de ideias?

Primeiro, na prática eleitoral, desde 1974, quando o ME (Movimento Estudantil) resolveu não mais votar nulo como protesto contra o regime ditatorial, mas sim em candidatos progressistas do único partido de oposição tolerado: o MDB. Nessa luta conjunta não descolada da massa de eleitores conquistou vitórias eleitorais contra o regime e pressionou para uma maior abertura política dentro de regras democráticas.

Segundo, na década seguinte à da luta armada, aconteceu uma maior divulgação das obras de Antônio Gramsci no Brasil, graças aos trabalhos pioneiros de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Werneck Vianna. Este defendeu sua tese de doutoramento pela USP, em 1975, com uma interpretação original da história do Brasil a partir de Gramsci.

O livro *A Favor de Gramsci* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976) de Maria-Antonietta Macciocchi, talvez tenha sido o mais lido no Brasil pelos militantes de esquerda nos anos 70. Contribuiu para a renovação das ideias marxistas a respeito da militância política em sociedade ocidental, adotando a luta democrática.

A esquerda desejava repensar a prática política à luz da experiência de coalizões do eurocomunismo do PCI (Partido Comunista Italiano). Estava ainda “lambendo as feridas” da derrota da tática de luta armada. Deparava com a possibilidade de ampliar as alianças na luta pelo sindicalismo livre, por criação de partidos, pela anistia e pelas “Diretas Já”. Intelectuais de esquerda buscaram nos *Cadernos do Cárcere* de Antônio Gramsci, publicado postumamente, o suporte teórico para as mudanças táticas e estratégicas a serem feitas para superar a etapa de predominância da ideia da luta armada pela revolução socialista.

Das contribuições de Gramsci, a de maior impacto disse respeito ao modo de organizar as lutas da esquerda. Gramsci opunha-se ao chamado *centralismo*. A ideia de vanguarda disciplinada e obediente à nomenclatura do PCURSS levou Lenin a formular, nas condições históricas da Rússia revolucionária, o *princípio do centralismo democrático*: quando um partido de

esquerda precisa tomar uma decisão, deve reunir os seus membros, promover um debate livre, amplo e profundo, de modo a permitir o exame exaustivo da questão, para, finalmente, como coroamento do processo de discussão, colocar em votação as diversas posições em disputa. Esse é o *momento da democracia*. Uma vez consolidada uma maioria, a minoria a ela deve subordinar-se. Esse é o *momento do centralismo*. Daí a fórmula chamada *centralismo democrático*.

Tornou-se uma concepção de partido muito comum para a esquerda. Porém, em condições de ditadura e luta armada, não era possível o momento da democracia. As resoluções baixavam da cúpula sem debate pela base. Daí as contínuas dissidências contra decisões arbitrárias. A geração dos anos 70 adotou o “basismo”, isto é, a propagação de ideias a partir dos núcleos de base para todos os demais movimentos sociais até a direção do Partido dos Trabalhadores assumir a posição majoritária da base partidária.

Na visão de Gramsci, o princípio do centralismo democrático serve em um contexto histórico, social, económico e cultural exigente de um tipo de atuação da esquerda chamado de *guerra de movimento ou de manobras*. Esse contexto é típico no Oriente, ou melhor, na Eurásia da Rússia, onde o Estado era tudo e a sociedade civil, primitiva. No Ocidente, havia, entre o Estado e a sociedade civil, uma relação dialética. Então, a atuação dos partidos de esquerda, no Ocidente, demanda outra estratégia para ter êxito, a chamada *guerra de posições*.

No Ocidente, o Estado é "sociedade política + sociedade civil" ou "coerção + consentimento", donde a *coesão social* é articulada pela ideologia muitas vezes nacionalista. Os militantes de um partido de esquerda, em busca de radicalização dos princípios da democracia republicana (liberdade, igualdade e fraternidade), precisam disputar a *hegemonia cultural* na sociedade. Deste modo, um destacamento de vanguarda disciplinado, como prega o leninismo, mas descolado das massas populares, não teria eficácia em condições de democracia política.

A esquerda democrática adota o gradualismo em conquistas progressivas de todos os direitos da cidadania até o acúmulo de quantidade representar uma mudança qualitativa na sociedade: de capitalista à socialista libertária em movimento evolucionário e dialético. Designa-se como *gradualista* a corrente de pensamento em defesa da evolução ocorrer através da acumulação de pequenas modificações ao longo de várias gerações. Em ciência, esta corrente é contrária ao *saltacionismo*. Esta defende a evolução ocorrer através de grandes mudanças, possivelmente em uma única geração.

Outra influência forte foi o *eurocomunismo*: uma vertente da ideologia e da teoria comunista surgida entre os partidos comunistas dos países da Europa Ocidental, particularmente Itália, França e Espanha, na década de 1970. Criticado como revisionista do marxismo pelos comunistas ortodoxos ou saudado como alternativa ao stalinismo pelos admiradores, o eurocomunismo apresentou-se como uma versão democrática da ideologia comunista. Buscava uma “terceira via” entre a socialdemocracia clássica e os regimes comunistas então implantados no Leste europeu e estruturados em torno da burocracia do partido único.

Enrico Berlinguer, secretário-geral do PCI, em 1977, em uma conferência de partidos comunistas de todo o mundo, realizada em Moscou, na União Soviética, referiu-se à *democracia política como valor universal*. Os eurocomunistas do PCI também legaram uma significativa reflexão em torno de temas cruciais, como a articulação entre *hegemonia*, conceito de Antônio Gramsci, e *pluralismo político*, vigente nas sociedades ocidentais.

No início da década de 1980, mesmo ano da fundação do PT, o Solidariedade - uma federação sindical polaca fundada em 17 de setembro de 1980 nos Estaleiros Lenin, em Gdańsk, sendo originariamente liderada por Lech Walesa - era um amplo movimento social antiburocrático. Ele utilizava os métodos de resistência civil não-violenta para fazer avançar a causa dos direitos dos trabalhadores e da mudança social. Representava 9,5 milhões de membros em seu primeiro congresso, em setembro de 1981, o que correspondia a 1/3 da população total da Polônia em idade de trabalho.

O Solidariedade era um exemplo para a luta sindicalista brasileira, desembocada na criação da CUT. A Central Única dos Trabalhadores (CUT) é uma entidade representante de parte dos sindicatos combativos, não pelegos e não voltados apenas para resultados das lutas econômico-corporativistas. Foi fundada em 28 de agosto de 1983 na cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo, durante o Primeiro Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, CONCLAT.

A *hegemonia cultural* é um conceito formulado por Antônio Gramsci para descrever o tipo de dominação ideológica de uma classe social sobre outra, particularmente da burguesia sobre o proletariado. Ela se manifesta, por exemplo, quando os interesses da alta burguesia de um país são identificados aos interesses de toda sociedade do país ou quando a historiografia se concentra apenas em grupos ou indivíduos de elite.

Classificado como “o marxista das superestruturas”, Gramsci atribuiu um papel central à separação entre *infraestrutura* (base real da sociedade composta por forças produtivas e relações sociais de produção) e

superestrutura (a ideologia constituída pelas instituições, sistemas de ideias, doutrinas e crenças de uma sociedade), a partir do conceito de *bloco hegemônico*. Segundo esse conceito, o poder das classes dominantes sobre o proletariado e todas as classes dominadas dentro do modo de produção capitalista não reside simplesmente no controle dos aparelhos repressivos do Estado. Se assim fosse, tal poder seria possível de ser derrotado, caso fosse atacado por uma força armada equivalente ou superior, organizada pelo proletariado.

Mas esse poder é garantido, fundamentalmente, pela hegemonia cultural da classe dominante exercida sobre as classes dominadas, através do controle do sistema educacional, das instituições religiosas e dos meios de comunicação. Usando deste controle, as classes dominantes “educam”, ou melhor, doutrinam os dominados para estes viverem em submissão a elas como algo natural e conveniente, inibindo assim sua potencialidade revolucionária.

Assim, por exemplo, em nome da “nação” ou da “pátria”, as classes dominantes criam no povo o sentimento de identificação com elas. Propagam a união nacional com os exploradores contra um inimigo exterior e a favor de um suposto “destino nacional” de uma sociedade concebida como um todo orgânico, desprovido de antagonismos sociais objetivos. Assim se forma um *bloco hegemônico*. Ele amalgama a todas as classes sociais em torno de um projeto burguês. O poder hegemônico combina e articula a coerção e o consenso.

A supremacia de um grupo social se manifesta por dois modos: primeiro, pelo *domínio* e, segundo, pela *direção intelectual e moral*. Um grupo social domina os grupos adversários de modo a submetê-los, ou os liquidar em caso de luta armada, inclusive com uso das Forças Armadas, e dirige os grupos afins e aliados.

Um grupo social pode e deve ser *dirigente* antes de conquistar o poder governamental: esta, aliás, é uma das condições principais para a própria conquista do poder. Posteriormente, quando exerce o poder (executivo), torna-se *dominante*, mas deve continuar sendo *dirigente* também. Não se arriscar a sofrer um golpe, seja militar, seja judicial-parlamentarista em regime presidencialista.

A *hegemonia* é, portanto, o exercício das funções de direção intelectual e moral unida àquela do domínio do poder político. O problema para Gramsci está em compreender como pode uma classe dominada, subalterna, tornar-se classe dirigente e exercer o poder político, ou seja, converter-se em uma classe hegemônica.

A hegemonia é exercida unindo-se em um *bloco social*, criado pela aliança política de um conglomerado de classes sociais diferentes. O bloco social pode não ser homogêneo, sendo formado por industriais, proprietários rurais, classes médias e parte pequena da burguesia. Este bloco é sempre entrecortado por interesses divergentes. Mas, mediante uma política, uma cultura e uma ideologia (ou um sistema de ideologias), ele impede os conflitos de interesses, permanentes ou latentes, explodirem, provocando a crise da ideologia dominante e uma decorrente crise política do sistema de poder.

A *crise da hegemonia* se manifesta quando, mesmo mantendo o próprio domínio, as classes sociais politicamente dominantes não conseguem mais ser dirigentes de todas as classes sociais. Nesse caso, não conseguem resolver os problemas de toda a coletividade e a impor a toda a sociedade sua própria concepção de mundo.

A classe social subalterna, se consegue indicar soluções concretas para os problemas deixados sem solução, torna-se *dirigente* e, expandindo sua própria cosmovisão a outros estratos sociais, cria um *novo bloco social*. Este se torna hegemônico.

Para Gramsci, o processo revolucionário volta-se inicialmente para o *nível da superestrutura*, em sentido marxista, isto é, político, cultural, ideal, moral. Mas, trespassa a sociedade em sua complexidade, indo ao encontro com sua estrutura econômica, isto é, todo o bloco histórico. Este termo para Gramsci indica o conglomerado da estrutura e da superestrutura, as relações sociais de produção e seus reflexos ideológicos.

Há necessidade de educar os trabalhadores e de formar intelectuais provenientes da classe trabalhadora, denominados de intelectuais orgânicos: cada grupo social fundamental com papel decisivo na produção engendra seus próprios intelectuais, ditos “orgânicos”. A classe burguesa traz, consigo, não apenas o capitalista, mas também uma série de figuras intelectuais como o técnico, o administrador, o economista, o advogado, o tecnocrata das mais distintas esferas do Estado etc. Tais intelectuais são os “funcionários da superestrutura”, usados para por moldar o mundo à imagem e semelhança da classe fundamental.

Nessa situação, a classe operária teria seus próprios intelectuais de novo tipo, mas eles não são os intelectuais dos partidos de esquerda ou seus militantes. Na sociologia gramsciana, os *intelectuais de tipo orgânico*, ao se desenvolverem, deparam-se com os de tipo “tradicional”, herdados de castas de sábios: clérigos, filósofos, juristas, escritores e outros. Estes *intelectuais tradicionais* têm um forte sentimento de continuidade através do tempo e veem-se como independentes em relação às classes sociais em luta.

De certo modo, essas classes tentam capturar para si esses intelectuais tradicionais no processo da luta pela hegemonia. No caso da classe operária, para Gramsci, a luta seria no sentido de afirmar *um novo intelectual*, não mais afastado do mundo produtivo ou encharcado de retórica abstrata, mas capaz de ser, simultaneamente, especialista e político. Em suas palavras, capaz de exercer uma função dirigente no novo bloco histórico.

Gramsci faz distinção entre a *sociedade política* e a *sociedade civil*. A primeira é o aparato da coerção estatal. É função do domínio direto ou de comando que se expressa no Estado e no governo jurídico. A segunda é o conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e difusão das ideologias; compreende o sistema escolar, as igrejas, os partidos políticos, as organizações sindicais e profissionais, os meios de comunicação, as organizações de caráter científico e artístico, etc.

O estudo de Gramsci nos possibilitou a ampliação da concepção marxista de Estado para um Estado de Direito democrático. “Pessoas como Liszt Vieira e Herbert Daniel, antes imersas na ideologia marxista tradicional, preocupadas com a questão de exploração de classes, desenvolveram [em conjunto com os membros da campanha de 1982] o que os estudiosos hoje chamam de ‘transversalidade’, ou seja, uma análise que apresenta a conexão entre condições econômicas, sociais e culturais que marginalizam determinados setores da sociedade sob justificativas fundamentadas em ideologias profundamente arraigadas e disseminadas. Em 1982, poucos ativistas, em meia dúzia de campanhas eleitorais, mencionaram de relance a opressão da homossexualidade, relacionando-a a questões enfrentadas por outros setores da sociedade. A campanha de Vieira, por outro lado, apresentava a questão como tema central, não um assunto secundário” (Green, 2018: 262).

Embora alguns militantes imaginem, no Brasil, o movimento com mais clara inspiração autonomista ter sido o deflagrado em junho de 2013, constituído majoritariamente por jovens, quando tomou conta das ruas por mudanças políticas a partir de coletivos de características autonomistas (de organização horizontal, não hierarquizada) tais como o Movimento Passe Livre (MPL) - e abriu caminho para a direita (tipo MBL) “sair do armário” -, em 1982 éramos também conhecidos como *autonomistas*.

Autonomismo era um conjunto de teorias afins ao movimento socialista e a vários movimentos sociais e políticos de esquerda existentes principalmente na Europa. Caracterizam-se pela oposição à burocracia dominante nos Estados ou nos partidos políticos. Os *autonomistas*, de modo geral, propõem a descentralização do poder, a autogestão e a colaboração em rede entre todos os que se dispõem a estabelecer novos modelos sociais, de

modo a sociedade no futuro superar os modelos historicamente mais autoritários.

Os franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari eram notáveis autonomistas. Patrocinamos palestra no Rio de Janeiro, em 1982, deste último, autor do livro “*Revolução Molecular*”. Ele já previa mudanças sociais gradativas e “em rede”, das quais a própria revolução de costumes e de comunicações, ligada ao surgimento da Internet, são exemplos.

Enfim, nossa campanha defendia a liberalização a partir dos indivíduos e/ou movimentos sociais contra costumes conservadores. Radicalizamos a defesa dos princípios republicanos de liberdade (dispor do próprio corpo para sexo e aborto), fraternidade e igualdade.

O Herbert Daniel por ser revolucionário e pela não aceitação do gueto homossexual possuía uma visão holística. Quando assumiu publicamente sua homossexualidade transitou para a defesa de uma revolução de costumes com conquistas progressivas, mas muito mais permanentes. Reconheceu os movimentos sociais por definição comporem a sociedade de maneira interativa. Nenhum conseguiria hegemonia senão na base do consenso democrático em vez de ser na base da coerção pela luta armada, violência policial ou *punitivismo* como prisão perpétua ou pena de morte para crimes hediondos, redução da maioria penal, etc.

Hoje, se vivo estivesse, suponho que ele estaria debatendo conosco a questão-chave atual da chamada política identitária: enfatizar identidades e isolar os eleitores de grupos minoritários é responsável por derrotas eleitorais? Ao segmentar o eleitorado e customizar a mensagem para negros, mulheres e cidadãos LGBT, pessoas de centro-esquerda defensoras da atuação do Estado para reduzir desigualdade estão perdendo a capacidade de formular uma visão de país atraente para toda a população? Por uma vida alternativa?

Longa Caminhada Até A Liberdade – Autobiografia de Nelson Mandela

Para contextualizar a vida de Nelson Mandela (18/07/1908 - 05/12/2013), exposta em *Longa Caminhada para a Liberdade: Autobiografia de Nelson Mandela* (Curitiba: Nossa Cultura; 2012. 816 p.), é prudente o leitor previamente ter alguma noção da história da África do Sul. O país contém alguns dos mais antigos sítios arqueológicos e fósseis humanos do mundo. Vários restos fósseis foram recuperados a partir de uma série de cavernas na província de Gauteng. A área é um Patrimônio Mundial pela UNESCO e foi denominada o Berço da Humanidade.

Em 1652, um século e meio após a descoberta da Rota Marítima do Cabo, a Companhia Holandesa das Índias Orientais fundou uma estação de abastecimento que mais tarde viria ser a Cidade do Cabo. Esta tornou-se uma colônia britânica em 1806. A colonização europeia expandiu-se na década de 1820 com os Bôeres (colonos de origem Holandesa, Flamenga, Francesa e Alemã), enquanto os colonos britânicos se assentaram no norte e no leste do país. Nesse período, conflitos surgiram entre os grupos nativos Xhosa, Zulu e Afrikaners que competiam por território.

Durante a década de 1830, cerca de 12 mil bôeres (mais tarde conhecido como Voortrekkers), partiram da Colônia do Cabo, onde tinham sido submetidos ao controle britânico. Eles migraram para as regiões que mais tarde se tornariam Natal, Estado Livre de Orange e Transvaal. Os bôeres fundaram a República Sul-Africana (atual Gauteng, Limpopo, Mpumalanga e províncias do oeste e do norte) e o Estado Livre de Orange (Free State).

A descoberta de diamantes, em 1867, e de ouro, em 1884, no interior do país iniciou a “Revolução Mineral” e o aumento do crescimento econômico e da imigração. Isto intensificou a subjugação dos povos indígenas pelos sul-africanos europeus. A luta para controlar esses importantes recursos econômicos foi um fator decisivo nas relações entre os europeus e os nativos e também entre os bôeres e os britânicos.

As repúblicas bôeres resistiram com sucesso às invasões britânicas, durante a Primeira Guerra dos Bôeres (1880-1881), usando táticas de guerrilha, que foram bem adaptados às condições locais. Os britânicos voltaram com um número maior de homens, com mais experiência e com uma nova estratégia na Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902), mas sofreram pesadas perdas durante os conflitos, apesar de terem sido os vencedores. Dentro do país, as políticas anti-britânicas entre brancos sul-africanos focavam na independência.

Durante os períodos coloniais holandês e britânico, a segregação racial era majoritariamente informal, apesar de algumas legislações terem sido promulgadas para controlar o estabelecimento e a livre circulação de povos nativos.

Oito anos após o fim da Segunda Guerra dos Bôeres e após quatro anos de negociação, uma lei do parlamento britânico (Ato da África do Sul de 1909) criou a União Sul-Africana em 31 de maio de 1910. A União era um domínio britânico que incluía as antigas colônias holandesas do Cabo e de Natal, bem como as repúblicas do Estado Livre de Orange e de Transvaal.

A Lei das Terras dos Nativos de 1913, restringiu severamente a propriedade de terra por negros. Nessa época os nativos controlavam apenas 7% do território do país. A quantidade de terra reservada para os povos indígenas foi mais tarde ligeiramente aumentada.

Em 1931, a União tornou-se efetivamente independente do Reino Unido, com a promulgação do Estatuto de Westminster. Em 1934, o Partido Sul-Africano e o Partido Nacional se fundem para formar o Partido Unido, buscando a reconciliação entre os africanos e os brancos anglófonos. Em 1939, o partido se divide sobre a entrada da União na Segunda Guerra Mundial como uma aliada do Reino Unido, uma decisão que os seguidores do Partido Nacional se opuseram.

Em 1948, o Partido Nacional, foi eleito e chegou ao poder. Esse grupo político reforçou a segregação racial, que já tinha começado sob o domínio colonial holandês e britânico. O Governo Nacionalista classificou todos os povos em três raças, com direitos e limitações desenvolvidas para cada uma. A minoria branca controlava a muito maior maioria negra. A segregação legalmente institucionalizada ficou conhecida como apartheid.

Enquanto a minoria branca sul-africana usufruía do mais alto padrão de vida de toda a África, comparável aos de nações de países desenvolvidos ocidentais, a maioria negra ficou em desvantagem em quase todos os aspectos, como renda, educação, habitação e expectativa de vida. A Carta da Liberdade, adotada em 1955 pela Aliança do Congresso, exigiu uma sociedade não-racial e o fim da discriminação.

A África do Sul abandonou a *Commonwealth* em 1961, na sequência de um referendo - onde, obviamente, só pôde participar a comunidade branca - que ditou a Proclamação da República. Apesar da oposição dentro e fora do país, o governo manteve o regime do apartheid.

No fim do século XX, alguns países e instituições ocidentais começaram a boicotar os negócios com o país por causa das suas políticas de opressão

racial e de direitos civis. Após anos de protestos internos, ativismo e revolta de sul-africanos negros e de seus aliados, finalmente, em 1990, o governo sul-africano iniciou negociações que levaram ao desmantelamento das leis de discriminação e às eleições democráticas de 1994. O país então aderiu à Comunidade das Nações.

A autobiografia de Nelson Mandela conta toda a sua vida, porém o foco maior é a história da “longa caminhada até a liberdade”. Pelo detalhamento das lutas e até dos nomes dos militantes envolvidos, com análise do perfil de seus líderes, o livro se estende por 764 páginas.

Mandela foi detido e condenado à prisão perpétua em 1964, alguns anos após uma manifestação do CNA, que terminou no massacre de 67 negros e na declaração da ilegalidade do grupo. Na década de 1980, aumentou a pressão da sociedade pelo fim do apartheid e pela libertação do líder de oposição. Foi o presidente Frederik De Klerk, que mais tarde recebeu o Prêmio Nobel da Paz, ao lado de Mandela, quem gradualmente derrubou as últimas leis segregacionistas, em 1991. Nelson Mandela havia sido libertado um ano antes e passou a lutar pela reconciliação do país com a sua história e pela harmonia entre as raças.

Em 1983, é adotada uma nova constituição que garante uma política de direitos limitados às minorias asiáticas, mas continua a excluir os negros do exercício dos direitos políticos e civis. A maioria negra, portanto, não tinha direito de voto nem representação parlamentar. O partido branco dominante, durante a era do apartheid, é o Partido Nacional, enquanto a principal organização política negra era o Congresso Nacional Africano (ANC), que durante quase 50 anos foi considerado ilegal.

Mais tarde, em 1990, sob a liderança do presidente F. W. de Klerk, o governo sul-africano começa a desmantelar o sistema do apartheid, libertando Nelson Mandela, líder do ANC, e aceitando legalizar esta organização, bem como outras antiapartheid. Os passos seguintes no sentido da união nacional são dados em 1991. A abertura das negociações entre os representantes de todas as comunidades, com o objetivo de elaborar uma Constituição democrática, marca o fim de uma época perturbada na África do Sul que iniciou-se em 1948 e teve seu fim em 1990, 42 anos, época esta chamada de Apartheid, que, em uma tradução livre de seu significado para o português, seria “segregação racial”.

No dia 10 de abril de 1993, um dos principais líderes do movimento negro da África do Sul, Chris Hani, tombou vítima de dois tiros, diante da própria residência. O que seus assassinos não previram é que essa morte acabaria por acelerar o fim do apartheid.

No mesmo ano, o governo e a oposição negra acordam nos mecanismos que garantam a transição para um sistema político não discriminatório. É criado um comitê executivo intermediário, com maioria negra, para supervisionar as primeiras eleições multipartidárias e multirraciais, e é criado, também, um organismo que fica encarregado de elaborar uma Constituição que garanta o fim do Apartheid. Em abril de 1994, são realizadas as primeiras eleições multirraciais da história sul-africana. O ANC ganha as eleições e Nelson Mandela, formando um Governo de unidade nacional, torna-se o primeiro presidente sul-africano negro.

Luta contra Segregação Racial: Legado da Vida de Mandela

Em sua autobiografia, Mandela explica: a expressão *raças humanas* refere-se a um antigo conceito antropológico, fortemente criticado e em desuso, mesmo nesta disciplina, desde meados da década de 1950. Ela classifica populações ou grupos populacionais com base em vários conjuntos de características somáticas e crenças sobre ancestralidade comum. As categorias mais amplamente usadas neste sentido restrito, baseiam-se em traços visíveis, tais como cor da pele, conformação do crânio e do rosto e tipo de cabelo, bem como a *auto identificação*.

Em *stricto sensu*, não haveria por que se falar em *raças humanas*. Este conceito, desacreditado na maioria dos círculos científicos, era popular no século XIX, mas perdeu o interesse heurístico face ao desenvolvimento da genética na segunda metade do século XX.

Concepções de *raça* - em taxonomia, *raça* é o mesmo que subespécie -, bem como as formas específicas de agrupá-las, variam de cultura em cultura e através do tempo. São frequentemente controvertidas por razões científicas, sociais e políticas. A controvérsia, finalmente, gira em torno da questão de se as raças são ou não tipos naturais ou socialmente construídos, e o grau no qual diferenças observadas em capacidade e realizações, categorizadas em bases raciais, são um produto de fatores herdados, isto é, genéticos, ou de fatores ambientais, sociais e culturais.

Alguns argumentam que embora “*raça*” seja um conceito taxonômico válido em outras espécies, não pode ser aplicada a seres humanos. Muitos cientistas têm argumentado que definições de *raça* são imprecisas, arbitrárias, oriundas do costume, possuem muitas exceções, têm muitas gradações e que o número de raças descritas varia de acordo com a cultura que está fazendo as diferenciações raciais.

Assim, rejeitaram a noção de que qualquer definição de *raça* pertinente a humanos possa ter rigor taxonômico e validade. Hoje, a maioria

dos cientistas estudam as variações genotípicas e fenotípicas humanas usando conceitos tais como “população”. Muitos antropólogos debatem se enquanto os aspectos nos quais as caracterizações raciais são feitas podem ser baseados em fatores genéticos, a ideia de raça em si, e a divisão real de pessoas em grupos de características hereditárias selecionadas, seriam construções sociais.

É somente no século XIX, justamente quando se luta contra as últimas escravidões de seres humanos no mundo ocidental, que se começa a falar de raças dentro da espécie humana. Foi o Conde de Gobineau que popularizou, em meados do século XIX, um novo significado, em seu ensaio racista *Essai sur l'inégalité des races humaines* ("Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas", 1853-1855), no qual toma partido a favor da tese poligenista. Segundo essa tese racista, a qual a humanidade poderia ser dividida em várias raças distintas, as quais seriam passíveis de serem tratadas em uma base hierárquica.

O *racionalismo* ou *racismo científico*, tornou-se a partir daí a ideologia predominante nos meios eruditos, na Antropologia, Física, etc., em conjunto com o mau uso do evolucionismo, através do que ficou conhecido como darwinismo social, contemplando as teorias eugênicas desenvolvidas por Francis Galton. A tentativa de prover um discurso científico ("ideologia científica") para os preconceitos racistas só seria fortemente desacreditado após o genocídio dos judeus da Europa praticado pela Alemanha Nazista.

A segmentação artificial em “raças humanas” disseminou-se amplamente na época do nacionalismo inflamado, em que se fez “proclamação de ideologias racistas em nome da ciência”. Estes preconceitos eram exercidos, simultaneamente, por vários países europeus em processo de colonização do continente africano.

A grande variabilidade dos traços físicos dos seres humanos torna impossível definir raças fechadas, onde os traços seriam estritamente próprios de um determinado grupo. De fato, a grande maioria das características físicas são quantitativas. Assim, definir uma raça se fundamentando na pigmentação da pele é um processo delicado já que todas as nuances existentes na espécie humana, e mesmo dentro de determinados grupos. Daí a discussão, na América Latina e nos Estados Unidos, sobre as diferentes tonalidades de “negro”, ou a complicada classificação, desde a colonização das Américas, a fim de hierarquizar os indivíduos mestiços de grupos étnicos distintos em função da cor de sua pele.

O uso criminoso da noção de “raça”, durante a Segunda Guerra Mundial, pelo regime nazista, e a ausência de categorizações fiáveis ligadas a

esta noção, levam os antropólogos a não mais utilizar tal tipo de classificação. Na segunda metade do século XX, esta ideia foi pouco a pouco sendo abandonada sob três influências:

1. ambiguidade do termo e ausência de base científica, demonstradas graças ao avanço da biologia e da genética;
2. papel desempenhado por estas ideias no genocídio nazista;
3. obras de Claude Lévi-Strauss e Franz Boas, os quais transformaram a Antropologia e lançaram luz sobre os fenômenos do etnocentrismo inerentes à toda cultura.

Em meados dos anos 1950, a UNESCO recomendou o conceito de “*raças humanas*”, considerado não-científico e estimulante de conflitos, fosse substituído por *grupos étnicos*, o qual insiste fortemente nas dimensões culturais dentro da população humana: língua, religião, costumes, hábitos, etc. Todavia, as tentativas racistas persistem, como bem o demonstram os recentes debates sobre a publicação de “*The Bell Curve*” (1994), de Richard Herrnstein e Charles Murray. Eles afirmam ter estabelecido uma correlação científica entre “raça” (no caso, negros e brancos) e inteligência.

O que é peculiar na história do *apartheid* sul-africano (pronúncia em africâner de “separação”) foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, coincidentemente, na época em que no mundo civilizado se estabelecem inúmeras lutas antirracistas, inclusive nos Estados Unidos. Lá, os direitos da grande maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.

A segregação racial na África do Sul teve início ainda no período colonial, mas o *apartheid* foi introduzido como política oficial após as eleições gerais de 1948. A nova legislação dividia os habitantes em grupos raciais (“negros”, “brancos”, “de cor”, e “indianos”), segregando as áreas residenciais, muitas vezes através de remoções forçadas. A partir de finais da década de 1970, os negros foram privados de sua cidadania, tornando-se legalmente cidadãos de uma das dez pátrias tribais autônomas chamadas de bantustões. Nessa altura, o governo já havia segregado a saúde, a educação e outros serviços públicos, fornecendo aos negros serviços inferiores aos dos brancos.

Nelson Mandela (original de 1994: 150) conta: “além da Lei de Repressão ao Comunismo [tornava ilegal o Partido Comunista da África do Sul - tal como o PCB e o PCdoB no Brasil pouco antes - e transformava em crime, punível com uma sentença de até um máximo de dez anos de prisão, a filiação ao partido ou promover os objetivos do comunismo. Mas a lei foi

elaborada com um alcance tão amplo que ela tornava ilegais praticamente todas as manifestações contra o Estado, criminalizando a defesa de qualquer doutrina que promovesse ‘mudanças políticas, industriais, sociais ou econômicas na União pela promoção de distúrbios e desordem. Essencialmente, a lei permitia ao governo tornar ilegal qualquer organização e a reprimir qualquer indivíduo que se opusesse às suas políticas.] duas leis aprovadas em 1950 formaram os alicerces do apartheid: a Lei de Registro da População e a Lei de Áreas para Grupos.”

(...) “a Lei de Registro da População autorizava oficialmente o governo a classificar todos os sul-africanos segundo sua raça. Se já não era assim antes, raça se tornou o sine qua non da sociedade sul-africana. Os testes arbitrários e inúteis para distinguir negros de mestiços, ou mestiços de brancos, frequentemente, resultavam em casos trágicos onde membros da mesma família eram classificados diferentemente, tudo dependendo do fato de uma criança possuir uma tez mais clara ou mais escura. O local onde se permitiria que alguém morasse e trabalhasse podia depender de distinções absurdas tais como os cachos de cabelo da pessoa ou o tamanho de seus lábios.”

“A Lei de Áreas para Grupos era o alicerce do apartheid residencial. Sob suas regras, cada grupo racial podia possuir terras, ocupar instalações e negociar apenas em sua própria área separada. Indianos a partir de então só poderiam morar em áreas indianas, negros em áreas para negros, mestiços em áreas para mestiços. Se os brancos quisessem terras ou casas dos outros grupos eles poderiam simplesmente declarar que a terra era uma área de brancos e toma-las. A Lei de Áreas para Grupos iniciou a era das remoções forçadas, quando comunidades, cidades e aldeias de negros localizadas em áreas recém-declaradas áreas urbanas ‘brancas’ eram violentamente transferidas porque os proprietários brancos vizinhos não queriam ter negros vivendo nas proximidades ou simplesmente queriam suas terras”.

O apartheid trouxe violência e um significativo movimento de resistência interna, bem como um longo embargo comercial (e até esportivo) contra a África do Sul. Uma série de revoltas populares e protestos causaram o banimento da oposição e a detenção de líderes antiapartheid. Conforme os protestos se espalhavam e se tornavam mais violentos, as organizações estatais respondiam com o aumento da repressão e da violência.

Reformas no regime, durante a década de 1980, não conseguiram conter a crescente oposição. Em 1990, o presidente Frederik Willem de Klerk iniciou negociações para acabar com o apartheid, o que culminou com a realização de eleições multirraciais e democráticas em 1994, que foram

vencidas pelo Congresso Nacional Africano, sob a liderança de Nelson Mandela.

Os Caminhos de Mandela: Lições de Vida, Amor e Coragem

Nelson Mandela (original de 1994: 220) comenta: “Apesar de eu ler uma variedade de jornais do país inteiro, os jornais são uma sombra pálida da realidade; as informações que eles contém são importantes para um guerreiro pela liberdade não porque elas revelam a verdade, mas porque elas revelam os preconceitos e percepções tanto daqueles que produzem o jornal quanto daqueles que o leem.” Portanto, a sábia dedução é que não devemos deixar o ódio político embaçar nossas vistas quanto à importância da defesa da liberdade da imprensa.

Sua sensibilidade, gradualmente, permitiu-lhe descobrir novos instrumentos políticos que não a confrontação direta via luta armada, substituindo-a, por exemplo, pela desobediência civil em massa. Mas sempre em festa contagiante embalada por música e dança. Mandela (original de 1994: 221) destaca: “Gosto de todos os tipos de música, mas a música tocada pela minha própria carne e sangue vai direto ao meu coração. A beleza curiosa da música africana é que ela anima o espírito mesmo quando conta uma história triste. Você pode ser pobre, você pode possuir apenas um barraco para morar, você pode ter ficado desempregado, mas aquela canção enche você de esperança. A música africana, frequentemente, fala das aspirações do povo africano, e ela pode acender a resolução política daqueles que de outra forma seriam indiferentes à política. É necessário apenas testemunhar os cantos contagiantes em manifestações de negros. A política pode ser fortalecida pela música, mas a música possui uma potência que desafia a política”.

O jornalista Richard Stengel, autor do livro *Os Caminhos de Mandela: Lições de Vida, Amor e Coragem* (Editora Principium), de 2010, foi quem ajudou Nelson Mandela a escrever sua autobiografia (*Longa Caminhada até a Liberdade*, Editora Nossa Cultura) e produziu o documentário *Mandela*, indicado ao Oscar em 1996. Entre 1992 e 1994, alguns anos depois de Mandela ter saído da prisão, Stengel reuniu mais de setenta horas de entrevistas e um diário escrito pelo líder sul-africano. Quinze das lições de sabedoria e liderança presentes neste material e compiladas no livro foram sintetizadas abaixo.

1 - *Coragem não é ausência de medo*

Nenhum de nós nasce corajoso, diz Mandela. Tudo está na maneira como reagimos a diferentes situações.

Embora possa surpreender as pessoas que o conhecem apenas como um ícone, Stengel diz que Mandela contou ter tido medo diversas vezes: durante o julgamento de Rivonia, que o sentenciou à prisão perpétua, quando os carcereiros na Ilha Robben ameaçaram espancá-lo, quando era um fugitivo conhecido na imprensa como "Pimpinela Negro", quando secretamente começou a negociar com o governo. Coragem não é ausência de medo, ele dizia. É aprender a superá-lo. Finja que você é corajoso e você se torna corajoso.

2 - Seja ponderado

No meio de situações turbulentas, Mandela era calmo e procurava a calma nos outros. Um homem que foi seu companheiro de prisão durante os quase 30 anos em que ele esteve preso diz que só o viu bravo duas vezes - e ambas envolviam carcereiros insultando sua mulher.

Pensamos em temperamento como algo com o qual nascemos. Mas, no caso de Mandela, foi algo formado. Quando jovem, ele era cabeça quente e facilmente incitável à raiva. O homem que saiu da prisão era o oposto disso - era quase impossível exasperá-lo. Ele esperava antes de tomar decisões. "Não se apresse", ele dizia, "pense, analise, então aja".

3 - Lidere na frente

Mandela liderou a Liga Jovem do CNA, o Congresso Nacional Africano, coordenou a Campanha do Desafio, em 1952, comandou a decisão de abraçar a luta armada e desafiou o governo a enforcá-lo no Julgamento de Rivonia, em 1963-1964, que o condenou à prisão perpétua. Na prisão, na década de 1980, foi dele a iniciativa de negociar com o governo branco.

"É absolutamente necessário, às vezes, o líder agir independentemente, sem consultar ninguém, e apresentar o que fez à organização", ele diz. O que significa também ser responsável e assumir as consequências. Sua concepção é a de que líderes devem não apenas liderar, devem ser visto liderando.

4 - Lidere na retaguarda

Mandela sabia que não há nada que faça outra pessoa gostar mais de você do que lhe pedir sua ajuda - quando você reconhece a opinião dos outros, aumenta a lealdade deles a você. Sabia que não podia estar sempre na frente e que seu objetivo poderia morrer, a menos que permitisse que outros liderassem.

Certa vez, usou uma parábola para explicar sua ideia de liderança: quando você está manejando um rebanho e quer que ele se mova para

determinada direção, fica atrás com uma vara e deixa alguns dos animais mais inteligentes irem na frente, movendo-se na direção que você quer que eles se movam. O resto do rebanho segue os mais enérgicos que estão na frente, mas é você quem está realmente guiando lá de trás. É assim que um líder deve fazer o seu trabalho.

5 - Represente o papel

Quando Mandela era menino, seu pai cortou a própria calça de montaria e fez uma calça para que o filho tivesse o que vestir no primeiro dia de aula. Ele estava determinado a fazer com que seu menino não parecesse um "nativo" incivilizado. Mandela aprendeu a lição. Ele sabia que, às vezes, a melhor forma de ajudar os outros a ver seu caráter é por meio da maneira como você se apresenta. As aparências importam e temos somente uma chance de causar a primeira impressão.

Assim como fingir que se é corajoso pode se tornar coragem real, podemos sentir que nos vestimos como a pessoa que queremos aparentar nos deixa mais próximos de nos tornarmos aquela pessoa.

E Mandela estava preocupado com as aparências em uma escala bem maior do que somente que tipo de terno estava vestindo. Ele conhecia o poder da imagem, muito antes da internet e das notícias 24 horas na TV a cabo. "As aparências constituem a realidade", ele disse certa vez.

Em cada estágio da sua vida, Mandela decidiu quem ele queria ser e criou a aparência - e então a realidade - daquela pessoa. Tornou-se quem ele queria ser.

6 - Tenha um princípio essencial - todo o resto é tática

Nelson Mandela era um homem de princípios, exatamente, apenas um: direitos iguais para todos, independentemente de raça, classe ou gênero. Quase todo o resto é tática. Pragmático, ele estava disposto a chegar a um acordo, mudar, adaptar e refinar sua estratégia, desde que isso levasse à derrocada do apartheid e a conquista de uma democracia não racial, com "uma pessoa, um voto". Uma vez que tivesse atingido seu grande objetivo de trazer a democracia constitucional para a África do Sul, abraçaria seu corolário: conseguir a harmonia racial. Tudo o mais era subordinado a esses objetivos sobrepostos. Quando as condições mudam, você deve mudar sua estratégia e sua mente. Não é indecisão, é pragmatismo.

7 - Veja o que há de bom nos outros

É extraordinário que um homem que foi maltratado a maior parte da sua vida possa ver tanto o que há de bom nos outros. Mandela começa com a suposição de que você está lidando com ele de boa fé. Acredita nisso, assim como fingir ser corajoso pode levar a atos de coragem real. Julgando que o que há de bom nas outras pessoas melhora as chances de que elas revelarão o melhor de si. Certa vez, Stengel perguntou-lhe sobre John Vorster, o presidente da África do Sul, simpatizante do nazismo, que endureceu o apartheid e se arrependeu do fato de Mandela e seus companheiros não terem sido executados. "Ele era um sujeito bem decente", Mandela disse, com total sinceridade. "Em primeiro lugar, era muito educado". Não é que ele não veja o lado sombrio de alguém, como John Vorster, é que ele não está disposto a ver apenas isso. Ele sabe que ninguém é puramente bom ou puramente mal. Dispensa o maniqueísmo absoluto.

8 - Conheça seu inimigo

Lutador amador de boxe, Mandela aprendeu com seu treinador, Skipper Molotsi, a importância de conhecer seu adversário e compreendeu que precisava fazer isso na arena política também. Quando estava na prisão, começou a estudar livros de gramática africâner, e era caçoado pelos seus companheiros por aprender a língua do opressor, dos brancos. Stengel perguntou a Mandela que razões ele tinha para isso, e ele respondeu: "Bem, é óbvio, porque, como uma figura pública, vocês quer conhecer as duas línguas principais do país, e o africâner é uma língua importante, falada pela maioria da população branca do país e pela maioria das pessoas de cor, e é uma desvantagem não conhecê-la. Quando você fala africâner, entende, vai direto ao coração deles". Para Mandela, conhecer o inimigo não era apenas uma tática, mas um ato de empatia.

E quando você conquista seu inimigo, ele disse, nunca se vanglorie disso. Não os humilhe sob nenhuma circunstância. Deixe-os, na verdade, salvar as aparências. E então você conseguirá transformar seu inimigo em seu aliado.

9 - Mantenha seus rivais por perto

Você pode confiar nos seus amigos, no sentido de que sabe que eles, grosso modo, irão apoiá-lo, e pode confiar em seus inimigos, no sentido de que supõe que eles sempre se oporão a você. Mas seus rivais amistosos são aqueles que você precisa não perder de vista.

Meticuloso, Mandela traçava os movimentos de seus rivais. Dizia que nos esforçarmos menos para esperar o esperado, o que, com frequência, não nos leva a prepararmos para o que sabemos haver probabilidade de acontecer.

O líder sul-africano sabia não haver método infalível de antecipar os ataques dos seus rivais, mas acreditava, ao manter um rival debaixo das suas asas, faria ele ao menos pensar duas vezes. E então ficaria perto o suficiente para vê-lo se aproximar.

10 - *Saiba quando dizer não*

Mesmo tendo um instinto quase sobrenatural para agradar, mesmo odiando desapontar as pessoas, Nelson Mandela era totalmente adepto do dizer "não". Tendo passado tantos anos na prisão, onde tinha um poder limitado para influir nas situações, sabia muitas delas se resolverem por si mesmas. Mas se você está demorando ou evitando dizer "não" porque é desagradável, melhor dizê-lo na hora e claramente. Você evitará problemas a longo prazo.

Mandela falou muitos grandes e resolutos "nãos" em sua vida política. Quando jovem, disse não à participação de comunistas na Liga da Juventude do CNA. Disse não para a ideia de esconder seus atos revolucionários, no Julgamento de Rivonia. Disse um gigantesco não ao presidente De Klerk quando julgou que ele estava tentando preservar a dominação branca no governo. Ao mesmo tempo, não dizia o "não" quando não tinha de dizer. Por que desperdiçar um "não" quando você não precisa dizê-lo? Por que ser rude quando não é preciso?

11 - *É um jogo demorado*

Quando jovem, Mandela era impaciente: queria a mudança para ontem. Vinte e sete anos na prisão o ensinaram a ir mais devagar e reforçaram seu sentimento de que a pressão com frequência leva ao erro e ao mau julgamento. Acima de tudo, aprendeu como adiar a gratificação.

Essa paciência com o longo prazo moldou até mesmo sua visão de felicidade. Certa vez, Stengel perguntou se ele era feliz. Após uma pausa, ele contou sobre a morte precoce do pai, sobre como a mãe morreu pensando que o filho era um prisioneiro e, quem sabe, um criminoso, sobre como suas filhas sofreram quando ele estava preso. E então citou uma resposta que um pensador grego deu a essa mesma pergunta: "Não considere nenhum homem feliz até que você conheça o fim dele". Mandela concordava. Tudo pode mudar no último capítulo, e você precisa permanecer no caminho para evitar que algo desagradável aconteça.

12 - *O amor faz a diferença*

Durante grande parte da vida de Mandela, o amor foi algo distante, existindo mais em sua imaginação e em sua memória que na realidade. E,

quando era uma realidade, muitas vezes era uma fonte de dor em vez de conforto. A natureza da era do apartheid na África do Sul o impossibilitou de ter uma vida pública e uma vida privada simultaneamente. No entanto, nunca desistiu da ideia de que o amor estaria em sua vida. Durante toda a sua vida, no cálculo entre o amor e o dever, o dever quase sempre venceu. Há pouco espaço para o amor na vida de um revolucionário e de um prisioneiro. Mas Mandela nunca desistiu do amor, nem mesmo quando ele foi adiado ou estava inacessível.

13 - *Desistir também é liderar*

Em vários aspectos, o maior ato de liderança de Mandela foi a renúncia. Quando se tornou o primeiro presidente democraticamente eleito de uma África do Sul livre, é provável que, se desejasse, pudesse ter permanecido presidente perpétuo. Mas, em 1995, depois de apenas um ano de mandato, ele anunciou que não concorreria a um segundo. Mandela estava determinado a mostrar não somente que os africanos podiam governar a si mesmos, mas que a África podia ser um continente de democracias constitucionais.

Mandela sempre foi teimoso. Quando estruturava suas ideias, era duro mudá-lo. Mas mudava, particularmente quando confrontado com a evidência de que, se não o fizesse, isso teria consequências negativas. No momento em que ele mudava de ideia, nunca se imaginava que ele já tivesse pensado de maneira diferente. Ele passava para o outro lado e o abraçava com o zelo do recém-convertido. Mandela sabia que ceder pode ser uma espécie de vitória também: significa que você está passando para o lado vencedor.

14 - *Sempre ambos*

Nelson Mandela sabe a consistência, por si só, ser uma falsa virtude; e a inconsistência não é automaticamente uma falha. Os humanos são criaturas complexas e as pessoas têm uma miríade de razões.

Durante uma entrevista, Stengel perguntou a ele: “você abraçou a luta armada porque julgou que a não violência nunca derrotaria o *apartheid* ou porque era a única maneira de evitar que o CNA se estilhaçasse?” Mandela o encarou e disse: “Richard, por que não ambos?”. Para Mandela, a resposta quase sempre é “ambos”. Ele sabe que a razão por trás de qualquer ação raramente é clara. Não há explicações simples para as perguntas difíceis.

Gradações de cinza não são fáceis de articular. Preto e branco é mais sedutor porque é simples e absoluto. Por causa disso, muitas pessoas escolhem um categórico “sim” ou “não” porque pensam que isso parece mais forte. Mas se cultivarmos o hábito de considerar ambos - ou mesmo vários - os

lados de uma questão, como Mandela fazia, de manter o bom e o mau em nossas mentes, podemos ver soluções que de outra forma não nos ocorreriam.

15 - *Encontre sua própria horta*

Mesmo na prisão, em uma remota ilha, Mandela precisava de um lugar à parte. Um lugar onde pudesse se perder para se encontrar. Então, no começo da década de 1970, em meio a angústias como a morte do seu filho mais velho num acidente de carro, Mandela decidiu plantar uma horta na prisão. Ele precisou passar por vários processos burocráticos, enviar diversos pedidos de autorização, enfrentar a desconfiança das autoridades, mas no fim, conseguiu cultivar sua horta. Na Ilha Robben, ela tinha se tornado sua ilha particular. Acalmava sua mente. Distraía-o das preocupações constantes sobre o mundo exterior, sua família e a luta pela liberdade. Não era um lugar de retiro, mas de renovação.

O escritor inglês Samuel Johnson disse certa vez: “não há nada mais relaxante do que se concentrar em uma tarefa agradável que ocupe a mente, mas que não a sobrecarregue muito”. Para Mandela, era a horta. Para o resto de nós pode ser algo inteiramente diferente. O principal é que cada um de nós precisa de algo alheio ao mundo que nos dê prazer e satisfação, um lugar à parte.

Steve Jobs - A Biografia

Li a biografia de Steve Jobs, de autoria de Walter Isaacson (São Paulo, Companhia das Letras, 2011). Ganhei-o de meu filho após um acidente doméstico quebrar meu nariz em porta de vidro de estante de livros durante um sonho.

O livro de 624 páginas é baseado em mais de quarenta entrevistas com Jobs ao longo de dois anos - e entrevistas com mais de cem familiares, amigos, colegas, adversários e concorrentes. Ele narra a vida do empreendedor símbolo da minha geração baby-boom, pois nasceu em 1955, cuja adolescência ocorreu durante a revolução dos costumes dos anos 60.

Vendo as coisas de forma diferente, o resultado foi uma mentalidade libertária propícia a imaginar um mundo ainda não existente. Mesmo quando já tinha se tornado uma celebridade mundial, no mundo corporativo, ele sempre se postou como fruto da contracultura rebelde do rock em luta contra as grandes corporações para construir um mundo melhor com produtos símbolos de expressão individual: ligue, inicie, conecte! Sua meta era levar os computadores para o povo com design atraente e facilidade de uso, mas a preços acessíveis. Ex-namorado de Joan Baez, fã do Bob Dylan, entre os Beatles e os Stones, escolheria os primeiros, pois eles jamais puderam ser substituídos.

O nome de Apple Computer foi inspirado na fase quando Jobs estava em uma das suas dietas frutívoras. Tinha acabado de voltar de fazenda comunitária de maçãs, onde participara da poda das macieiras. O nome colocaria a empresa à frente da Atari (onde trabalhara), na lista telefônica. Tinha um sopro da contracultura, sugerindo retorno à natureza, mas nada poderia ser mais norte-americano. As duas palavras juntas - Apple Computer - provocavam uma disjunção divertida, pois não fazia muito sentido.

Ele soube se cercar de gente extremamente inventiva, seja na Apple, seja na Pixar, embora tivesse personalidade forte e polêmica, destratando qualquer pessoa considerada medíocre em sua avaliação. Em seu mundo maniqueísta, existiam apenas “heróis ou babacas”, as pessoas eram “geniais” ou “idiotas”. Os trabalhos delas era “o máximo” ou “uma merda total”. Sua paixão, herdada do pai adotivo, para alcançar a perfeição em todos os produtos levou-o a revolucionar seis grandes indústrias: a computação pessoal, o cinema de animação, a música, a telefonia celular, a computação em *tablet* e a edição digital.

A filosofia de marketing da Apple destacava três pontos. O primeiro era *empatia*, estabelecer conexão íntima como os sentimentos do cliente, criando novos objetos de desejo. O segundo era *foco*, ignorando desvios da rota principal. O terceiro princípio era *imputar*. Dizia respeito ao modo como as pessoas formam uma opinião sobre uma marca ou um produto com base nos sinais transmitidos. Sua apresentação, de maneira profissional e criativa, imputa as qualidades desejadas. Em toda sua carreira, Jobs se preocuparia, obsessivamente, com o marketing e a imagem, incluindo em sua atenção até os detalhes da embalagem.

Embora tenha cooperado com esta obra biográfica, Jobs não pediu nenhum tipo de controle sobre o conteúdo, nem mesmo o direito de lê-lo antes de ser publicado. Não estabeleceu nenhum limite: pelo contrário, incentivou seus conhecidos a falarem com franqueza. "Fiz muitas coisas as quais não acho louváveis, como ter engravidado minha namorada aos 23 anos de idade e a maneira como encaminhei a questão", disse, ele mesmo filho adotivo nascido de gravidez indesejada. "Mas não tenho nenhum segredo a esconder." Não é obra apologética, pelo contrário, é bastante crítica em relação à personalidade de Steve Jobs.

Jobs fala com franqueza sobre os companheiros de trabalho e os concorrentes. Do mesmo modo, seus amigos, inimigos e colegas apresentam o perfeccionismo, os desejos, o talento artístico, as manias e a obsessão controladora como formadores de sua atitude empresarial. Mas o que fica para a posteridade, de fato, são os produtos inovadores criados.

Jobs era capaz de levar ao desespero quem estava perto dele. Mas a personalidade e os produtos, assim como o hardware e o software da Apple, ao contrário da Microsoft, estavam unidos no mesmo sistema integrado.

Irei destacar da obra, no entanto, outros aspectos. Eles me chamaram a atenção, devido à minha especialização profissional. Quando, em 3 de janeiro de 1977, três jovens engenheiros californianos, Steve Jobs, Wozniak e Mike Markkula, transformaram a sociedade inicial, nascida no Clube do Computador Feito Em Casa, na Apple Computer Co., sintetizando a fusão entre a contracultura e a tecnologia, eles calcularam que a empresa valia 5.309 dólares.

Menos de quatro anos depois, decidiram estar na hora de abrir o capital. Seria a Primeira Oferta Pública Inicial [*Initial Public Offering* - IPO] com maior excesso de subscrição desde a da Ford Motors em 1956. No final de dezembro de 1980, a Apple foi avaliada em 1,79 bilhão de dólares. Nesse processo, trezentas pessoas ficaram milionárias, devido às opções de compra

recebidas por aqueles funcionários. Eles atendiam o requisito mínimo para ser engenheiro assalariado da empresa.

Face pública do IPO, Jobs ajudou a escolher dois bancos de investimentos. Ambos cuidariam da abertura do capital: o Morgan Stanley, firma tradicional de Wall Street, e o *Hambrecht and Quist*, na época um banco pequeno e não tradicional de San Francisco, para ser irreverente com os caras do Morgan Stanley. A Apple abriu a empresa em 12 de dezembro de 1980, de manhã, com o preço de 22 dólares por ação. O preço bateu em 29 dólares no primeiro dia. Com 25 anos, Jobs passou a possuir 256 milhões de dólares.

Antes e depois de enriquecer, e na verdade durante sua vida inteira - ele foi da dureza total à fortuna bilionária -, Steve Jobs sempre teve postura complexa em relação a dinheiro. Ele se colocava como um hippie antimaterialista, mas faturou em cima das invenções de um amigo. Este queria distribuí-las de graça.

Jobs era um seguidor do zen-budismo. Tinha feito uma peregrinação à Índia, e então concluíra algo paradoxal: queria mesmo era ser empreendedor. Isto para satisfazer sua paixão por certos objetos, especialmente os que apresentavam bom design e qualidade, como tinha lhe ensinado seu pai.

Ainda sendo riquíssimo, as casas onde morava não tinham ostentação, eram mobiliadas com simplicidade. Nunca viajava com assistentes, não tinha empregados pessoais e nem mesmo seguranças. Comprou um belo carro, mas era sempre ele quem dirigia. Como o pai, era duro na hora de negociar com os fornecedores, mas não deixava a gana de lucrar passar na frente da paixão por desenvolver grandes produtos.

Disse: “Nunca me preocupei com dinheiro. [...] Então, passei de bem pobre, o que era ótimo, porque não tinha de me preocupar com dinheiro, para podre de rico, quando também não tinha de me preocupar com dinheiro. Vi gente na Apple que fez muito dinheiro e então passou a achar que tinha de viver de forma diferente. Uns compraram um Rolls Royce e várias casas, todas com administradores, e aí contrataram alguém para administrar os administradores. As esposas fizeram cirurgia plástica e viraram essas figuras esquisitas. Não era assim que eu queria viver. É louco. Prometi a mim mesmo que não ia deixar esse dinheiro estragar a minha vida”.

Apesar da fama e da fortuna, ele ainda se via como um *filho da contracultura*. Em visita a Stanford, os estudantes perguntaram coisas do tipo quando o preço das ações da Apple ia subir, Jobs ignorou. Em vez disso, falou sobre a paixão produção produtos do futuro, por exemplo, se em algum dia existiria um computador do tamanho de um livro. Quando os estudantes

insistiram em novas perguntas sobre negócios, Jobs perguntou para os estudantes: “Quantos de vocês são virgens? Quantos tomaram LSD?”. Poucos levantaram a mão. Jobs então reclamou da meninada da nova geração. Ela parecia mais materialista e carreirista se comparada à dele.

“Entrei na faculdade logo depois dos anos 60 e antes que começasse toda essa onda de pragmatismo. Agora, os estudantes não estão nem pensando em termos idealistas. Com certeza, não deixam que as questões filosóficas do momento tomem tempo demais durante seus cursos de administração de empresas”. Segundo ele, sua geração era diferente. “Mas o vento idealista dos anos 60 ainda sopra atrás da gente [referencia à letra de Bob Dylan], e a maioria do pessoal que conheço e é da minha idade tem essa coisa entranhada para sempre”.

Jobs parecia duvidar um pouco da ideia de a tecnologia poder transformar o ensino. Mas concordava: o setor dos livros impressos chegaria ao fim com materiais digitais. De fato, Jobs estava pensando no material de ensino como o próximo setor onde queria transformar. Esse era um setor de 8 bilhões de dólares anuais à beira de ser destruído pela era digital. Achava um absurdo os alunos terem de ficar andando com uma mochila pesada nas costas, pois o iPad resolveria isso.

Sua ideia era contratar grandes autores de textos didáticos para criar versões digitais. Eles viriam como aplicativo integrado no iPad. “O processo de certificação dos livros didáticos nos Estados é corrupto. Mas, se fizermos os materiais gratuitos e eles vierem com o iPad, não precisarão ser certificados”.

Na última visita recebida de Bill Gates, Jobs lhe fez algumas perguntas sobre a situação do ensino. Gates apresentou, em linhas gerais, o que esperava ser as escolas do futuro, com os alunos assistindo por conta própria às aulas e lições em vídeo, e utilizando o tempo na classe para debater e resolver problemas.

Os dois concordaram: até o momento, o impacto do computador nas escolas se mostrava surpreendentemente pequeno - muito menor se comparado ao de outros setores da sociedade, como no Direito, na Medicina e nos Meios de Comunicação. Para mudar esse quadro, disse Gates, os computadores e os dispositivos móveis teriam de se empenhar em fornecer aulas mais personalizadas e em dar *feedbacks* motivadores.

Jobs tinha muitas outras ideias e projetos com pretensão de desenvolver, além de transformar a indústria de livros didáticos e poupar a coluna vertebral de alunos curvados sob o peso de mochilas, criando textos eletrônicos e material didático para o iPad. Gostaria também de criar um

aparelho de TV integrado totalmente fácil de usar. Teria sincronização contínua com todos os outros aparelhos e com o iCloud. Foi criado o AppleTV.

Os macmaníacos, como eu, aguardam a Apple dar continuidade a seu legado. Da minha parte, pretendo dar *uma pequena ajuda a meus amigos*, esforçando-me para colocar acessível, via web, todo o material didático acumulado durante minha carreira docente. Dar acesso à Educação Financeira à Distância, a meu ver, seria socialmente relevante para retribuir à Sociedade o que ela pagou por meus estudos.

Vida de Keith Richards

Ganhei de “amigo oculto” e li, entre o Natal e o Ano Novo, o livro *Vida* (RICHARDS, Keith, com James Fox. *Vida*. São Paulo, Editora Globo, 2010). Sua apresentação, na “orelha do livro”, simplesmente é: “Esta é minha vida. Acredite se quiser, eu não me esqueci de nada”. Ao final da leitura de 612 páginas, de fato, parece isso ser verdade!

Por que? Detalhamento? Falta de edição? Necessidade de cortar certo excesso? Talvez, embora no início de cada capítulo, sem apresentar Sumário paginado, ele anuncie brevemente o que apresentará em seguida. Vale esse resumo para que? Para mim, para escolher a leitura do que mais me interessava, o *rock'n roll*!

Sexo gosto muito, mas com privacidade; drogas, nunca gostei, piquei, fumei ou traguei! Sendo “careta”, eu não tinha interesse nenhum, em princípio, no “papo de drogado”. Ocupa talvez 2/3 do livro... Não estou dizendo este 2/3 do livro ser uma droga! Seu texto transparece incomum honestidade pessoal e ausência de preconceito ou moralismo, o que acabou me segurando bastante na leitura.

É vida de celebridade, lógico, simplesmente, ele é o guitarrista líder da “maior banda de rock do mundo”. Ela se anuncia assim e, creio, não há nenhum pretendente ao posto que discorde.

Primeiro, é maior em existência, já que foi criada no início dos anos 60's e sobrevive até hoje.

Segundo, porque seu som é único e nenhuma outra conseguiu juntar tanto caráter... de banda!

Você escuta, distingue todos os instrumentos. Estão em harmonia. Você pode até descobrir quem toca cada qual, o vocal é inconfundível, a habilidade instrumental sublime. Há rivalidade atávica entre seus líderes, mas ela soa como conjunto! Orquestra de rock? Talvez... Mas, certamente, é o grupo sobrevivente com mais “clássicos” de rock para as gerações futuras.

O que?! Os Beatles? Meus testes de laboratório, realizados diversas vezes sob CNTP (na minha casa), provam que meus filhos, quando na adolescência, sem dúvida, escutavam os Stones, seja em CD, seja em DVD. Beatles, mas quem é, hein?!

Bem, e daí? Por que a razão você leria o livro? Se quiser tomar conhecimento de toda a vida de um líder da Geração 60, porque ele passou por tudo notável no show business, desde então, é bom argumento.

Se tiver “olhar neutro, científico, sociológico, crítico, etc. etc.” também encontrará muita coisa para avaliar e julgar, mas o personagem principal desmontará qualquer moralismo preconceituoso de se condenar a vida dos outros a priori.

Observará, por exemplo, ele ser um filho de pais da classe trabalhadora inglesa do pós-guerra, quando o Partido Trabalhista buscava reconstruir Londres e construir o Estado de Bem-Estar Social. É curioso ver sua reação a esse projeto socialdemocrata.

Por que eu gostei de ter lido o livro? Por causa do rock! Para quem sempre foi seu fã, desde a adolescência nos anos 60, o livro é prazer imenso pelo detalhamento da criação do som Stones!

As informações musicais foram muito prazerosas. Eu as li com headphones, escutando os álbuns iniciais até os anos 70s. Keith Richards narra como todos foram criados, especialmente, as músicas principais. Revivi o velho e bom *rhythm and blues* dos Stones.

“Quando lançamos *Little Red Rooster*, um blues de raiz de Willie Dixon com uma guitarra slide e tudo o mais, foi um passo ousado na época, novembro de 1964. Estávamos recebendo negativas da gravadora, empresário, de todos. Mas sentíamos que estávamos na crista de uma onda e podíamos forçar. Era quase uma rebelião contra a música pop” (p. 191).

Desde sempre, eles se formaram ensaiando (e gravando) blues dos mestres norte-americanos. O sucesso dos Stones nos Estados Unidos fez as carreiras musicais dos *blues singers* (re)nascem. Para a massa do público branco, em todo o mundo, os geniais músicos negros foram escutados com atenção a partir de meados dos anos 60s.

Há depoimentos de Muddy Waters, Howlin'Wolf e Buddy Guy, entre outros de Chicago, reconhecendo isso. Os *rock'n roll superstars*, como Chuck Berry e Little Richards, tiveram mais sucesso de público e não reconheceram tanto o papel do rock inglês em espalhar pelo mundo o som afrodescendente da América.

“Se LPs não existissem, talvez os Beatles e nós não tivéssemos durado mais de dois anos e meio. Você precisava continuar condensando, reduzindo o que queria dizer, para agradar ao distribuidor. Ou as rádios não tocariam. A música *Visions of Johanna* de Dylan foi a ruptura. *Goin' Home* durava onze

minutos [...]. O disco [*Aftermath*] ficou maior - e será que alguém conseguia ouvir tanta coisa? Ultrapassou três minutos. Dá para prender a atenção das pessoas? Dá para manter sua audiência? Mas funcionou. Os Beatles e nós provavelmente tornamos o álbum o veículo de gravação e apressamos a extinção do single. Não desapareceu completamente; você sempre precisava de um sucesso single” (p. 213).

Ele conta tudo sobre os bastidores, o que se passa no palco, o *business*, a relação de amor-e-ódio com Mick Jagger, mas o que mais encanta, sem dúvida, é sua relação com a música. O amor salva o dia, mas a música salva a vida!

E foi assim na vida de Keith Richards. Ele, mesmo quando estava em péssimas condições físicas e mentais, nunca abriu mão do prazer de criação musical e, por incrível que pareça, do profissionalismo nos palcos. Em última análise, sua vida é a de músico ímpar.

Parte II - FUTEBOL

Como o Futebol explica o Mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização

Minha filha não apreciava futebol. Onde eu tinha falhado em sua educação?! Nunca a incentivei praticar esporte. Abandonei os campos e as quadras, onde eu adorava jogar futebol, com ruptura dos ligamentos do joelho. Nunca mais pude voltar. Como corrigir essa falha? Através do exemplo de assistir sempre futebol pela TV não seria. Talvez com sugestão de leitura? Não acreditava, mas não custava tentar... Postei então uma pequena série de resenhas de livros com o melhor já lido por mim a respeito do futebol.

O primeiro da lista é o de Franklin Foer, *Como o Futebol explica o Mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização*, publicado pela Jorge Zahar Editor, em 2005, com 244 páginas.

O futebol vai além do esporte ou mesmo de um modo de vida. Abrange questões complexas, onde a arte do jogo é apenas uma delas. Envolve interesses reais capazes de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, frequentemente, inspiram devoção mais intensa que as religiões.

Para realizar amplo e perspicaz trabalho de reportagem, Franklin Foer, jornalista político norte-americano, viajou o mundo - da Itália ao Irã, do Brasil à Bósnia, analisando o intercâmbio entre o futebol e a nova economia global. Acabou por *derrubar mitos*, ao verificar que em vez de destruir as culturas locais, como preconizava a esquerda, a globalização deu nova vida ao *tribalismo*, e que, longe de promover o triunfo do capitalismo apregoado pela direita, fortaleceu a *corrupção*.

Investigando os bastidores desse esporte, Foer apresenta vasta e por vezes quase inverossímil galeria de personagens:

- um *hooligan* inglês, filho de uma judia com um nazista, que devotou a vida à violência;
- mulheres que frequentam os estádios iranianos;
- os cartolas do futebol brasileiro;
- uma torcida organizada sérvia que se transformou em brutal unidade paramilitar.

As histórias colecionadas ilustram desde o choque de civilizações à economia internacional e revelam como o futebol e seus fiéis seguidores podem expor as mazelas de uma sociedade, sejam elas a pobreza, o antissemitismo ou o fanatismo religioso. Original, o livro nos ajuda a compreender nossa turbulenta época.

Mais ou menos ao mesmo tempo em que essas estações de TV passaram a consumir parcelas incomodamente amplas do tempo de lazer de Franklin Froer, colunistas e economistas que escrevem em jornais começaram a falar da era da globalização. Como passava muitas das horas quando não estava vendo futebol exercendo a profissão de jornalista político em Washington, ele se viu atraído para o cerne dessa discussão.

Graças ao colapso das barreiras comerciais e às novas tecnologias, dizia-se que o mundo tinha ficado muito mais interdependente. Thomas Friedman, colunista do New York Times e grande sacerdote da nova ordem, louvou “a inexorável integração de mercados, Estados-Nações e tecnologias em um grau jamais observado antes - de uma forma a habilitar indivíduos, corporações e Estados nacionais a se contactarem com o mundo de maneira mais ampla, rápida, profunda e barata do que em qualquer outra época”.

Como fã de futebol, ele entendia exatamente o que ele estava dizendo. Não se tratava apenas da maneira como a Internet e os satélites haviam tornado o mundo do futebol tão menor e tão mais acessível. Era possível ver a globalização em ação:

- nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abasteciam-se de jogadores da Holanda e da Turquia;
- equipes da Moldávia importavam nigerianos.

Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história. Os melhores clubes agora competiam entre si quase semanalmente em torneios como a Liga dos Campeões Europeus ou a Copa Libertadores da América.

Era fácil entusiasmar-se com a nova ordem. Esses torneios eram o doce sonho de um fã: a chance de ver o Juventus de Turim jogar numa semana com o Bayern de Munique e com o Barcelona na seguinte.

Ao criarem alquimias culturais a partir de suas escalações, os técnicos muitas vezes produziam novos e maravilhosos espetáculos:

- o estilo italiano, cínico e defensivo, vitalizado pela infusão da liberdade de estilo de holandeses e brasileiros;

- o estilo duro (ou a falta de estilo) dos ingleses temperado por uma pitada de perspicácia sob a forma de atacantes franceses.

Visto da sua poltrona, o futebol parecia estar muito mais adiantado no processo de globalização do que qualquer outra economia do planeta.

Mais que isso, ele podia imaginar um outro benefício da globalização do futebol que ainda estava por se concretizar: alguém precisava escrever um livro sobre o assunto, o que exigiria o trabalho (extremamente árduo...) de viajar pelo mundo, assistir a jogos, comparecer a treinamentos e entrevistar seus heróis. Tirou uma folga de oito meses de meu emprego na revista *New Republic* e visitou os estádios que mais ardentemente desejava conhecer.

Mais ou menos quando começou a trabalhar neste livro, no outono de 2001, o consenso sobre a globalização mudou consideravelmente - por motivos óbvios. Não era mais possível falar de modo tão entusiástico, tão messiânico, sobre a promessa política de interdependência econômica. E havia outro problema: o breve experimento mundial de interdependência não chegara nem perto de produzir a prosperidade anunciada.

Este livro tenta usar a metáfora do futebol na abordagem de algumas questões incômodas relacionadas com esse fracasso: por que algumas nações permaneceram pobres, embora tenham sido alvo de tanto investimento estrangeiro? Que perigo representam as corporações multinacionais que tanto atraem a ira da esquerda?

Isso não significa reviver as velhas e desgastadas críticas marxistas ao capitalismo das grandes corporações - a grande questão que este livro aborda é menos econômica que cultural. A inovação da esquerda antiglobalização é seu apego ao tradicionalismo: a preocupação de que gostos e tendências globais venham a sufocar as culturas nativas.

Evidentemente, o futebol não é a mesma coisa que Bach ou o budismo. Mas frequentemente provoca um sentimento mais profundo que a religião e, tal como esta, é uma parte do tecido comunitário, um repositório de tradições. Durante o regime franquista, o Atlético de Bilbao e o Real Sociedad eram os únicos espaços em que o povo basco podia expressar seu orgulho cultural sem ir para a cadeia. Em cidades industriais inglesas como Coventry e Derby, os clubes de futebol ajudaram a aglutinar pequenas comunidades em meio a uma poluição opressiva.

Pela lógica tanto de seus críticos quanto de seus proponentes, a cultura global deveria ter varrido do mapa essas instituições locais. Com efeito, viajando pelo mundo, é difícil deixar de se assombrar com o poder de megamarcas como o Manchester United e o Real Madrid, patrocinados pela

Nike e pela Adidas, que cultivam seu apoio através dos continentes, afastando torcedores de seus antigos clubes. Mas essa homogeneização revelou-se mais exceção que regra. Perambulando entre torcedores lunáticos, dirigentes sem escrúpulos e artilheiros búlgaros ensandecidos, observei as formas como a globalização havia fracassado em reduzir as culturas futebolísticas regionais, as disputas sangrentas e mesmo a corrupção no plano local. Na verdade, comecei a suspeitar que a globalização de fato havia aumentado o poder dessas entidades locais - e nem sempre no bom sentido.

Em minhas viagens, tentei usar o futebol - seus torcedores, jogadores e estratégias - para imaginar como as pessoas se identificariam nesta nova era. Será que agora abraçariam novos rótulos, mais globalizados? Os seres humanos deixariam de pensar em si mesmos como ingleses ou brasileiros e começariam a se definir como europeus ou latino-americanos? Ou será que essas novas identidades não teriam sentido, com suas raízes pouco profundas? As pessoas retornariam a identidades mais antigas, como a religião e a tribo? A julgar pelo exemplo do futebol, religião e tribo têm grandes chances.

Este livro está dividido em três partes.

A primeira tenta explicar o fracasso da globalização em reduzir ódios antigos ainda presentes nas grandes rivalidades em torno do esporte. É a parte hooligan do livro.

A segunda usa o futebol para abordar questões econômicas: as consequências da migração, a persistência da corrupção e a ascensão de novos oligarcas poderosos como Silvio Berlusconi, presidente da Itália e do Milan.

Por fim, o livro usa o futebol para defender as virtudes do nacionalismo ao estilo antigo - uma forma de evitar o retorno do tribalismo.

A história começa triste e vai ficando progressivamente mais otimista. Ao final, achei difícil ser demasiado hostil à globalização. Apesar de todas as suas muitas falhas, ela fez com o futebol chegar aos recantos mais distantes do planeta, e à vida de todos.

Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol

Estudei no Colégio Estadual de Minas Gerais (na época era o único existente sem a necessidade da localização “Central”) entre 1963 e 1970, desde o Ginásio (Ensino Fundamental) até o Colegial Científico (Ensino Médio). Era um dos colégios mais tradicionais de Minas, símbolo da vanguarda da arquitetura nacional e famoso por contribuir com a formação educacional de jovens que se transformaram em personalidades notáveis da literatura, música, política, esporte e várias outras áreas profissionais e artísticas.

Como na minha infância eu era morador na quadra vizinha, sempre me chamou a atenção o projeto arquitetônico assinado por Oscar Niemeyer. Ele deu ao prédio principal, com salas de aula, laboratórios, biblioteca e administração, a forma de régua T, ao teatro a de mata-borrão, à caixa-d’água a de um giz e ao anexo isolado (cantina) a forma de borracha.

O Colégio Estadual era vanguarda do ensino e esporte em Minas Gerais. Das suas salas saíram várias personalidades, como a primeira Presidenta da República, Dilma Rousseff (minha ex-aluna no doutorado do IE-UNICAMP), o governador Fernando Pimentel (PT), o médico, cronista esportivo e tricampeão mundial de futebol, Eduardo Gonçalves, o Tostão, entre tantos outros nomes conhecidos ou não.

Sendo quatro anos mais velho (nasceu em 25 de janeiro de 1947), ele foi meu ídolo adolescente. Contava-se entre os alunos do Colégio Estadual a estória que o Tostão chegou atrasado, porque estava treinando no Cruzeiro, em jogo decisivo do campeonato de futebol de salão entre as turmas. Já estava no segundo tempo e sua turma perdia de 4 X 0. Ele entrou, e virou o jogo para 5 X 4, inclusive com o último gol chutando sem ângulo entre o goleiro e a trave!

Desde que inaugurou o Mineirão em 5 de setembro de 1965, ocasião em que estive presente (e voltei a pé da Pampulha até o Centro da cidade por carência de transporte), assisti todos os jogos do Cruzeiro presencialmente no Estádio. Aliás, até hoje assisto pela TV todos os jogos do meu time - e do Tostão. Paixão de infância não se abandona...

Sendo assim, li com satisfação as memórias do Tostão, vulgo Dr. Eduardo Gonçalves de Andrade, “*Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol*”. Sim, ele, assim como o Afonsinho e o Sócrates, se formou em Medicina e se tornou professor universitário. Depõe, no livro, que caso tivesse ingressado como docente na UFMG, provavelmente, seguiria na carreira universitária. O País perdeu um formador de médicos e a indústria de

entretenimento do futebol ganhou seu melhor cronista. O que a massa de brasileiros preferiria: mais médicos ou mais um cronista diferenciado?

Curiosamente, ele passou da casta dos guerreiros-atletas, cujos valores morais são fama, glória, coragem e honra, para a casta dos sábios-criativos, cujos valores morais são especialização, educação, autonomia, auto expressão, liberalismo cultural ou de costumes. Na passagem, pertenceu à casta do jaleco branco, onde o corporativismo conservador tende a dominar. Os professores, profissionais da mídia e escritores possuem este último Ethos cultural. Já os praticantes de esporte, em geral, têm o primeiro.

Como segui tanto a carreira de atleta quanto a de cronista do Tostão, passo-a-passo, suas memórias futebolísticas não tiveram muitas novidades para mim. Eu as compartilho. O que achei mais interessantes foram suas análises do futebol atual.

Resumo-as em seguida, em uma série de resenhas, 22 de janeiro de 2018, comemorando oito anos de aniversário deste modesto blog pessoal!

“Os grandes jogadores reúnem, em proporções variáveis para cada um, muita técnica, habilidade e criatividade, além de ótimas condições físicas e emocionais.

A habilidade é a intimidade com a bola diante do adversário, a capacidade de criar efeitos especiais.

A técnica é a execução dos fundamentos da posição, além da lucidez para tomar decisões certas.

A criatividade é a antevisão da jogada, a capacidade de inovar, de surpreender.

O talento é a síntese de tudo isso.

Muitos confundem habilidade e criatividade com talento. Existem craques com pouca habilidade, mas não há craques sem excepcional técnica. Pelé foi o melhor de todos porque tinha, no mais alto nível, todas essas qualidades. Pelé foi tão espetacular que atingiu o máximo, a total simplicidade para jogar.

Existem jogadores que executam muito bem os fundamentos técnicos da posição, possuem bons níveis estatísticos, mas não conseguem juntar as partes, formar um todo, uma personalidade. São divididos, esquizofrênicos do ponto de vista futebolístico.”

Tragédia do Futebol Brasileiro: Derrota dos 7 a 1 Não Foi Por Acaso

Tostão, em *“Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol”* (São Paulo: Companhia das Letras; 2017), faz comentários sobre a evolução tática do futebol.

“Os 7 a 1 foram atípicos, um exagero. A Alemanha não era o máximo dos máximos nem o Brasil era o péssimo dos péssimos, mas foi uma mensagem, um aviso, uma constatação, da queda de nosso futebol.

Para entender os 7 a 1, o futebol que se jogou na Copa de 2014 e o futebol que se joga hoje, no Brasil e em todo o mundo, vou tentar fazer uma análise, uma síntese da evolução na maneira de jogar no último meio século.

Na Europa, a Copa de 1966 foi marcante, não só pelo novo sistema tático usado pela seleção inglesa, campeã daquele Mundial, mas também pela movimentação e velocidade dos jogadores em relação a épocas anteriores. Os ingleses jogavam com duas linhas de quatro, rígidas, e dois atacantes (4-4-2). Talvez seja, ainda hoje, o sistema mais usado no mundo, mais até do que o atual 4-2-3-1, uma variação do 4-4-2.

Em algumas equipes, os quatro jogadores da linha de meio-campo atacavam e defendiam em bloco. Em outras, os dois armadores pelo centro eram mais marcadores, parecidos com os volantes brasileiros, e os dois meias, um de cada lado, marcavam e atacavam. Os times poderiam ser defensivos ou ofensivos, dependendo se os quatro do meio-campo marcassem mais à frente ou mais atrás. Havia muito mais espaço entre os setores do que hoje.

Muitas equipes sul-americanas seguiram o modelo europeu. O técnico argentino Carlos Bianchi, maior vencedor da Libertadores, ganhou várias vezes de times brasileiros jogando com as duas linhas de quatro. Já no Brasil, só Carlos Alberto Parreira utilizou essa formação, nas Copas de 1994 e 2006.

Como os dois armadores pelo centro ficavam muito distantes dos dois mais à frente, muitos treinadores passaram a recuar um dos atacantes para fazer a ligação entre o meio-campo e o ataque, formando um 4-4-1-1, que é quase idêntico ao atual sistema 4-2-3-1, com três meias e um centroavante. Hoje, é frequente jogar com apenas um volante e adiantar o outro, para atuar na linha dos meias (4-1-4-1).

Houve também, na Europa, algumas variações táticas. Os italianos gostavam de jogar com uma linha de três volantes e mais um meia de ligação, além de dois atacantes, formando um losango no meio-campo, sem meias pelos lados, como foi comum no Brasil durante muito tempo (4-3-1-2). Outras características em comum entre os estilos italiano e brasileiro foram os

lançamentos longos para os atacantes e as bolas cruzadas na área. Não sei se fomos nós que copiamos os italianos ou o contrário. Coincidentemente ou não, o futebol da Itália e do Brasil sofreu uma queda técnica nos últimos tempos.

Outras equipes europeias atuavam com três zagueiros. Como eles não tinham laterais que avançavam, na prática, eram cinco defensores. Alguns times formavam uma linha de três zagueiros, e outros preferiam ter um terceiro defensor atrás dos outros dois, chamado de líbero. Na verdade, o líbero era o zagueiro da sobra, que, quando o time recuperava a bola, se adiantava e passava a ser um jogador de meio-campo, à frente dos outros dois.

Houve poucos líberos verdadeiros no mundo. O maior deles foi Beckenbauer. Depois dele, na seleção alemã, Lothar Matthäus fez, também com brilhantismo, a mesma função, durante muitos anos. Franco Baresi, do Milan e da seleção italiana, muito citado como líbero, era, na verdade, um zagueiro de enorme talento em uma linha de quatro defensores. Alguns times, como a seleção italiana que jogou contra o Brasil na final da Copa de 1970, usavam um sistema mais defensivo, com um zagueiro na sobra, atrás de outros quatro, que marcavam individualmente. A marcação individual foi abandonada há muito tempo pelos europeus, enquanto no Brasil foi abolida só recentemente.

Alguns times da Europa, como o Barcelona, jogam há muito tempo com uma linha de três no meio-campo e três na frente (4-3-3). Dos três jogadores do meio-campo, dois marcam como volantes e avançam como meias. Atuam de uma intermediária à outra. Nessas equipes não existe a dupla de volantes, um ao lado do outro.

No 4-3-3, os jogadores pelos lados têm muito mais características de atacantes do que os meias que atuam pelos lados no sistema 4-2-3-1. Em algumas equipes que jogam no 4-3-3, quando o time perde a bola, os dois atacantes pelos lados voltam também para marcar, formando uma linha de cinco no meio-campo. Quando recuperam a bola, os dois atacantes pelos lados e os dois armadores ao lado do volante avançam e se juntam ao centroavante. O time ataca e defende com cinco. Se quiser, pode chamar de 4-5-1 ou de 4-1-4-1.

Foi assim que a Alemanha jogou contra o Brasil nos 7 a 1. Essas equipes não possuem os dois volantes em linha e o clássico meia de ligação, o camisa 10, tão desejado pelos brasileiros, que atua em pequenos espaços, entre os volantes e o centroavante, e que não participa da marcação.

Na Europa, a passagem do 4-4-2 para o sistema atual, o 4-2-3-1, foi natural, uma vez que os times já tinham um meia de cada lado. Apenas

trocaram um dos dois atacantes por um meia mais centralizado, embora muitos técnicos prefiram, até hoje, ter uma dupla de atacantes. Outra mudança foi formar laterais que, além de marcar, passaram a avançar, formando duplas com os meias pelos lados, na defesa e no ataque.

Antes, todos os laterais europeus eram apenas defensores. Alguns times colocavam quatro zagueiros típicos na linha defensiva. Com frequência, quando um lateral brasileiro, habilidoso e acostumado a avançar, jogava na Europa, era escalado na linha de meio-campo. Por ter laterais apenas defensivos, os volantes europeus se tornaram armadores, com habilidade para marcar e avançar, e não somente para proteger os defensores, como ocorreu no Brasil.”

Comparação Tática entre o Futebol Europeu e o Brasileiro

Tostão, em *“Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol”* (São Paulo: Companhia das Letras; 2017), compara dois estilos de futebol: o europeu e o brasileiro. Este já foi vencedor. Hoje, com a emigração de seus talentos ainda jovens para a Europa, deixou de ganhar Copas e torneios internacionais.

“A mudança mais importante ocorrida na Europa nos últimos tempos foi tentar melhorar a qualidade do espetáculo e, conseqüentemente, lucrar mais com o futebol. A Premier League, na Inglaterra, foi criada em 1992, seguida pelas ligas formadas na Espanha, na Alemanha e em outros países. Isso foi importante para o crescimento do futebol europeu.

A Itália, que até 1992 tinha o melhor campeonato da Europa, ficou para trás em relação a Inglaterra, Espanha e Alemanha. Os alemães têm hoje a melhor média de público do mundo.

Os europeus, principalmente os ingleses, diminuíram a violência, dentro e fora dos estádios, e melhoraram os gramados e o conforto para os torcedores. Os jogos passaram a ter um número menor de faltas, são menos tumultuados, com mais tempo de bola em jogo, com mais intensidade e mais troca de passes. A importação dos melhores jogadores sul-americanos e africanos foi também decisiva para melhorar a qualidade do jogo.

Desde 1997, existe em Portugal, na cidade do Porto, uma escola oficial de treinadores de futebol, reconhecida pela Uefa, com a presença, apenas recentemente, de alguns técnicos brasileiros. Não há uma escola parecida no Brasil. As que existem não são reconhecidas pela Fifa. Os treinadores brasileiros não estão autorizados a trabalhar nas equipes da Primeira Divisão da Europa.

Temos, basicamente, dois tipos de técnicos no mundo. A maioria prefere adotar um sistema de jogo que alterna a marcação por pressão na frente com a marcação mais recuada, para contra-atacar. Os mais competentes com essas características são José Mourinho, Carlo Ancelotti e Diego Simeone, rotulados de pragmáticos. Raríssimos treinadores, como Guardiola, Sampaoli, Bielsa e Luis Enrique, adotam permanentemente a defesa adiantada, quase no meio-campo. Esses técnicos preferem que seus times marquem por pressão e tentem recuperar a bola no mesmo lugar do campo em que a perderam. A distância entre o jogador mais recuado e o mais adiantado é muito pequena. Guardiola é o mais talentoso dos que têm esse perfil.

Grande parte dos times brasileiros segue o clássico padrão europeu. Pouquíssimos arriscam jogar como o Barcelona e o Bayern de Munique treinados por Guardiola. Guardiola, Sampaoli, Bielsa e Luis Enrique são técnicos que querem vencer e jogar bem.

Penso que a melhor solução de marcação seria posicionar os defensores na intermediária, na mesma distância da grande área e da linha de meio-campo. Quando a defesa se adianta demais, sobram muitos espaços nas costas dos zagueiros, e quando marca muito atrás, permite a pressão do adversário, além de ficar muito longe do outro gol, quando recupera a bola.

Guardiola, Bielsa e Sampaoli, quando querem pressionar mais o adversário e ter um time mais ofensivo, escalam três zagueiros (às vezes, volantes e laterais com funções de zagueiros), tiram os dois laterais, e os pontas passam a ser os alas. Ficam três no próprio campo e sete no do outro time. A equipe passa a ter mais jogadores para fazer gols, e a bola sai de trás com mais precisão.

No Brasil, os sistemas táticos e sua evolução foram diferentes dos europeus. Nos anos 1950 e 1960, quase todos os times atuavam no 4-2-4 com quatro defensores, dois no meio-campo (um volante e um armador, camisa 8) e quatro atacantes (dois pontas, um centroavante e um ponta de lança, camisa 10). No Cruzeiro, eu jogava como ponta de lança com a 8, e o meia-armador Dirceu Lopes com a 10.

Nas Copas de 1958 e 1962, ao perceber que o meio-campo era muito grande para ter apenas dois jogadores, Zagallo passou a ser, pela esquerda, o terceiro jogador do setor (4-3-3). Telê já fazia o mesmo no time do Fluminense, pela direita, em 1952. Quando a Seleção recuperava a bola, Zagallo avançava como um ponta. Rivellino fez o mesmo na Copa de 1970. Pepe, em 1958 e 1962, e Edu, em 1970, dois pontas-esquerdas excepcionais, ambos do Santos, ficaram na reserva de Zagallo e Rivellino.

Como o Brasil teve vários grandes laterais que marcavam e apoiavam, como Nilton Santos, Carlos Alberto, Júnior, Roberto Carlos, Jorginho, Leandro, Nelinho, Cafu e outros, muitos técnicos achavam que os pontas ocupavam os espaços dos laterais quando estes avançavam.

Desapareceram os pontas, e durante muito tempo as equipes passaram a jogar com dois volantes marcadores (sumiram também os meias-armadores), dois meias de ligação e dois atacantes (4-2-2-2). Na prática, eram quatro atacantes, pois os meias não voltavam para marcar. Daí a troca de um meia por um terceiro volante, formando um losango no meio (4-3-1-2), como alguns times jogam até hoje.

A armação das jogadas passou a ser feita pelo avanço dos laterais – a maioria deles se limitava a correr e jogar a bola na área – e por um único meia de ligação, geralmente muito marcado. Como os zagueiros e os volantes brasileiros não tinham habilidade para trocar passes, proliferaram os chutões para jogar bolas na área e as simulações para cavar pênaltis e faltas.

Os sistemas táticos da Europa e da América do Sul, tão diferentes antes, convergiram para o atual 4-2-3-1, usado em todo o mundo. Porém, o que define a maneira de jogar, muito mais importante do que o desenho tático em si, é o tipo de marcação que se faz (onde ela começa e qual a distância entre o jogador mais recuado e o mais adiantado), os espaços entre os setores, as trocas de posições, as características e qualidades dos jogadores, a preocupação com a posse de bola e a troca de passes, além de muitos outros detalhes.

Uma das características do futebol moderno é fazer com que os jogadores atuem bem em várias posições e funções. Executar isso durante uma partida, no momento de um lance, é muito importante. Por outro lado, a escalação de jogadores nas posições em que atuam melhor é fundamental.

Diferentemente do ocorrido na Europa, a mudança para o 4-2-3-1 no Brasil foi radical, já que não havia meias pelos lados. Isso começou recentemente, primeiro com Mano Menezes, no Grêmio, e depois com Tite, no Corinthians, em 2012, quando o time foi campeão mundial de clubes. O Corinthians parecia um time inglês. Quando perdia a bola, formava duas linhas rígidas de quatro. Hoje, a maioria das equipes brasileiras atua dessa forma”.

Queda de Qualidade do Futebol Brasileiro

Tostão, em “*Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol*” (São Paulo: Companhia das Letras; 2017), comenta a decadência do futebol brasileiro.

“Muitos outros fatores contribuíram para a queda de qualidade de nosso futebol, como a diminuição da formação de grandes talentos, a promiscuidade nas relações comerciais entre empresários, federações, clubes e a CBF, a supervalorização dos técnicos, a troca excessiva de treinadores e jogadores, o calendário ruim e a violência dentro e fora dos gramados.

Muitas pessoas que trabalham nas categorias de base são escolhidas muito mais por amizades com dirigentes e com técnicos das equipes principais do que pelo conhecimento técnico. Mesmo os profissionais mais sérios e competentes costumam repetir o que falam e fazem os técnicos das equipes principais. Os bons treinadores das categorias de base preferem as equipes principais, porque dá mais prestígio e dinheiro, um desejo habitual do ser humano.

Decorar todos os desenhos táticos de todos os times e conhecer todas as informações, úteis e inúteis, não significa competência para ensinar. Conhecimento não é apenas informação. ‘Os que têm estudo explicam a claridade e a treva, dão aulas sobre os astros e o firmamento, mas nada compreendem do universo e da existência, pois bem distinto do explicar é o compreender, e quase sempre os dois caminham separados’.

Há uma geração cada vez maior de pessoas que sabem muito e conhecem pouco. A solução também não é colocar ex-atletas, independentemente de terem sido craques ou não, que não tiveram preparação técnico-científica para o cargo. O ideal seria unir as duas qualidades, a experiência de ter sido um atleta com a formação acadêmica. Assim como há preconceito dos acadêmicos com os ex-atletas, como se eles não tivessem preparo intelectual para o cargo, há também preconceito dos atletas com os técnicos formados nas universidades, como se fosse impossível alguém ser bom treinador sem ter sido atleta profissional.

A maior dificuldade de os atletas, especialmente os grandes ídolos, se transformarem em ótimos profissionais em outras atividades ligadas ao esporte é a incapacidade de se desligarem do passado e de seus fantasmas, de criarem uma nova identidade profissional e assumi-la integralmente.

Nos últimos tempos, proliferaram as escolinhas de futebol, tanto as particulares quanto as dos clubes profissionais. Criou-se uma indústria de produção em série para exportação e também para atender ao mercado

interno. Mesmo os jovens de mais talento são colocados nessa fôrma. Há um excesso de jogadores muito parecidos. O Brasil continua produzindo um grande número de bons jogadores, mas desapareceram os excepcionais, de nível técnico intermediário entre um Neymar, que surge do nada, sem programação, sem aplicativo, e o grande número de bons jogadores espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

Desapareceram os grandes armadores, como Falcão, Cerezo, Gérson, Rivellino, Dirceu Lopes e Ademir da Guia, que jogavam de uma intermediária à outra, que recebiam a bola da defesa tocavam, avançavam, recebiam de volta e faziam toda a equipe jogar. Uma das razões disso foi a divisão que houve no meio-campo, entre os volantes, que marcam e jogam do meio para trás, e os meias, que apoiam e atacam do meio para a frente. Hoje, como os times são mais compactos, não há mais motivo técnico nem espaço físico para essa divisão. Quando um jovem armador talentoso chega às categorias de base, logo é transformado em meia ofensivo ou em jogador pelos lados.

Muitos estudos científicos mostram que *a habilidade e a criatividade surgem na infância*, para depois serem aprimoradas. O menino precisa brincar com a bola, sem compromisso, sem regras e sem professores, para depois aprender a técnica, a tática, o jogo coletivo e as posições em campo. A liberdade de brincar, e não os campos de terra, é que era importante. As atuais escolinhas, de clubes ou não, costumam fazer o contrário: ensinam aos meninos as regras e os comportamentos padronizados antes mesmo de desenvolverem a habilidade e a criatividade e “antes de terem um desenvolvimento psicomotor adequado.

O atual e típico jogador produzido nas categorias de base é alto, forte, veloz, habilidoso e driblador, mas com *pouca técnica e pouca lucidez* para tomar as decisões corretas. Evidentemente, há vários níveis técnicos com essas características. Os melhores estão na Seleção. As jogadas principais passaram a ser as estocadas, os lançamentos longos e as disputas individuais. Diminuíram a troca de passes e o jogo coletivo. *O estilo atual dificulta o aparecimento de craques*, que são mais criativos e têm mais técnica. Com menos craques, há menos chances de mudar o estilo. Cria-se um ciclo negativo.

Enquanto os times europeus são mais organizados, compactos e coletivos, com mais troca de passes da defesa para o ataque, os brasileiros e sul-americanos vivem mais de lances isolados e individuais e de estocadas. Por causa dessa diferença, predominam no futebol europeu os grandes armadores, como Iniesta, Kroos, Pogba, Modric, Xabi Alonso, Xavi e outros. Já no futebol sul-americano, destacam-se mais os atacantes agressivos, dribladores, habilidosos, improvisadores. O melhor trio ofensivo do mundo, talvez de toda

a história, é formado pelo argentino Messi, pelo uruguaio Suárez e pelo brasileiro Neymar. A solução não é seguir a racionalidade e a técnica europeia nem a paixão e a improvisação sul-americana, mas sim unir o passe com o drible, a técnica com a habilidade e a realidade com a utopia.

A transição das categorias de base para a equipe principal é um momento decisivo na carreira de um jovem. Muitos que brilham na base acabam se apagando no time de cima. Uma das razões é a análise equivocada. Nem todo jogador habilidoso possui grande talento. Outro motivo é que muitos jovens ficam prontos fisicamente muito cedo, aproveitam-se disso e depois acabam perdendo a vantagem no time profissional. Muitos se perdem também no meio do caminho. No meio do caminho, existem os perigos da fama, do dinheiro, dos elogios, das críticas e da vida”.

Papel dos Técnicos no Futebol

Tostão, em *“Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol”* (São Paulo: Companhia das Letras; 2017), faz comentários a respeito dos técnicos de futebol.

“Os técnicos são importantes. Há treinadores ótimos e treinadores fracos, no Brasil e em todo o mundo. Uma grave deficiência de nosso futebol é a falta de continuidade, a troca excessiva no comando dos times, o que dificulta a formação de um bom conjunto. Paradoxalmente, uma das razões disso é a supervalorização dos técnicos, que se tornaram os maiores responsáveis pelas vitórias e pelas derrotas. As análises dos resultados e das equipes passaram a ser feitas a partir da conduta dos treinadores. Os dirigentes se iludem com o fato de que a única solução para melhorar é mudar o comando. Os técnicos, quando contratados, são tratados como salvadores e gênios, e depois, quando demitidos, são tidos como burros. Há ainda os burros com sorte – título de um livro escrito por Levir Culpi – e os gênios com azar.

Os técnicos não são os únicos responsáveis pela queda de qualidade do futebol brasileiro nos últimos tempos, mas não se pode eximi-los de suas responsabilidades. O grande erro dos treinadores brasileiros, mesmo entre os mais estudiosos, foi seguir um caminho ineficiente e medíocre – de utilizar, durante muito tempo, a marcação individual, que já tinha sido abandonada pelos europeus; de privilegiar os chutes e os lançamentos longos, como se isso fosse moderno; de trocar poucos passes, como se isso fosse lentidão; e de muitos outros detalhes que empobreceram o futebol, com aplausos de parte da imprensa. Esse período, paradoxalmente, foi o de maior valorização dos treinadores.

Por muito tempo, houve também um grande apreço pelos técnicos paizões, com pouco conhecimento científico, amigos dos jogadores e que gostam de discursos de autoajuda e de frases feitas. Felizmente, isso tem diminuído. O mesmo ocorre com os treinadores autoritários, muito valorizados por um longo tempo.

Durante as Copas do Mundo que acompanhei de perto, vendo todos os treinos da seleção brasileira, percebi que se perde muito tempo com treinamentos fora da realidade do jogo, como cruzar e finalizar sem a participação de defensores. Todos os treinadores fazem diariamente treinos de dois toques em campos reduzidos. Sei que a intenção é fazer com que os atletas troquem passes em pequenos espaços, o que é bom, mas penso que os jogadores acabam ficando viciados em tentar atuar com dois toques e perdem a capacidade de, durante as partidas, decidir se vai dar um, dois ou três toques ou driblar o adversário. Essa lucidez é essencial para se formar um grande jogador.

O futebol caminha para ter goleiros que saibam jogar com os pés e fora do gol, zagueiros que marquem e que tenham bom passe, meio-campistas que atuem de uma intermediária à outra, laterais que sejam defensores e apoiadores, formando duplas com os meias pelos lados, e centroavantes que, além de finalizar bem, se movimentem e deem bons passes.

Como os jogadores correm cada vez mais e, em uma mesma partida, ocupam várias posições e executam mais de uma função, não há mais sentido em definir a maneira de jogar de uma equipe pelo sistema tático. Os sistemas mudam a cada instante, e isso, algumas vezes, independe das determinações do técnico.

Cada vez mais os atletas se destacam pela concentração mental, pelo preparo físico e pela participação coletiva. Os psicólogos deveriam fazer parte da rotina das comissões técnicas, em vez de serem chamados apenas para ajudar nos momentos decisivos.

Uma das funções dos treinadores e dos sistemas táticos é reprimir e controlar os devaneios individualistas e valorizar mais o coletivo. Por outro lado, um dos sentimentos mais presentes na busca do craque pelo sucesso é a ambição de ser o melhor”.

Violência, Troca de Favores, Jogo de Interesses, Torcidas Organizadas, Avanço Tecnológico: Sociedade do Espetáculo do Futebol

Tostão, em “*Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol*” (São Paulo: Companhia das Letras; 2017), finalmente, comenta o ambiente e/ou os bastidores do futebol.

“A *violência nos gramados* tem a ver com a violência presente na sociedade, que se espalha pelo futebol, nas brigas entre torcedores pelas ruas. Os jogadores e treinadores, pressionados e ameaçados para ganhar de qualquer jeito, perdem o controle, dão pontapés, carrinhos, brigam, discutem e agridem, para mostrar que têm raça. Os técnicos são geralmente omissos. Passam o jogo reclamando do árbitro e gritando, para mostrar que “jogam com o time” – um dos milhares de chavões do futebol. Em vez de advertirem e punirem os atletas violentos, os técnicos colocam a culpa nos árbitros. Estes, fracos tecnicamente, ficam perdidos com tanto tumulto criado pelos treinadores e jogadores.

Outro fator importante para a queda de nosso futebol é *a relação promíscua que existe entre empresários, investidores, clubes, federações estaduais e a CBF*. É a troca de favores, uma das pragas da cultura brasileira. É comum um treinador e um jogador, das categorias de base ou do time principal, serem agenciados pelo mesmo empresário. Dizer que isso não pode gerar conflito de interesses é desconhecer a desmedida ambição humana. Nem sempre os atletas que podem gerar lucros aos clubes são os que os técnicos querem colocar em campo. Os clubes, por comodismo e interesses escusos, são reféns desses empresários, que agenciam jogadores e técnicos e participam ativamente das contratações e das negociações para a saída de jogadores.

A primeira conduta de um dirigente ou de um treinador, quando assume o comando de uma seleção, deveria ser *abolir todos os vínculos com empresários*. Com frequência, um técnico convoca um jogador pela primeira vez, que então passa a ser valorizado, é transferido para um grande clube da Europa e nunca mais é chamado. Fica a suspeita de mutreta, ainda mais se o empresário do jogador for o mesmo do treinador. Melhor ainda é não escolher um dirigente da CBF que já tenha sido empresário de técnicos e de jogadores. Mesmo que ele interrompa formalmente todos os contratos anteriores, há sempre o perigo da permanência de vínculos afetivos.

Empresários costumam fabricar notícias, e jornalistas, por ingenuidade ou sem perceber, dão destaque e acabam se tornando participantes de um jogo de interesses. O marketing, importante em qualquer atividade, passou também a dominar o futebol, com a promoção de jogadores medíocres a bons

e de excelentes a craques. O torcedor, consumidor, fica perdido, confuso, muitas vezes sem saber que está sendo enganado.

Outra relação promíscua no futebol brasileiro é a dos clubes com as torcidas organizadas, que chantageiam os dirigentes e até mesmo os jogadores. Além disso, costumam desrespeitar as leis. Se as torcidas organizadas se limitassem a torcer, a embelezar e promover o espetáculo, seriam ótimas, essenciais. Apesar de a maioria absoluta dos integrantes das torcidas organizadas não participar de arruaças, a minoria marginal é a principal causa da diminuição de público nos estádios, segundo pesquisas. A solução é manter as torcidas organizadas e acabar com os arruaceiros, prendê-los ou proibi-los de frequentar os estádios.

É preciso separar a Seleção do resto do futebol que se joga no país. Pela tradição, pelo enorme tamanho do território nacional, por ter muitos jogadores nas principais equipes do mundo e por ter milhares de crianças correndo atrás de uma bola, sonhando em ser craques, em vez de estarem em escolas públicas em período integral, o Brasil tem condições de ter uma seleção melhor do que a atual, mesmo com apenas um grande craque, Neymar. Já com relação ao futebol que se joga no Brasil como um todo, por causa da desorganização e da impossibilidade financeira de manter os principais atletas nos clubes, o nível é de segunda divisão, em comparação com os melhores times do mundo.

Nos anos 1960 e 1970, os melhores jogadores e times brasileiros eram melhores do que os melhores jogadores e times da Europa. Toda a Seleção de 1970 atuava no Brasil. O confronto entre Santos e Botafogo era tão espetacular quanto o atual Barcelona e Real Madrid. Isso mudou. Não podemos nos iludir e achar que um jogador de destaque nos campeonatos nacionais seja uma maravilha.

A ciência esportiva, a estatística e o desenvolvimento tecnológico contribuíram muito para melhorar e entender o futebol. É preciso, o mais rápido possível, adotar o uso da tecnologia na decisão de lances importantes e decisivos, impossíveis de serem vistos pelos árbitros e auxiliares.

O futebol vive um período marcante, de altíssimo desenvolvimento da ciência esportiva, especialmente da estatística. Hoje em dia, as grandes equipes do mundo e também as grandes do Brasil possuem equipes de informática, os chamados analistas técnicos e táticos, que dão todas as informações sobre os jogadores e os adversários. Isso ajuda os treinadores nas decisões e nas contratações de atletas pelos dirigentes. Por outro lado, há um exagero, uma adoração pelos números. Existem muitos técnicos muito bem informados, mas que têm pouca capacidade de observar os detalhes

subjetivos. Nenhum aparelho é capaz de medir a lucidez, as emoções e os encantos dos atletas.

Os jogadores brasileiros, em comparação com os estrangeiros, são mais *dependentes dos aplausos*, do reconhecimento público e do que determinam seus técnicos. Têm menos consciência de suas virtudes e deficiências e mais dificuldades de assumir as responsabilidades e os riscos durante as partidas. O grande prestígio e as conquistas de nosso futebol são também enormes pesos para os jovens atletas.

Desde o passado, *os jogadores brasileiros usam a esperteza, as simulações e as violações das regras e da ética para levar vantagem*. O mesmo ocorre em outras atividades humanas. O jogador poderia argumentar que, no instante do lance, na emoção do jogo, na busca do sucesso, ele, sem pensar e sem racionalizar, age mais por impulsos e por desejos diabólicos, presentes nas profundezas da alma. Nada disso justifica ele não ser punido. Somos todos responsáveis por nossos atos.

A maneira de ver e de analisar o futebol também mudou. Ao mesmo tempo que aumentou bastante o número de jornalistas esportivos que se interessam por detalhes técnicos e táticos, existe também hoje pouca valorização e entendimento do jogo coletivo. Estamos na época do futebol midiático, dos melhores momentos, da repetição e da supervalorização de lances isolados, da construção de heróis e de vilões a cada jogo, como se lances individuais representassem o todo, a realidade. Após as partidas, durante dias, as imagens de lances isolados e as decisões dos árbitros são repetidas e discutidas um milhão de vezes.

A sociedade do espetáculo não gosta necessariamente de futebol. Gosta mais de consumir, festejar, descartar e trocar seus ídolos rapidamente.”

Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia – e até mesmo o Iraque – podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo.

Simon Kuper & Stefan Szymanski escreveram o livro sobre futebol mais fundamentado em estatística jamais publicado: *Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia - e até mesmo o Iraque - podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo* (Rio de Janeiro; Editora Tinta Negra; 2010).

Algumas das informações reveladas em *Soccernomics* derrubam mitos antigo em torno do futebol. É o caso da velha ideia de mais pessoas cometerem suicídio durante a Copa do Mundo. Stefan Szymanski e Simon Kuper provam exatamente o contrário - o futebol, em vez de estimular suicídios, impede milhares de pessoas se matarem.

Embora mal traduzidos, os autores demonstram grande conhecimento do assunto. Simon Kuper, um dos maiores cronistas de futebol reconhecido internacionalmente, teve seu livro *Soccer Against the Enemy* reconhecido com o prêmio William Hill de Livro de Esportes do Ano na Inglaterra. Kuper é colunista esportivo do Financial Times e vive em Paris. Stefan Szymanski é professor de Economia da Cass Business School, em Londres, sendo considerado um dos maiores economistas esportivos do mundo. Vive em Londres.

Muitos desses estudos de caso interessam especialmente a nós, brasileiros, protagonistas de muitas páginas de *Soccernomics*, que ganhou conteúdo exclusivo para a edição brasileira, mais completa e polêmica que a original. O livro comenta as dificuldades que os jogadores brasileiros têm de se adaptar à cultura europeia, sobretudo quando são comprados por times do Norte. Revelam como essas dificuldades provocam impactos em suas atuações. Por outro lado, relembram histórias pitorescas de nossos craques - como os atacantes Romário, Ronaldo e Robinho - na Europa. Tocam, ainda, em tema crucial para os torcedores da seleção do país: o que podemos esperar das próximas Copas do Mundo, como competidores e como anfitriões.

Soccernomics expõe, ainda, os principais motivos do fracasso de alguns técnicos. Analisa o papel dos mais importantes campeonatos de futebol do mundo. Aborda os efeitos que os principais preconceitos que gravitam sobre o esporte exercem sobre as atuações de jogadores e times. Mostra a evolução e

o impacto da audiência em diferentes países, o resultado das pressões das torcidas sobre os clubes. Traça um mapa atualizado da geopolítica do futebol.

Soccernomics tem sido aclamado como uma das mais reveladoras obras sobre o futebol. É também uma espécie de equivalente futebolístico do célebre *Freakonomics*. A obra também aplica princípios socioeconômicos na explicação de fenômenos cotidianos, no caso, da rotina do mundo da bola. O livro é, como o primo-irmão que se tornou best-seller planetário, recheado de ideias fora-do-comum provadas por meio de um vasto aparato de dados e análises.

Com estatísticas e furos de reportagem, a dupla formada por dois ingleses, um jornalista esportivo, Simon Kuper, e um economista, Stefan Szymanski, apresenta teses espantosas, todas elas provadas com tabelas, gráficos e estudos de caso.

O subtítulo resume a carga de polêmica e as doses de profecias que de suas páginas: “Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia – e até mesmo o Iraque – podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo”. Fato é que, em tema pleno de paixões e superstições, a dupla de autores deu forma a um dos mais meticulosos e envolventes estudos sobre o mercado do futebol. Kuper e Szymanski juntaram a análise de dados, a estatística, o jornalismo, a economia e a sociologia para compreender o futebol em suas diferentes facetas. Com isso deram origem ao mais completo e interessante registro dos bastidores do esporte mais popular do mundo.

O futebol inglês discrimina os negros? Por que os clubes não ganham dinheiro? Torcedores são polígamos? As pessoas saltam do alto de prédios quando seus times perdem? Os pênaltis são realmente injustos? São perguntas como essas que norteiam *Soccernomics*. Os autores justificam: “Queremos introduzir novos números e novas ideias no futebol: números de suicídios, de gastos em salários, de populações de países, de tudo que ajude a revelar novas verdades sobre o esporte”.

Soccernomics: O Pior Negócio do Mundo: Porque os Clubes de Futebol Não Ganham Dinheiro (e Não Deveriam Ganhar) Dinheiro.

Simon Kuper & Stefan Szymanski, em *Soccernomics* afirmam o futebol não ser nem um grande negócio nem um bom negócio. Provavelmente, não é sequer um negócio. Esta hipótese orienta os autores na análise econômica do futebol.

Como quase nenhum clube é cotado no mercado de ações, por razões de transparência e paixões norteadas por cotações, se torna difícil descobrir seu valor. Não apenas a maioria dos clubes tem prejuízo e não pagaria dividendos a seus acionistas, como muito dos maiores clubes poderiam ter queda de valor de mercado após uma série de derrotas.

Qualquer que seja o parâmetro, nenhum clube de futebol é um grande negócio. Apesar de alguns jogadores serem celebridades e o programa de TV mais assistido ser a transmissão de jogo final de campeonatos e/ou copas de futebol, os clubes são negócios minúsculos. Os autores diagnosticam: “isso é em parte um problema que os economistas chamam de *apropriação*: os clubes de futebol não podem ganhar dinheiro com (e não podem se apropriar de) mais que uma pequena parcela da paixão da torcida pelo futebol”.

Comprar todos os anos ingressos elevados (ou *pay-per-view*) para determinada temporada e as camisas sobrevalorizadas do time talvez represente o extremo de extravagância do fanatismo pelo futebol. O custo de oportunidade de programa alternativo é muito maior do que se gasta com o futebol.

Por exemplo, o futebol é pouco explorado em termos de faturamento com gravações em DVD dos momentos marcantes dos jogos durante campeonatos ou copas. De toda a diversão e a atenção midiática proporcionadas pelos clubes de futebol, muito pouco disso eles se apropriam do valor que o público dá a elas. Os autores concluem que, “de fato, o mundo ganha mais com o futebol do que a própria indústria do futebol”.

O futebol não é apenas um pequeno negócio. É também um mau negócio. A estupidez é parte do negócio do futebol. Isso se torna óbvio quando pessoas do futebol encontram pessoas de outros setores de atividade. Por exemplo, as empresas de material esportivo costumavam ser pagas para fazer publicidade delas mesmas. Não havia grandes contratos de patrocínio, as empresas somente davam as chuteiras com suas marcas expostas aos jogadores. Apenas no final dos anos 1980 os clubes de futebol perceberam que alguns torcedores estavam dispostos até a comprar reproduções pirateadas das camisas dos seus times. Começaram então a cobrar por elas.

Foi preciso outra década para que os clubes compreendessem que jogos pela televisão significavam dinheiro grátis e publicidade não paga a eles. Eles demoraram ainda mais tempo para se dar conta de quanto o futebol valia para as redes de TV disputarem a exclusividade em suas transmissões.

As reformas dos estádios ingleses só ocorreram quando o governo obrigou os clubes a dar mais conforto e segurança a seus torcedores. Eles gastaram dinheiro em seus campos e... bingo! Surgiram mais clientes!

Os torcedores de futebol podem ser vistos como consumidores. O futebol pode se tornar rapidamente popular por todo um país. Construir um belo estádio confortável, seguro e facilmente acessível pode atrair mais espectadores por toda a temporada, como programa de lazer rotineiro da cidade.

Clubes de futebol sempre adotam novas ideias tardiamente, talvez por que não mudem de direção frequentemente. Os estatutos não deveriam permitir seguidas reeleições. As gestões poderiam ser renovadas com mandatos mais curtos. Por exemplo, só muitos anos após o surgimento da internet os clubes fizeram sites oficiais para dar acesso a informações por parte de seus torcedores.

Processos de insolvência não são raros em clubes de futebol. Assumem alto grau de fragilidade financeira, devido à imprudência no endividamento para pagar por jogadores que constituem verdadeiras “bolhas de ativos”. Contusões, má fases, vida desregrada, etc., são comuns entre as “celebridades”.

Soccernomics: Como o Clube escolhe o Técnico de Futebol

Simon Kuper & Stefan Szymanski, em *Soccernomics*, afirmam a incompetência dos técnicos de futebol ter alguma relação com os métodos absurdos e ilegais pelos quais eles costumam ser escolhidos. Nunca empresas de recrutamento de pessoal são consultadas por clubes em busca de técnicos.

O novo técnico é contratado na correria. No futebol, um clube normalmente escolhe um técnico dois dias após demitir seu antecessor. A hesitação é vista como liderança fraca. Da mesma forma, dirigente é desprezado com sendo lento quando se recusa a demitir seu técnico derrotado.

O novo técnico só é entrevistado superficialmente. Em empresas normais, um candidato a executivo-chefe escreve um plano de negócios, faz uma apresentação e passa por várias entrevistas. No futebol, um clube liga para o celular de um agente e oferece o emprego.

O novo técnico é quase sempre homem branco, com corte de cabelo conservador, idade entre 35 e 60 anos e ex-jogador profissional. Logo, é atividade que discrimina ilegalmente as mulheres, os negros e os gays assumidos. Não há evidências de que ter essas características seja vantagem para ter bom desempenho como técnico de futebol. “Você não precisa ter sido um cavalo para ser um jóquei”. Jogar e orientar demandam conjuntos de

habilidades diferentes. Por que jogadores fracassados com frequência se tornam bons treinadores? Eles tem mais tempo para estudar!

Técnicos não precisam de qualificações profissionais. O problema com ex-jogadores profissionais pode ser exatamente sua experiência adquirida na “escola da vida”. Após décadas vividas apenas no mesmo ambiente, eles simplesmente sabem o que se faz: como se treina, quem comprar (geralmente quem já jogou sob seu comando), como falar com seus jogadores. Eles apenas transmitem o que aprenderam no passado, não questionam e, portanto, não descartam os métodos tradicionais com seus preconceitos. Na verdade, a experiência anterior que precisa ser superada para fazer trabalho renovador.

O novo técnico muitas vezes é mal qualificado mesmo quando tem algumas qualificações. Não espanta que alguns técnicos desperdicem dinheiro: eles nunca tiveram aulas de Finanças e Contabilidade em curso de licença profissional. Muitos só sabem as jogadas de troca-de-favor: contratam, indicam ou selecionam jogadores para receber comissão (“prêmio”) com a valorização de sua venda posterior.

Disponibilidade imediata é fundamental. O novo técnico é escolhido por sua disponibilidade em começar a trabalhar imediatamente. Com frequência, isso acontece por ter acabado de ser demitido devido a insucesso. É lembrado por ter conseguido algumas vitórias expressivas em sua carreira, lembradas na curta memória coletiva. Até mesmo bons resultados nas semanas anteriores colaboram para sua escolha. Outro critério relevante é se o técnico tenha ficado alguns meses sem ter sido contratado e estar disposto a rebaixar seu salário para conseguir o emprego.

O poder de ser “celebridade midiática” supera a falsidade da reputação. O novo técnico geralmente é escolhido não por suas supostas qualidades técnicas, mas porque se espera que seu nome, sua aparência e sua habilidade em relações públicas impressionem os torcedores, os jogadores e a imprensa. Por isso, nenhum clube contrata uma mulher como treinadora: torcedores e jogadores idiotas iriam se opor. Acima de tudo, um técnico precisa parecer um técnico. Os clubes preferem usar métodos tradicionais para escolher incompetentes do que se arriscar a fazer algo que pareça estranho.

Futebol e o Acaso

Simon Kuper & Stefan Szymanski escreveram o livro sobre futebol mais fundamentado em estatística jamais publicado: *Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o*

Japão, a Austrália, a Turquia - e até mesmo o Iraque - podem se tornar o esporte mais popular do mundo (Rio de Janeiro; Editora Tinta Negra; 2010).

A maioria dos torcedores entende a sorte ser importante, mesmo eles construindo um história pós-factual sobre o torneio de futebol onde a vitória ou a humilhação parece determinada desde o início. Mas os dados apontam para uma situação ainda mais assustadora em vez da existência de acaso: não há praticamente nenhuma diferença entre equipes inglesas “brilhantes” e “terríveis”. Parece suspeito como se a seleção da Inglaterra fosse sempre mais ou menos igualmente boa.

Isso pode parecer difícil de acreditar. Os torcedores sentem fortemente as distintas qualidades de gerentes e jogadores. Há períodos de otimismo nacional e pessimismo nacional, associado à visão da equipe ser forte ou vergonhosa.

Mas, na verdade, assistir à Inglaterra nas Copas do Mundo se parece com uma competição de cara ou coroa. Se nos concentrarmos em vitórias imediatas, então a Inglaterra em a média ganha apenas mais de 50% de seus jogos; o resto ou empata ou perde. Então, assim como uma moeda tem metade da chance de cair mostrando cara e meio coroa, a Inglaterra em média tem cerca de 50% de chance de ganhar e 50% de não ganhar.

Os autores atribuíram um "1" para cada vitória e um "0" para uma perda ou empate, e examinaram a sequência dos quatrocentos jogos da Inglaterra desde 1980. Antes de discutir essa sequência, apresentaram o lançamento da moeda. Se você jogou uma moeda quatrocentas vezes, você esperaria, em média, obter duzentas caras e duzentas coroas. No entanto, não há razão para esperar os resultados alternados a cada vez: cara, coroa, cara, coroa... Às vezes você terá sequências de algumas caras, às vezes algumas coroas.

Não há relacionamento entre a moeda agora jogada e o último lance. Se você jogar uma moeda honesta, há sempre 50% de chance de caras, qualquer tenha sido a sequência ocorrida até este ponto. Não há correlação estatística entre os lançamentos de moeda atuais e os lançamentos passados, mesmo sabendo a média de qualquer sequência ser sempre em torno de 50 por cento.

Aqui está a descoberta dos autores: a sequência da vitória da Inglaterra sobre os quatrocentos jogos é indistinguível de uma série aleatória de lançamentos de moeda. Não há nenhum valor preditivo com base no resultado do último jogo da Inglaterra, ou mesmo em qualquer combinação de jogos recentes da Inglaterra. O acontecido em uma partida parece não ter relação com o que acontecerá na próxima.

A única coisa possível de prever é, em médio e longo prazo, a Inglaterra ganhará cerca de metade dos seus jogos. Os autores viram os resultados dos jogos poderem ser largamente previstos com base na população de um país, em sua renda e sua experiência. No entanto, isso explica apenas o resultado médio. Em outras palavras, se a Inglaterra fosse menor, mais pobre ou menos experiente, teria uma porcentagem menor de vitórias, mas a sequência dessas vitórias ainda seria imprevisível.

Para se certificar de a descoberta deles estar certa, construíram algumas sequências aleatórias de 1s e 0s para ver se elas se pareciam com os resultados da Inglaterra. Muitas vezes encontraram uma correlação mais aparente em suas sequências aleatórias do que nos resultados da Inglaterra.

Ao contrário da opinião popular, pode ser que a força da equipe da Inglaterra quase nunca muda, o que faria todo o aparato de sapiência ligado à equipe instantaneamente redundante. Um jogador extraordinário pode desaparecer ou se aposentar, mas em um país de 51 milhões de pessoas, é sempre alguém chegando perto o suficiente de seu nível de modo a fazer quase nenhuma diferença sua aposentadoria.

Em longo prazo, os três principais fatores determinantes do desempenho de um país são muito estáveis. A economia britânica explodiu na década de 1990 e agora está caindo no ranking da riqueza global, mas medido ao longo do último século a Grã-Bretanha sempre foi uma das nações mais ricas do mundo. Igualmente, a sua parte da população dedicada ao do futebol muda apenas lentamente. A equipe da Inglaterra ganha experiência assim como seus principais rivais também ganham.

O único fator chave variável é a vantagem em jogar em casa. Vale uma vantagem de dois terços de um gol por jogo no futebol global. Logo, não é de admirar a Inglaterra ter vencido a Copa do Mundo em 1966.

Caso contrário, as performances da Inglaterra em bons ou maus momentos são muito parecidas. Só os fanáticos e a mídia procuram ver padrões onde nenhum padrão existe.

Nassim Nicholas (Nick) Taleb, o investidor financeiro e escritor de *The Black Swan: O Impacto do Altamente Improvável*, explicou como nós somos constantemente enganados pela *aleatoriedade*. Em termos neurocientíficos, nossos cérebros racionais são estimulados por nossos cérebros emocionais a encontrar padrões mesmo se não houver nenhum. No final, a melhor explicação para os altos e os baixos da equipe da Inglaterra é o *acaso*.

Os Números do Jogo: Por que tudo o que você sabe sobre futebol está errado

Os autores do livro *Os Números do Jogo: Por que tudo o que você sabe sobre futebol está errado* (São Paulo: Editora Paralela, 2013), Chris Anderson & David Sally, afirmam: “o jogo dos números exige mais do que simplesmente contabilizar os lances que ocorrem num campo de futebol. Exige procurar padrões a partir de grandes amostras de informações. Isso também significa aceitar que certos elementos do futebol são imprevisíveis”.

O objetivo do jogo da análise, porém, mudou. Busca-se usar as informações - os fatos puros e frios - para determinar se aquilo em que acreditamos a respeito do futebol é mesmo verdade. A análise estatística não é uma questão de usar os números para provar uma teoria, e sim observar aquilo que os números realmente estão nos dizendo, descobrir se nossas crenças estão corretas e, se não estiverem, nos ajudar a entender aquilo em que realmente devemos acreditar. Desafiar o senso comum pode ser incômodo.

O cérebro humano é uma máquina modeladora de análise. Funciona como as casas de apostas. Como produtor de previsões e de regras, nosso computador embutido é sujeito a falhas. Nossos cérebros foram projetados para recordar e superestimar os acontecimentos mais impressionantes e vívidos. Eventos que de fato ocorreram vêm à memória mais facilmente que eventos que poderiam ter ocorrido. Nossas teorias e nossas visões pessoais, naturalmente, acabam sendo confirmadas: *nós não acreditamos em algo porque o vemos. Na verdade, só vemos algo quando acreditamos naquilo!*

Por exemplo, é imediatamente após haver marcado que as equipes são menos suscetíveis a levar um gol. A ideia de que um time é mais vulnerável depois de marcar, no entanto, é um dos inúmeros mitos que dominam o futebol.

Outro exemplo: a paixão com que os escanteios são comemorados na Inglaterra como um “quase-gol”. Os escanteios são vistos praticamente como a melhor coisa do jogo, depois do gol e do pênalti. Trata-se da crença de que, finalmente, o gol está para sair com “jogadas ensaiadas de bola-parada”.

Os dados provam haver uma correlação entre os escanteios e as finalizações em gol. Times com mais chutes em direção ao gol ganham mais escanteios, e vice-versa. No entanto, os times mais chutadores e ganhadores de mais escanteios não marcam mais gols. A correlação é, essencialmente, zero. Nem todo escanteio leva a uma finalização: a defesa se fecha toda, para

garantir isso não ocorrer. Apenas um em cada cinco escanteios leva a uma finalização ao gol. Apenas uma em cada nove finalizações oriundas de escanteios termina em gol. Em outras palavras, 89% das finalizações ao gol geradas pelos escanteios são desperdiçadas. Logo, em média, um escanteio vale aproximadamente 0,022 gol ou, em média, um time faz um gol de escanteio a cada dez jogos!

Por isso, times bem treinados parecem ter desistido do escanteio para alçar a bola na área, passando a usá-lo como oportunidade de conservar a posse da bola. Consideram o risco de ser pego no contra-ataque, com seus zagueiros perdidos na área adversária.

O futebol é, por excelência, *o jogo das coincidências*. O gol é um evento raro e precioso. Por ser aleatório, pode desafiar explicações e desprezar as probabilidades.

Mas se você jogar ou assistir futebol por tempo o bastante, o mais provável é que algo - que tudo - venha a acontecer, mais cedo ou mais tarde. Há uma consistência que define o esporte. No futebol, milagres acontecem!

Partidas de futebol e campeonatos são decididos pelo talento ou pela sorte? Esta é a questão-chave. Se o esporte for uma *questão de talento*, então há uma lógica na competição: no fim, o melhor time triunfará. Se for uma *questão de sorte*, então de que adianta gastar milhões com os melhores jogadores?

Por que os craques ganham tanto? Seus salários se justificam porque remuneram não apenas os jogadores, mas também o fato de serem *celebridades*. Um executivo pode gerar riqueza, desenvolvimento, tecnologia, mas o jogador, além de alguma renda, produz entretenimento, verba publicitária, *pay-per-view* e venda de inúmeros produtos.

O próprio conceito de torcer (e distorcer) se baseia na existência de uma lógica por trás do jogo: se seu clube adquirir os melhores jogadores e contratar um grande treinador, os troféus virão. Os autores de "*Os Números do Jogo*", no entanto, chegaram à conclusão de que "*o futebol é, basicamente, um jogo 50-50. Metade é sorte; metade é talento*" (Chris Anderson & David Sally, 2013: 45).

O futebol é um esporte obcecado e distraído pela beleza. A maioria dos torcedores preferiria, em caso de não vencer, pelo menos perder jogando bonito. Times aos quais se permite capturar a beleza do futebol são reverenciados, independentemente do resultados - o escrete húngaro de 1954, o futebol total da Holanda de 1974, a seleção de talentos brasileiros de 1970 e 1982, Santos, Botafogo e Cruzeiro dos anos 60, a academia do

Palmeiras nos 70, o Flamengo dos 80, o Barcelona tique-taque de 2012, o Cruzeiro de 2013 -, enquanto outros, como a Itália e a Alemanha Ocidental dos anos 1990, o Brasil de 1994, são desprezados pela visão de “futebol de resultados”, pragmática e sem graça.

O problema é: *a beleza é uma distração capaz de ofuscar os fatos*. A beleza pode ser um subproduto de times campeões, mas por si só não basta para ganhar partidas. Nem é necessária. É impossível chegar a um consenso sobre a beleza, mas pode-se analisar o jogo eficiente. No entanto, fazer quase tudo certo dentro de campo não é suficiente para vencer uma partida.

“O futebol não é justo”. Essa é a questão no futebol: nem sempre ele recompensa quem finaliza mais ou acerta mais passes. Apenas premia quem faz mais gols. *O futebol é uma disputa de gols, e não de estética*.

Quando os cientistas encontram os acasos, não os ignoram, nem tentam explicá-los como “caprichos dos deuses”, como seriam os acasos da beleza. Eles agrupam as coincidências em um imenso conjunto e usam ferramentas analíticas para compreendê-las. Descobrem que há uma lógica na coincidência.

Essa lógica se dá de duas formas. Ela se aplica não nos campeonatos, quanto nos torneios eliminatórios, em que a distribuição de gols segue uma regularidade e é incrivelmente previsível. Inclusive se aplica a partidas específicas, a confrontos de ida e volta, em que o papel da sorte na marcação de gols é considerável, quase 50-50. Metade dos gols que você vê e metade dos resultados que você presencia não se devem ao talento nem à habilidade, mas ao *acaso* e à *sorte*!

Futebol: Sorte ou Talento?

Chris Anderson & David Sally descobriram: “há dois caminhos para o sucesso no futebol. Um é jogar bem. O outro é ter sorte. Para você ganhar um campeonato, você precisa de ambos. Mas para ganhar uma partida, você só precisa de um dos dois” (2013: 48). *A história do futebol é uma série de acidentes futebolísticos!*

Podemos prever a frequência geral e a distribuição de acontecimentos aleatórios - com que frequência eles ocorrem e qual a probabilidade que ocorram - sempre que tentarmos analisar um evento que ocorre com pouca frequência, mas também de forma consistente e independente o suficiente para estabelecer um número base. A distribuição de Poisson nos fornece um jeito de prever acontecimentos raros e incertos. Bortikiewicz percebeu que ela poderia dar origem a uma Lei que rege os números pequenos: uma

previsão de quantas vezes se poderia esperar um evento raro em um determinado momento ou lugar.

Aquilo que parece sem sentido, aleatório, está, na verdade, submetido a um padrão previsível. Embora não possamos prever com exatidão quando um evento ocorrerá, podemos prever o número geral de ocorrências com uma precisão excepcional. O raro e o imprevisível é absolutamente previsível: sabemos precisamente quantas vezes vai acontecer. A coincidência é lógica.

Os gols são raros, mas consistentes e independentes. Cada um deles, à primeira vista, aleatório. Individualmente, eles são imprevisíveis. É isso que os torna tão emocionantes. Mas se considerarmos a média de gols por partida - 2,66 em campeonatos profissionais europeus entre 1993 e 2011 - e aplicando a ela a distribuição de Poisson, podemos dizer quantas partidas nesses anos terminaram com determinados resultados. Há uma estrutura na marcação de gols. O futebol pode ser aleatório, mas também é previsível no sentido que sabemos a priori quantos jogos terminarão sem gols, quantos serão decididos pelo único gol da partida, quantos terão dois gols, quantos três e assim por diante.

Os gols são eventos verdadeiramente raros e preciosos: mais de 30% dos jogos terminam com um gol ou nenhum. Um pouco menos da metade de todos os jogos termina com o time da casa marcando um ou dois gols e vencendo. Depois vem um grupo de jogos com vitórias alternadas entre o time da casa e o visitante, ou empates com placares mais altos (1X2, 3X1, 2X2), que ocorrem, cada um, 5% das vezes. Depois, vem todo o resto.

Até que ponto o acaso vai influenciar o próximo jogo a que você assistirá? Seu time vai ganhar ou perder por causa do talento - ou da falta dele - ou vai ser simplesmente traído pelo destino?

Lei dos Grandes Números: Jogar na Espera do Erro Alheio

Chris Anderson & David Sally citam a regra básica de Jacob Bernouille, para estabelecer a Lei dos Grandes Números: se você fizer alguma coisa por tempo o bastante, todos os resultados possíveis vão acontecer. Quanto mais você fizer alguma coisa, mais provável é um resultado improvável ocorrer pelo menos uma vez.

Não há nenhuma Lei, a não ser a das Probabilidades, impeditiva de um time de ficar invicto durante uma temporada inteira, ou perder as doze primeiras partidas do campeonato. No longo prazo, é provável qualquer coisa ocorrer pelo menos uma vez.

Tais eventos são marginais nas estatísticas. Mas até que ponto eles são incomuns?

O acaso é um elemento central em toda partida de futebol. A profissão do banqueiro de apostas se baseia no acaso. Se os jogos fossem previsíveis, ninguém apostaria.

Há certos fatores noticiados previamente conhecidos. Essas informações são a base para estabelecer as probabilidades de um dos times ser o favorito. Quanto menores as probabilidades, menos sorte tem de ter o favorito para perder uma partida, e mais o azarão tem de confiar na sorte para vencer.

Nem todos os favoritos são iguais. No dia do jogo, alguns são muito favoritos, outros só um pouco.

No futebol, a probabilidade mediana de vitória do time favorito é de 1,94. Isto significa o seguinte: quase na metade das vezes, no futebol, o favorito não é tão favorito assim. Isto pode ser explicado por dois fatores: no futebol, os gols são raros e os empates são comuns.

Essa combinação torna muito mais difícil estabelecer as probabilidades no futebol, reduz a probabilidade de vitória do favorito. Nele, o favorito vence em apenas aproximadamente 50% das vezes. Isto vai contra tudo aquilo pensado pela maioria a respeito desse esporte.

O futebol é o mais imprevisível dos esportes coletivos. Quase na metade das vezes, o time menos preparado - ou com jogadores piores - acaba vencendo!

Porém, a qualidade do time praticamente determina o número de finalizações, e cada finalização tem uma chance contra oito de estufar as redes. A sorte, antes e acima de tudo, depois a forma e a habilidade, e depois coisas como a fase atual decidem a vitória de uma equipe e a margem de gols.

É uma descoberta surpreendente para os torcedores o maior papel do acaso em determinado jogo. Acreditam o talento de um time decidir totalmente o que acontece no campo. A não ser em uma partida com uma vitória por três ou quatro gols de diferença, é muito difícil afirmar com certeza a melhor equipe ter vencido.

Qual é a probabilidade de o resultado de uma partida refletir com precisão o talento das duas equipes? Os triangulares transitivos - se em sequência de três jogos, se o Brasil ganhar da Espanha e esta ganhar da

Alemanha, então a Alemanha não poderia ganhar do Brasil na sequência - nem de longe são tão raros quanto deveriam ser, quando a diferença de talento é relativamente reduzida. O abismo de talento tornaria muito mais improváveis os “erros” no futebol em que um time ruim ganha de um time bom.

Metade de todas as partidas de Copa do Mundo é decidida pela sorte, e não pelo talento. O melhor time só vence metade das vezes. Os resultados nesse caso de futebol se assemelham a um cara ou coroa!

O retrospecto histórico mostra que 48% dos jogos são vencidos pelo time da casa, 26% terminam empatados e 26% são vencidos pelo time visitante. Esta é a Regra do 48/26/26. Supondo que todas as equipes tivessem o mesmo talento, poderíamos simular todos os resultados de uma temporada como se fossem decididos por essa Regra. Na realidade, os cálculos indicam mais ou menos metade dos pontos poderem ser atribuídos ao destino.

No entanto, muitos técnicos acreditam a equipe jogar melhor no futebol quando reina uma disciplina absoluta e inquestionável, dentro e fora do campo. Eles se enxergam como o mestre do próprio destino. Não concordam com o papel do destino casual no futebol. Mas apesar da disciplina, ordem, talento e organização da equipe, não se pode negar o papel do acaso no futebol.

Metade dos gols pode ser creditada à sorte, e o melhor time só vence metade das vezes. O futebol é uma partida de cara ou coroa. A lógica e a sorte têm o mesmo peso. É preciso aceitar conviver com o acaso no futebol.

Isso não significa que nada possa ser feito. O que um treinador faz é tentar aumentar a taxa de probabilidade de vitória em uma partida. Reduzir ao mínimo possível a influência do destino. Isso significa gastar bem, treinar bem, criar a melhor tática possível e escolher o melhor treinador possível.

Porém, *não se pode controlar o acaso* com desempenho unilateral. Na metade do tempo, o que acontece em campo não está sob controle. No restante, os outros 50%, cabe aos times determinar.

A sorte não vem para todos, mas todos podem tentar jogar bem. O futebol é um esporte em que, fundamentalmente, se tenta evitar os erros, ao mesmo tempo que se punem os erros dos adversários.

Quantos gols saem de contra-ataques com a recuperação súbita da bola, devido a erro de algum jogador da equipe adversária? “Jogar na espera do erro alheio” passou a ser a paciência no aguardo dessa chance ao longo dos 90 minutos do jogo.

A Dança dos Deuses – Futebol, Sociedade, Cultura

Comentários na rede social costumam ser perversos, quando não só ignorantes, dado o anonimato dos ofensores. Por isso, é curioso ver a origem de cada qual para perceber seu viés apriorístico. Nos exemplos abaixo, comentam o livro de Hilário Franco Júnior (*A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras; 2007).

Comentário de ex-uspiano: “Não costumo paparicar ninguém, mas há certas obras que devemos divulgar pela beleza e pelo ótimo conteúdo. Apesar de ter adquirido há 3 meses, só hoje pude começar a ler o excepcional livro “*A Dança dos Deuses - Futebol, Sociedade, Cultura*”, do Professor Dr Hilário Franco Júnior, o qual tive a honra de ser seu aluno. É um livro que fala sobre a história do futebol correlacionada aos acontecimentos da sociedade, cujo laboratório de pesquisas se desenvolveu na minha turma de doutorado em História Social, na USP, durante a disciplina História Sócio-Cultural do Futebol e Impulsos Lúdicos.

Abaixo, a orelha do livro só para àqueles que gostam do tema sentirem um gostinho de “quero-mais”:

(...) O autor dedica-se a descrever a história do futebol como uma micro história do mundo contemporâneo. E demonstra como esse esporte não pode ser dissociado da história geral das civilizações. Exemplo eloquente encontra-se na lógica da sua propagação e rejeição (...). A própria evolução das regras e táticas do esporte responderam, é fato, a necessidades específicas do jogo, mas só podem ser entendidas em contexto de adaptação do futebol às mudanças do mundo. A argumentação do autor não se limita à análise histórica, (...) pois o futebol é metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais das últimas décadas. Nesse sentido, procura examinar aquele esporte como metáfora sociológica, antropológica, religiosa, psicológica e linguística. Somos levados a pensar, por exemplo, sobre os diversos usos políticos do futebol, seja por regimes autoritários ou democráticos, tanto uns quanto outros abraçados ao nacionalismo.

O autor nos convida, ainda, a pensar sobre os sentidos ocultos em toda a ritualização do futebol, nos nomes dos clubes, nas cores das camisas, nos escudos. Mostra como tal esporte incorpora não apenas uma terminologia bélica como também um vocabulário de sentidos e gestos religiosos.

(...) No Brasil o futebol é bastante jogado, mas insuficientemente estudado...”

Comentário de crítico fora da Universidade de São Paulo: “Consigo resumir o livro em uma palavra: LIXO. Assim, curto e grosso. O mais puro e belo lixo USPiano. Não vou ficar na crítica botocuda. Vou mostrar os erros, vou mostrar a qualidade da pesquisa, vou mostrar o simplismo, e peço aos meus não-leitores que ao lerem este texto, pensem como seu dinheiro pode ser bem aproveitado na USP e imaginem a qualidade de algumas aulas. Só imaginem isso. (...) O livro é um apanhado de resultados de jogos interessantes e/ou importantes entrecortado de fatos históricos ou curiosidades que formaram o esporte chamado futebol. Nada mais do que isso. O livro é recheado de erros, alguns crassos e simplismos (...). O assunto é interessante e se bem trabalhado poderia ter rendido uma boa obra. Desse livro a única coisa que poderei aproveitar é a bibliografia, nada mais. Erudição está longe, muito longe de ser alcançada nessa obra. Erudição não é saber frases de filósofos, escritores ou fazer uma mixórdia de assuntos. Erudição é saber o que fazer com o conhecimento e apresentar de forma clara e CORRETA. Este livro não é o caso.

PS: Não terminei de ler o livro. Falta 1/3 para terminá-lo. Não sei se conseguirei reunir forças para tanto...”

Comentário meu, professor da Unicamp: o livro merece ser consultado, principalmente em sua primeira parte.

"*A dança dos deuses*" está dividido em duas partes, uma histórica e outra de viés analítico. Do ponto de vista histórico, o autor mostra como o futebol não pode ser dissociado da história geral das civilizações. Exemplo eloquente encontra-se na lógica da sua propagação e rejeição, a partir da Inglaterra, tendo sido bem aceito nos países que sofriam forte influência cultural inglesa, mas nunca devidamente incorporado em países que constituíram o império, como Austrália e Canadá. A própria evolução das regras e das táticas do esporte responderam, é fato, a necessidades específicas do jogo, mas também só podem ser entendidas em contextos de adaptação do futebol às mudanças no mundo.

Na segunda parte, Franco Júnior procura investigar o esporte como metáfora sociológica, antropológica, religiosa, psicológica e linguística. Somos levados a pensar, por exemplo, sobre os diferentes usos políticos do futebol, seja por regimes autoritários ou democráticos, tanto uns quanto outros sempre abraçados ao nacionalismo. O autor nos convida a refletir sobre os sentidos ocultos em toda a ritualização do mundo esportivo, nos nomes dos times, nas cores das camisas, nos escudos, e ainda recorre a Freud para examinar a fascinação que o esporte exerce. Com erudição, mas em linguagem acessível, Hilário Franco Júnior leva ao limite, neste estudo, a ideia de o futebol ser uma imitação de vida.

Depois, você poderá se divertir, avaliando até que ponto vai a vaidade humana, ao ler os comentários acima, ou seja, o debate entre os *insiders* e os *outsiders* da Universidade.

Futebol: o Brasil em Campo

Do futebol de botão ao futebol-soçaite, do autobol à CPI do futebol, do futebol ao futelama, do “jabuti de cartola” à Copa do Mundo - Alex Bellos traça no livro *Futebol: o Brasil em Campo*, publicado pela Jorge Zahar Editor, em 2003, com 350 páginas, inclusive apresentando fotos, panorama do chamado país do futebol.

O autor, nascido na Inglaterra, foi correspondente do *Guardian* e do *Observer* no Rio de Janeiro. *Futebol: o Brasil em Campo* foi publicado também na Itália, Holanda, Estados Unidos, Finlândia e Japão, depois de ser o livro sobre Brasil mais vendido na Inglaterra.

Ele traz entrevistas e reportagens nos mais inesperados lugares do país e do mundo: da Floresta Amazônica ao Círculo Polar Ártico. Revela o ninho da Gaviões da Fiel, futebol de índio, de mulher, de gay, futevôlei, o Peladão de Manaus, macumba e política. O público brasileiro aprende com essa visão estrangeira dos costumes do país.

SUMÁRIO

1. Prefácio
2. Introdução
3. O jogo no fim do mundo
4. Os pés heroicos
5. A Final Fatídica
6. Encontro das tribos
7. O anjo de pernas tortas
8. Carnaval na torcida
9. Um transatlântico no brejo
10. Dando bola para carros e mulheres
11. Sapos e milagres
12. O gol inconfundível
13. Peladas para todos os gostos

14. Um jogo de dois hemisférios

15. Jabuti de cartola

16. Perdemos porque não ganhamos

17. Diálogo socrático

Em sua Introdução, diz o autor: “Como um bom torcedor, interessei-me imediatamente pelos campeonatos locais. Lia as páginas esportivas, escolhi o meu time e passei a frequentar os estádios. Acompanhar o futebol talvez seja o meio mais eficiente de se integrar na sociedade brasileira.

Como jornalista, foi ficando cada vez mais fascinado com o modo pelo qual o futebol influencia o estilo de vida. E se o futebol reflete a cultura, o que ele acha que faz, então o que no Brasil torna seus jogadores e seus torcedores tão... bem... brasileiros?

Este livro trata disso.

Em primeiro lugar ele queria saber como um jogo britânico trazido para cá há pouco mais de um século pôde modelar com tanta força o destino de uma nação tropical. Como algo assim aparentemente singelo como um esporte de equipe tornou-se o maior fator de unificação do quinto maior país do mundo? Enfim, o que significa viver neste “país do futebol”?

Se o futebol é o esporte mais popular do mundo, e se o Brasil é a Nação mais bem-sucedida neste campo, as consequências desta reputação devem ser particulares e de longo alcance. Nenhum outro país é marcado por um único esporte, ele crê, na mesma medida que o Brasil pelo futebol.

Levou um ano pesquisando. Voou, por dentro das fronteiras do país, o equivalente à circunferência da Terra. Entrevistou centenas de pessoas. Primeiro, os suspeitos de sempre: jogadores e ex-jogadores, dirigentes de clubes, árbitros, olheiros, jornalistas, historiadores e torcedores. Depois, quando realmente quis investigar as entranhas do país: padres, políticos, travestis, músicos, juízes, antropólogos, tribos indígenas e rainhas da beleza. Também entrevistou um homem que vive de fazer embaixadinhas, astros de rodeio que jogam futebol com bois, um torcedor de aparência tão peculiar que vende espaço para anúncios em sua camiseta, e descobriu um plano secreto envolvendo Sócrates e o coronel líbio Muamar al-Kadafi.

Ele não estava interessado em “fatos”, como resultados ou escalações. *No Brasil os fatos não têm tanta importância; é um país construído por histórias, mitos e boatos.* O que se escreve não é - ainda - tão aceito como o

que se diz (um dos costumes do país que mais enfurece, especialmente se você é um jornalista). Ele estava interessado na vida das pessoas e nos episódios que contavam.

O resultado, espera, é um retrato contemporâneo do maior país da América Latina visto através de sua paixão pelo futebol.

Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil

Os estudos de grande abrangência sobre o futebol, ao abordar as questões políticas, sociais, econômicas e comportamentais em torno do esporte, costumam deixar de lado o essencial: *o jogo em si*, aquilo que faz dele atividade capaz de apaixonar bilhões de pessoas em todo mundo. O futebol, tal como foi incorporado, e praticamente reinventado, no Brasil, tem muito a dizer, com sua linguagem não-verbal, sobre algumas das forças e fraquezas brasileiras mais profundas, ajudando a ver sob outra luz questões centrais da formação e identidade do nosso povo.

Temas recorrentes na melhor ensaística brasileira, como a "democracia racial", o "homem cordial" e a deglutição antropofágica do influxo cultural estrangeiro, encontram em *Veneno Remédio - O futebol e o Brasil* (publicado pela Companhia das Letras, em maio de 2008, 446 páginas) leitura original como o corta-luz, o drible de corpo, o lançamento com efeito ou a folha-seca: essas são jogadas que os jogadores brasileiros inventaram ou desenvolveram, improvisando novos caminhos para chegar ao gol e à vitória.

Lançando mão de sofisticado instrumental crítico que bebe na filosofia, na sociologia, na psicanálise e na crítica estética, José Miguel Wisnik traça a evolução do futebol ao longo das décadas. Neste ensaio, craques como Domingos da Guia, Pelé, Garrincha e Romário põem à prova, com sua linguagem não-verbal, idéias sobre o país de escritores como Machado de Assis, Mário e Oswald de Andrade, sociólogos como Gilberto Freyre, historiadores como Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

O futebol, segundo *Veneno Remédio*, não é mero "reflexo" da sociedade, mas tampouco se desenvolve à margem dela. É, como mostra Wisnik, instância em que as linhas de força e de fuga do embate social e da construção do imaginário se apresentam de modo ao mesmo tempo claro e cifrado, como costuma acontecer com as expressões artísticas.

José Miguel Wisnik nasceu em São Vicente, São Paulo, em 1948. É professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo, além de pianista e compositor. Obras publicadas: *Coro dos contrários - a música em torno da semana de 22*. São Paulo, Duas Cidades; *O nacional e o popular na cultura brasileira - música* (com Ênio Squeff). São Paulo, Brasiliense. *O Som e o Sentido*, publicado também pela Companhia das Letras, em 1989, pode ser lido como guia musical. É perfeitamente compreensível ao leigo como história sem nomes ou datas, constantemente apoiada em dois elementos básicos: o recurso à experiência acústica concreta e a comparação com as outras estruturas produtoras de sentido: a língua, o mito, a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Chris & SALLY, David. *Os Números do Jogo: Por que tudo o que você sabe sobre futebol está errado*. São Paulo: Editora Paralela, 2013.

BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 350 p.

CASTRO, Ruy. *A noite do meu bem: a história e as histórias do samba-canção*. São Paulo: Companhia das Letras; 2015.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.

FROER, Franklin. *Como o Futebol explica o Mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2005. 244 p.

GREEN, James. *Revolucionário e gay - A vida extraordinária de Herbert Daniel: Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018. 378 p.

ISAACSON, Walter. *Steve Jobs*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KUPER, Simon & SZYMANSKI, Stefan. *Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia - e até mesmo o Iraque - podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Tinta Negra; 2010.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

MANDELA, Nelson. *Longa Caminhada para a Liberdade: Autobiografia de Nelson Mandela*. Curitiba: Nossa Cultura; 2012. 816 p.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RICHARDS, Keith (com James Fox). *Vida*. São Paulo, Editora Globo, 2010.

SEMPRÚN, Jorge. *Autobiografia de Federico Sánchez* (tradução de Olga Savary). Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979.

TOSTÃO (Dr. Eduardo Gonçalves de Andrade). *Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol*. São Paulo: Companhia das Letras; 2017.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio - O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 446 p.

SOBRE O COMPILADOR

Fernando Nogueira da Costa é Professor Titular do IE-UNICAMP, onde é professor desde 1985.

Participou da direção estratégica de empresa pública como Vice-presidente de Finanças e Mercado de Capitais da Caixa Econômica Federal, entre fevereiro de 2003 e junho de 2007. No mesmo período, representou a Caixa como Diretor-executivo da FEBRABAN - Federação Brasileira de Bancos.

Publicou os livros *Ensaio de Economia Monetária*, em 1992, *Economia Monetária e Financeira: Uma Abordagem Pluralista*, em 1999, finalista do Prêmio Jabuti, *Economia em 10 Lições*, em 2000 – todos estão com edição esgotada –, *Brasil dos Bancos*, em 2012 pela EDUSP (Primeiro Lugar no XVIII Prêmio Brasil de Economia do COFECON - Conselho Federal de Economia em 2012 e finalista do Prêmio Jabuti 2013 na área de Economia, Administração e Negócios), *Bancos Públicos do Brasil* (FPA-FENAE, 2016), *200 Anos do Banco do Brasil: 1964-2008* (2008, edição eletrônica), *Métodos de Análise Econômica* (Editora Contexto: 2018); *Ensino de Economia na Escola de Campinas: Memórias* (IE-UNICAMP: 2018); *Complexidade Brasileira: Abordagem Multidisciplinar* (IE-UNICAMP; 2018) com edição eletrônica, vários capítulos de livros e artigos em revistas especializadas. Coordenou e escreveu capítulos do livro sobre *Mercado de Cartões de Pagamento no Brasil* (ABECS).

Palestrante com mais de duzentas palestras em Universidades, Sindicatos, Associações Patronais, Bancos, etc. Coordenador da área de Economia na FAPESP de 1996 a 2002.

Publicou artigos em jornais de circulação nacional, atualmente, posta em conhecidos sites como GGN, Brasil Debate e CartaMaior.

Seu blog Cultura & Cidadania, desde 22/01/2010, recebeu mais de 7,5 milhões visitas.

(<http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/>)